

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM TEOLOGIA

RICARDO RUBENS FERNANDES DE CARVALHO

**A ESPERANÇA CRISTÃ NA TEOLOGIA DA ESPERANÇA DE  
JÜRGEN MOLTMANN**

RECIFE – PE  
2021

RICARDO RUBENS FERNANDES DE CARVALHO

**A ESPERANÇA CRISTÃ NA TEOLOGIA DA ESPERANÇA DE  
JÜRGEN MOLTSMANN**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia, pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira.

**Área de Concentração:** Teologia Dogmática.

**Linha de Pesquisa:** Literatura Bíblica e Teológica, interpretações.

RECIFE – PE  
2021

C331e Carvalho, Ricardo Rubens Fernandes de  
A esperança cristã na teologia da esperança de  
Jürgen Moltmann / Ricardo Rubens Fernandes de  
Carvalho, 2021.  
96 f.

Orientador: Pedro Rubens Ferreira Oliveira  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de  
Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia,  
2021.

1. Esperança – Aspectos religiosos – Cristianismo.  
2. Escatologia. 3. Ética cristã. 4. Moltmann, Jürgen, 1926-  
I. Título.

CDU – 236

Luciana Vidal - CRB4/1338

RICARDO RUBENS FERNANDES DE CARVALHO

A ESPERANÇA CRISTÃ NA TEOLOGIA DA ESPERANÇA DE  
JÜRGEN MOLTMANN

Dissertação de Mestrado aprovada, como requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Teologia, pela Universidade Federal de Pernambuco, por uma Comissão  
Examinadora formada pelos seguintes professores:



---

Prof. Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira – UNICAP  
(Orientador)



---

Prof. Dr. Degislano Nóbrega de Lima – UNICAP  
(Examinador Interno)



---

Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma – PUC-RIO  
(Examinador Externo)

RECIFE – PE

2021

A todos os homens e mulheres de  
esperança.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus da Esperança que anima e fortalece nossa caminhada como povo seu.

Aos homens e mulheres de esperança, pois neles contemplo a ação de Deus na história.

Ao teólogo Jürgen Moltmann, pela extraordinária oportunidade de podermos conceber a história e o Mistério de Deus a partir da Esperança Cristã.

À minha família que sempre me incentivou de diversas formas, estimulando e apoiando minha vida e vocação.

À Diocese de Santa Luzia de Mossoró, na pessoa do nosso Bispo Dom Mariano Manzana. Às comunidades paroquial, Comunidade Católica Shekinah, e companheiros da Rádio Rural de Mossoró.

À Faculdade Católica do Rio Grande do Norte por todo apoio, suporte acadêmico e incentivo à minha pesquisa e atividade discente e docente.

À Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), pela recepção e acolhida não apenas da minha pesquisa, mas também da minha pessoa.

Aos professores da UNICAP, pela dedicação esmerada à Academia e fomento à pesquisa, produção e socialização de novos conhecimentos.

Ao professor Pedro Rubens pela oportunidade extraordinária de poder ser orientado não apenas academicamente, mas como ser humano, na contínua descoberta do Mistério de Deus.

Aos colegas de turma, pela reciprocidade e fraternidade na vida acadêmica. Pela experiência de comunhão na partilha e troca de experiências.

Aos amigos de caminhada. Particularmente a Pe. Júnior Paiva pela revisão, correção de minha pesquisa, assim como pelo apoio e incentivo sistemático. Pe. Sátiro Dantas, Pe. Charles Lamartine, Pe. Demétrio Júnior, Pe. Cornélio Freire, Pe. Wesceley Pereira, Pe. Francisco Whalison, Yara Linhares, igualmente pela fraternidade e presença benfazeja e frutuosa em minha vida.

Enfim, gratidão a todos que marcam minha trajetória com seu testemunho e virtudes. Me estimulam na busca contínua de Deus e fortalecem minha esperança.

Fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas...



Através da esperança, que é impulsionada sempre para frente pela promessa de Deus, se descobre a provisoriedade escatológica de qualquer pensamento na história. Se a esperança impele a fé à reflexão e à vida, como esperança escatológica ela não pode se distanciar das esperanças orientadas para metas inferiores e alcançáveis, para as mudanças visíveis na vida humana, a ponto de tudo reservar a um outro reino que é o seu futuro supraterrâneo e espiritual. A esperança cristã se orienta para o *novum ultimum*, a nova criação de todas as coisas pelo Deus da Ressurreição de Cristo.

Jürgen Moltmann



## RESUMO

A missão da Igreja no mundo é ser sinal e instrumento de realização do Reino de Vida, Justiça e liberdade prometido por Deus. Essa tarefa confiada por Jesus Cristo, como mandato missionário, não é possível de ser realizada sem a Esperança Cristã. Objeto de estudo desta pesquisa. O Objetivo é demonstrar a pertinência da Esperança Cristã à Luz da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann para o homem contemporâneo. Para tanto, a presente pesquisa, resgata inicialmente a vida e obra do nosso autor, perscrutando sua experiência existencial e sistematização do pensamento teológico no contexto da segunda guerra, e no âmbito das novas discussões teológicas e efervescência científica e cultural de sua época. Moltmann desenvolve uma teologia hermenêutica e contextual, assumindo em seu fazer teológico a esperança cristã como princípio hermenêutico de toda teologia. Nesse sentido, nosso autor resgata a centralidade da Escatologia para a unidade do pensamento teológico. Em sua releitura, Moltmann identifica a escatologia com a Doutrina da esperança Cristã. Partindo desse pressuposto, a presente pesquisa procura inicialmente compreender a antropologia na qual se fundamenta a obra em apreço, para em seguida buscar as raízes bíblico-teológicas da Esperança Cristã. De uma antropologia que concebe o ser humano sujeito da esperança e destinatário da promessa, nosso autor resgata as raízes veterotestamentárias que apontam para o fundamento primordial da Esperança no novo Testamento, o evento de Cristo. Moltmann desenvolve na teologia da Esperança uma Cristologia Escatológica. Nesse sentido é que a esperança enquanto princípio ativo revela perspectivas histórico-transformadoras da realidade. Uma virtude que é assumida historicamente em chave escatológica, a partir da Ética do Reino prometido. O Ethos Cristão se fundamenta na ética da esperança vivida pelo povo de Deus como comunidade do êxodo. Numa missão e vocação na sociedade por meio de uma participação ativa antecipadora do Reino de Justiça, de vida e Liberdade prometido pelo Deus da Esperança, manifestado na Antiga Aliança, mas fundamentado em Cristo Ressuscitado.

**Palavras-chave:** Moltmann, Teologia da Esperança. Esperança Cristã. Escatologia. Ética Cristã. Missão Cristã.

## ABSTRACT

The Church's mission in the world is to be a sign and instrument for the realization of the Kingdom of Life, Justice and Freedom promised by God. This task entrusted by Jesus Christ, as a missionary mandate, cannot be accomplished without Christian Hope. Object of study of this research. The objective is to demonstrate the relevance of Christian Hope in the Light of Jürgen Moltmann's Theology of Hope for contemporary man. Therefore, this research initially rescues the life and work of our author, scrutinizing his existential experience and systematization of theological thought in the context of the second war, and in the context of new theological discussions and scientific and cultural effervescence of his time. Moltmann develops a hermeneutic and contextual theology, assuming in his theological work the Christian hope as the hermeneutical principle of all theology. In this sense, our author rescues the centrality of Eschatology for the unity of theological thought. In his rereading, Moltmann identifies eschatology with the Doctrine of Christian Hope. Based on this assumption, this research initially seeks to understand the anthropology on which the present work is based, to then seek the biblical-theological roots of Christian Hope. From an anthropology that conceives the human being as subject of hope and recipient of promise, our author rescues the Old Testament roots that point to the primordial foundation of hope in the New Testament, the event of Christ. Moltmann develops an eschatological Christology in the Theology of Hope. In this sense, hope as an active principle reveals historical-transforming perspectives of reality. A virtue that is historically assumed in an eschatological key, from the Ethics of the Promised Kingdom. Christian Ethos is based on the ethics of hope lived by the people of God as an exodus community. In a mission and vocation in society through an active, anticipating participation in the Kingdom of Justice, Life and Freedom promised by the God of Hope, manifested in the Old Alliance, but based on the resurrection Christ.

**Key-words:** Moltmann, theology of hope. Christian Hope. Eschatology. Christian ethics. Christian mission.

## ABREVIATURAS

AG	=	<i>Ad Gentes</i> . Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja.
GS	=	<i>Gaudium et Spes</i> . Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de hoje.
LG	=	<i>Lumen Gentium</i> . Constituição Dogmática sobre a Igreja.
F T	=	<i>Fratelli Tutti</i> . Carta Encíclica do Santo Padre Papa Francisco sobre a Fraternidade Universal e a Amizade Social
DSI	=	<i>Compêndio de Doutrina Social da Igreja</i> .

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>PARTE I</b> .....	<b>15</b>
<b>TEOLOGIA DA ESPERANÇA</b> .....	<b>15</b>
<b>VIDA E OBRA DE JÜRGEN MOLTMANN</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>15</b>
<b>ACENOS TEOLÓGICOS E BIOGRÁFICOS SOBRE J. MOLTMANN</b> .....	<b>15</b>
<b>ESPERANÇA QUE NASCE POR TRÁS DO ARAME FARPADO</b> .....	<b>15</b>
1.1 Aspectos Biográficos – “Sob escombros e cinzas” .....	16
1.2 Acenos Teológicos – A dialogia da Esperança .....	19
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>24</b>
<b>APRESENTAÇÃO DA “TEOLOGIA DA ESPERANÇA”</b> .....	<b>24</b>
<b>ESPERANÇA ESCATOLÓGICA: PRINCÍPIO HERMENÊUTICO DA TEOLOGIA DE JÜRGEN MOLTMANN</b> .....	<b>24</b>
2.1 Escatologia e Revelação – Um novo ponto de partida .....	25
2.2 Promessa e História – Uma nova chave hermenêutica? .....	27
2.3 Um Retorno ao Centro – Ressurreição e futuro de Jesus Cristo .....	28
2.4 Escatologia e História – A crise do <i>logos</i> ? .....	30
2.5 Comunidade do Êxodo – A missão de uma esperança peregrina? .....	32
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>35</b>
<b>O HORIZONTE DA ESPERANÇA NO PENSAMENTO DE JÜRGEN MOLTMANN</b> .....	<b>35</b>
<b>A TEOLOGIA DA ESPERANÇA E SUA RELAÇÃO COM O DEUS CRUCIFICADO E A ÉTICA DA ESPERANÇA</b> .....	<b>35</b>
3.1 O Lugar Teológico da Esperança Cristã no Pensamento Moltmanniano – A orientação escatológica da mensagem cristã a partir da esperança. ....	36
3.2 A Esperança da Cruz – A relação dialógica entre Cruz e Ressurreição .....	38
3.3 A Esperança do Reino – A Ética transformadora da Esperança Cristã .....	40

<b>PARTE II .....</b>	<b>44</b>
<b>RELEITURA DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA EM EIXOS TEMÁTICOS .....</b>	<b>42</b>
<b>ANTROPOLOGIA MOLTMANNIANA, RAÍZES BÍBLICAS E ÉTICA CRISTÃ .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>46</b>
<b>PONTO DE PARTIDA ANTROPOLÓGICO DA ESPERANÇA .....</b>	<b>46</b>
<b>O SUJEITO DA ESPERANÇA É O DESTINATÁRIO DA PROMESSA.....</b>	<b>46</b>
1.1 O Ser Humano – Ser inacabado e em contínuo processo histórico .....	46
1.2 A identidade humana oculta na promessa.....	53
1.3 Da apatia humana ao “ <i>phatos</i> ” da Esperança .....	56
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>58</b>
<b>AS RAÍZES BÍBLICO-TEOLÓGICAS .....</b>	<b>58</b>
<b>DO ÊXODO AO CRISTO RESSUSCITADO-CRUCIFICADO .....</b>	<b>58</b>
2.1 As raízes da promessa escatológica e sua universalização .....	60
2.2 A linguagem da Promessa e o evento do êxodo.....	63
2.3 Cristologia escatológica: o Futuro do Reino de Deus .....	65
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>70</b>
<b>PERSPECTIVAS HISTÓRICOS-TRANSFORMADORAS DA ESPERANÇA CRISTÃ.....</b>	<b>70</b>
<b>A ESPERANÇA E A ÉTICA DO REINO .....</b>	<b>70</b>
3.1 Povo de Deus – Comunidade do êxodo .....	73
3.2 A missão da Esperança e a práxis cristã .....	77
3.3 A Ética transformadora da Esperança Cristã .....	82
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

A realidade em que vivemos está caracterizada por uma sociedade desafiada em seus ideais e valores. A crise histórica que se aprofunda em conflitos plurais, nas várias dimensões da vida, exige do homem e da mulher do nosso tempo a capacidade de ressignificação da história. E isto não é possível sem a coragem de enfrentar os desafios que se impõem e sem a esperança de que um mundo melhor é possível.

A história humana é marcada por uma tensão dialética entre o medo e a esperança. Assim foi no êxodo do povo de Deus, assim também acontece em nossa história atual. Nesse sentido, somos impelidos a dar uma resposta aos problemas e desafios que se impõem, na tentativa de superação daquilo que podemos chamar de crise existencial. A tensão entre o medo de enfrentar a realidade e a esperança de mudá-la desafia o ser humano a uma decisão irrevogável: permanecer no medo ou se deixar mover na e pela esperança. O medo tem sua importância, no entanto, deve ser superado, como afirma Moltmann em sua obra *Ética da Esperança*.

No medo está em jogo a nossa vida; na esperança, uma vida plena. O medo desperta todos os nossos sentidos para a percepção das ameaças que se aproximam e prepara nossa razão para identificar nos fatos presentes “os sinais do fim”. Sem essas capacidades, seríamos como as pessoas de Pompeia, que não se deram conta da irrupção do Vesúvio ou não quiseram admiti-la. Conforme a advertência bíblica, estaríamos tão seguros como as pessoas antes do dilúvio, que nada viram chegar (Mt 24, 38.39). Já teríamos morrido há tempo. Uma ética do temor vê as crises; uma ética da Esperança identifica as oportunidades na crise. No excesso de esperança, a tentação é utopismo; no medo, é o alarmismo. (MOLTMANN, 2012, p.17)

O desespero causado por alarmismos pode e deve ser superado pela força motriz da esperança que gera a coragem de enfrentar os medos e os desafios de um futuro desconhecido. Frente às questões “o que podemos esperar”, “o que não podemos esperar”, não temos outra alternativa a não ser tentar respondê-las abrindo caminhos no curso da história, pois como nos diz Zeferino Rocha, “Esperança não é esperar, é caminhar [...]” (ROCHA, 2010, p.119). É próprio da esperança não conhecer pontos. Ela conhece vírgulas, ponto-e-vírgulas, no entanto se identifica mais com as reticências; que se por um lado deixa uma dúvida suspensa, justamente por isto deixa possibilidades; pois indica não apenas um caminho aberto, mas uma possível surpresa, novidade, o desconhecido.

O Papa Francisco, durante audiência geral datada de 26 de Abril de 2017, com o tema “A mãe da esperança”, afirmou:

*A nossa existência é uma peregrinação, um caminho. Até aqueles que são impelidos por uma esperança simplesmente humana sentem a sedução do horizonte, que os leva a explorar mundos ainda desconhecidos. A nossa alma é uma alma migrante. A Bíblia está cheia de histórias de peregrinos e viajantes. A vocação de Abraão começa com essa exortação: “Deixa a tua terra”. E o patriarca abandona aquele recanto de mundo que conhecia bem e que era um dos berços da civilização do seu tempo. Tudo conspirava contra a sensatez daquela viagem. No entanto, Abraão parte. (FRANCISCO, 2018, p.79-80).*

As frustrações históricas que sucederam as grandes expectativas geradas pelo advento da razão na modernidade, fazem emergir na pós-modernidade a problemática existencial de fundo sobre o sentido da vida e da história humana. Nisto é impossível não se deparar com a questão da Esperança. Nesse contexto devemos nos perguntar: em que consiste a Esperança Cristã? Qual o seu lugar e o seu papel na vida humana? O que pode oferecer para a angústia existencial do gênero humano e para o dinamismo histórico? Quais os fundamentos e implicações da Esperança Cristã para a sociedade contemporânea no enfrentamento dos seus desafios.? As inquietações do coração humano buscam respostas que não podem ser ignoradas ou dissimuladas, sob o risco da perda de sentido da existência humana e razão da história.

Diante dessa realidade e das questões que se impõem, sentimos a necessidade de refletir sobre a Esperança Cristã, a partir da perspectiva teológica de Jürgen Moltmann, desenvolvida primordialmente em sua obra: Teologia da Esperança. Postulamos a hipótese da necessidade de uma redescoberta da mensagem cristã da esperança, como força vital de transformação histórica. Uma virtude teologal vivida como princípio ativo da missão cristã no mundo. Frente aos desafios do tempo presente, a Teologia da Esperança, além de nos conduzir a uma releitura teológica da esperança cristã, redimensiona e atualiza a missão histórica da Igreja, dos discípulos e discípulas de Cristo, vocacionados ao anúncio da Boa Nova do Reino prometido.

Nesse sentido, percebemos que inicialmente faz-se necessário analisar a esperança em sua realidade antropológica. A esperança antes de ser uma virtude teológica é um princípio constitutivo do ser. Tendo presente o ponto de partida

antropológico do nosso autor, aprofundaremos as raízes bíblico-teológicas desenvolvidas por Moltmann na Teologia da Esperança. Em razão de sua natureza e raízes teológicas explicitaremos ao final, as perspectivas históricos-transformadoras da esperança cristã, destacando sua relevância e lugar na sociedade. Essas dimensões compõem o núcleo de nossa pesquisa, que foi sistematizada em três grandes eixos temáticos: Antropologia; Bíblia-teologia; e Perspectiva histórica da esperança cristã.

Nossa pesquisa foi desenvolvida considerando duas grandes partes: a primeira, Vida e obra de Jürgen Moltmann, e o horizonte da esperança cristã na relação com o Deus Crucificado e a Ética da Esperança; e a segunda, uma releitura da Teologia da Esperança nos eixos temáticos supracitados.

Na primeira abordagem pontuamos no primeiro capítulo da correspondente primeira parte, aspectos da biografia de nosso autor, que se tornaram fundamentais para o seu pensamento. No segundo capítulo, destacamos acenos teológicos, contextualizando sua teologia no ambiente cultural e sócio-ecclesial, que suscitou o surgimento da Teologia da Esperança.

Em sua biografia, veremos que a dor e o sofrimento, experimentados como prisioneiro de guerra em campo de concentração, estão na base de todo o seu pensamento como um *locus teológico*. Não apenas um “lugar de fala”, mas “um princípio hermenêutico existencial-teológico”. Moltmann se reporta sempre, não apenas em suas obras, mas em conferências pelo mundo, à crise existencial vivida durante a segunda guerra. Crise que abalou conceitos e se tornou uma experiência vital para aquele que seria futuramente conhecido como o “Teólogo da Esperança”. Sem conhecer sua história de vida, não é possível conhecer seu pensamento teológico, caracterizado como uma Teologia hermenêutica contextual.

Os acenos teológicos provenientes da experiência com novas correntes do pensamento filosófico, antropológico e teológico no pós-guerra, nos mostrarão não apenas o desenvolvimento de sua teologia, como também a renovação de seu pensamento em função da repercussão da Teologia da Esperança em vários setores da sociedade. O que demonstra a relevância e importância de sua obra, para além das fronteiras da ciência teológica e do mundo acadêmico. Os reflexos na sociedade e releituras da esperança a partir da esperança escatológica postulada por Moltmann, alcançaram a literatura, a pedagogia, a psicanálise, e outras áreas do saber científico.



Na segunda parte, em que desenvolvemos os eixos temáticos divididos em três capítulos específicos, analisamos inicialmente no primeiro capítulo, a antropologia subjacente ao pensamento moltmanniano. Nela o ser humano é concebido como sujeito da esperança e destinatário da promessa. Sujeito historicamente inacabado e aberto ao futuro. Capaz de superar a apatia ou desespero pelo “pathos da esperança”. Um ser em contínuo processo histórico e que tem uma identidade oculta na promessa.

No eixo-temático bíblico-teológico, que corresponde ao segundo capítulo, intencionamos perscrutar as raízes da promessa escatológica e como se deu sua universalização nos acontecimentos históricos, reinterpretados à luz do êxodo. Evento fundante do povo de Israel, e no qual se explicita a linguagem da promessa. Segundo Moltmann a esperança cristã tem suas raízes bíblico-teológicas primeiramente no êxodo do povo de Israel onde Deus se revela como Deus da Promessa, e de forma fundamental no evento pascal de Cristo; sendo o êxodo a base, e o mistério pascal o motivo para a esperança que nutre a vida do cristão e transforma a história. As raízes veterotestamentárias da promessa são a base para a cristologia escatológica, presente na Teologia da Esperança. Nela, nosso autor reflete o futuro do Reino de Deus a partir de Cristo, o *éschaton*. Temos assim, do êxodo ao Cristo ressuscitado-crucificado, o desenvolvimento e revelação da esperança escatológica que caracteriza a esperança cristã.

Nossa última análise se revela, no terceiro capítulo da segunda parte, como consequência da concepção e acolhida dos eixos anteriores. As Perspectivas históricas transformadoras da Esperança cristã a partir da ética do Reino. Ética que corresponde ao *ethos* do discipulado, vivido e testemunhado pelo povo de Deus como comunidade do êxodo. A promessa do Reino desperta a missão da esperança. Moltmann se refere em suas obras a uma *promissão*, como práxis cristã, que se realiza por meio de uma ética transformadora da realidade.

Nossa pesquisa visa demonstrar a pertinência e implicações da esperança cristã para o homem e a mulher do nosso tempo. Assim como constatar que a esperança do Reino prometido se realiza na história por meio de uma práxis transformadora. Essa investigação intenciona trazer luzes para uma melhor compreensão da temática em apreço, no contexto socio-cultural-elesial em que vivemos, a partir da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann.

## **PARTE I**

### **TEOLOGIA DA ESPERANÇA VIDA E OBRA DE JÜRGEN MOLTMANN**

A Esperança cristã se desvela no pensamento e na vida de Jürgen Moltmann pelo encontro entre a experiência dolorosa no cativeiro da guerra e as novas abordagens científicas que despontavam em sua época. Mais precisamente no âmbito da Antropologia e da Teologia.

O desenvolvimento de novas compreensões a respeito da existência humana e da Revelação de Deus, metade do século XX e no contexto da segunda guerra, estão na base da ressignificação que nosso autor faz da Escatologia. E em função dessa releitura e nova perspectiva, encontramos a Esperança Cristã como princípio hermenêutico de sua Teologia.

## **CAPÍTULO I**

### **ACENOS TEOLÓGICOS E BIOGRÁFICOS SOBRE J. MOLTMANN ESPERANÇA QUE NASCE POR TRÁS DO ARAME FARPADO**

Moltmann desenvolve uma teologia hermenêutica e contextual, fruto de sua experiência marcada por uma crise de fé e de sentido da vida. A experiência dolorosa em campo de concentração refletiu não apenas sobre o sentido de sua vida, mas sobre o sentido também da existência humana e do conhecimento de Deus. A experiência pessoal da dor e da morte despertaram sua vivacidade e criatividade teológicas. Nesse sentido é que também se entende o caráter hermenêutico de sua teologia. A partir de sua própria história, reinterpretada à luz da fé, podemos conceber uma transmissão criativa da própria fé e da Revelação gratuita de Deus.

Não há transmissão viva da fé sem reinterpretação criativa. Trata-se de fazer de tal modo que a Revelação como irrupção gratuita da

Palavra de Deus seja um acontecimento sempre atual, quer dizer: não a transmissão de um passado morto, mas uma palavra viva que seja “espírito e vida” e que seja interpretativa para o homem de todo tempo (GEFFRÉ, 2009, p.6)

Nessa experiência histórica vivida por Moltmann, as concepções tradicionais e imagens de Deus entraram em conflito com sua própria consciência. Entram em discussão crítica o sofrimento humano e a impassividade de Deus.

No âmbito das efervescentes discussões científicas de sua época e transformações culturais no pós-guerra, nosso autor sistematiza a Teologia da Esperança. “[...] outro rebento escatológico surge com a teologia da Esperança de J. Moltmann. Inspirando-se no filósofo marxista E. Bloch, reabilita a categoria de Futuro. (LIBÂNIO e BINGEMER, 1985, p. 67). A obra em apreço resgata a centralidade da Esperança Cristã no pensamento teológico e na vida do nosso autor, na perspectiva de um futuro enquanto antecipação do Reino prometido. Do caráter hermenêutico aberto do pensamento de Moltmann decorre o aspecto dialógico de sua teologia, assim como de sua própria vida.

### 1.1 Aspectos Biográficos – “Sob escombros e cinzas”

Considerado o “fundador” da Teologia da Esperança, Jürgen Moltmann, nascido aos 8 de Abril de 1926 num lar protestante liberal, em Hamburgo na Alemanha, é convocado aos 16 anos com demais colegas para servir ao Exército. Não poderia certamente imaginar, aquele jovem que pretendia estudar matemática e física; tinha Max Planck e Albert Einstein como “heróis secretos da juventude”, que a experiência cruenta e desumana da guerra, “sob escombros e cinzas”, se tornaria um *locus teológico* que aproximaria religião e teologia. Antes, distantes em sua vida (Cf. AGUIAR, 2019, p. 30-31). Permaneceu prisioneiro, após sua captura em 1945 pelos Ingleses na Bélgica, até 1948; depois de passar da Bélgica, pela Holanda, Escóssia, e finalmente o campo de concentração Norton Camp, na Inglaterra. Essa trajetória existencial foi fundamental para uma nova trajetória humana e posterior pensamento teológico sinalizado por ele mesmo.

Eu pertenço à última geração da guerra da Alemanha: em 1943, aos 16 anos sobrevivi a um bombardeio aéreo que deixou minha cidade natal Hamburgo sob escombros e cinzas; aos 17, recebi uma arma e fui enviado à frente de guerra; com 18 anos fui preso e fiquei mais de 3 anos em uma prisão de guerra. Em 1943, 40.000 pessoas queimaram em Hamburgo. Cerca de 40.000 Judeus foram assassinados por alemães da SS nos campos da Bielorrússia. Para mim, o extermínio, do qual eu de um jeito ou de outro fui testemunha estendeu-se não somente sobre as pessoas, as vítimas ou os algozes, mas também chegou até o mais íntimo da divindade. (MOLTMANN, 2020, p.14).

Moltmann se questionava sobre a relação entre os conceitos tradicionais, morais e teológicos sobre Deus e a realidade da guerra que o fez sucumbir numa crise da alma (MOLTMANN, 2020, p.14). Nessa crise se dá o encontro com a esperança, princípio hermenêutico fundamental de toda uma epistemologia teológica por ele desenvolvida. Ou seja, um caminho de conhecimento e reflexão sobre o mistério de Deus, a partir de um método próprio que nasce de sua própria experiência existencial de abandono, sofrimento, dor e morte.

Tal experiência marcou profundamente o encontro de Moltmann consigo mesmo e com o mundo que o cercava naquele instante, cuja verdadeira realidade era abstraída da juventude alemã e de grande parcela da sociedade pelos nazistas e seus ideais. Este momento marcou também o encontro do jovem Moltmann com Deus, alguém que ainda era desconhecido para ele, mas que aos poucos se revelava em esperança, para um novo começo, para uma nova vida. (KUZMA, 2013, p.17).

Essa experiência nunca esquecida por nosso autor e sempre resgatada em suas obras, o conduz ao encontro com um Deus crucificado por meio de uma Bíblia que recebera como presente de um capelão do exército Inglês (Cf. AGUIAR, 2019, p. 37). O Salmo 39 e o Evangelho de Marcos o faz penetrar no grito de abandono de Cristo na Cruz. Nosso autor se identifica com o clamor do “abandonado de Deus por Deus” (AGUIAR, 2019, p.37). A proximidade da dor desperta em Moltmann a reflexão teológica sobre a impassividade de Deus na Pessoa de Cristo.

À noite, li primeiro os Salmos de lamentação do Antigo Testamento. Com a leitura do Sl 39 (v.3,5,12). Me senti tocado. Isso foi ao fundo da minha alma. Depois, li o Evangelho de Marcos e encontrei a passagem que menciona o grito de morte de Jesus “Meu Deus, por que me desamparaste?”. Eu comecei a entender o Jesus que foi atribulado por

Deus, exatamente porque me senti entendido por ele. (MOLTMANN, 2008, p.11).

Há para Moltmann uma correspondência entre o sofrimento de Cristo e o flagelo das vítimas da Guerra, como expressão da solidariedade de Deus com a humanidade decadente. Sua dor e a angústia com o genocídio em Auschwitz<sup>1</sup> despertou uma crise de fé, abalando as certezas do futuro Teólogo da Esperança. “O meu mundo interior desabou. Eu recolhi meu coração que sangrava dentro de uma carapaça a de imperturbabilidade e apatia” (MOLTMANN, 2008, p.10). Nasce dessa forma, por “trás do arame farpado” e dos muros impostos pela guerra, a esperança como companheira inseparável de sua vida e pensamento teológico.

Como podemos notar, há uma experiência fundante para a teologia de J. Moltmann que se desenvolve desde o horror da guerra e da desolação da prisão, que denotam o não de Deus e a Sua face obscura – pois por Ele se perguntava, se gritava e, no momento, não conseguia respostas, senão a crescente /apatia e resignação –, passando pelo encontro com o Crucificado, o Filho abandonado pelo Pai na cruz que, igualmente, gritava e não escutava a voz do Pai – como a escutava no batismo no Rio Jordão, nas orações, na transfiguração – chegando a uma imagem de Deus capaz não somente de suscitar a esperança, mas de nutri-la. J. Moltmann fez, a partir de sua história, a experiência da Encarnação do Verbo que revela a paixão de Deus, Seu amor que também sofre (CUNHA, 2017, p.26)

Nosso autor aos poucos descobre a esperança escondida por trás dos muros, mas revelada na fé do Cristo ressuscitado e crucificado. Ao ver em si mesmo e nas demais vítimas, traços semelhantes com Aquele que outrora, por nós, fora crucificado e morto, a esperança passou a ter outro significado. Por isso que, para ele, “falar de Deus depois de Auschwitz é fundamental, pois a esperança neste Deus foi a única coisa capaz de fazer alguém sobreviver a esses tormentos, ou, talvez, a única coisa em que esperavam aqueles que morreram por causa desses” (KUZMA, 2013, p.28).

---

<sup>1</sup> Moltmann foi transferido como prisioneiro ao final da guerra para Norton Camp pelos Ingleses, como relatamos anteriormente; no entanto, os relatos que surgiam dos campos de concentração de Auschwitz, escandalizou o mundo, e muitos se perguntavam, a partir de Emmanuel Lévinas (1906-1995): “É possível falar de Deus, depois de Auschwitz”? Ao que Moltmann por sua vez questionava: “É possível Não falar de Deus, depois de Auschwitz”? (Cf. KUZMA, 2013, p.25).

A esperança reencontra seu lugar existencial a partir do encontro crítico com o mistério de Deus.

Entre os anos de 1946 e 1948, no campo de Norton Camp, proximidade de Nottingham, Moltmann estudou Teologia com professores prisioneiros que tinham interesse na formação de novos pastores para a Alemanha (Cf. AGUIAR, 2019, p.40). Ao voltar para a Alemanha como cristão, entra em contato na Universidade de Göttingen com a teologia e filosofia. Sua adesão à doutrina reformada da justificação e a teologia da Cruz de Lutero, acontece através de Hans Joachim Iwand, estudioso sobre Lutero; e exegetas bíblicos Gerhard Von Rad, e Ernst Käsemann. (AGUIAR, 2019, p.40). Na mesma Universidade de Göttingen, em 1952, é titulado Doutor em Teologia.

## 1.2 Acenos Teológicos – A dialogia da Esperança

A Teologia de Moltmann é desenvolvida de forma muito peculiar, não correspondendo ao fazer teológico tradicional, mais caracteristicamente sistemático. A partir de sua experiência existencial de Deus e consigo mesmo na realidade em que vivia, mais propriamente em campo de concentração durante a segunda guerra mundial, nosso autor reinterpreta o princípio esperança de Ernst Block em perspectiva Escatológica, aplicando-o a um método próprio de elaboração teológica.

A dor e o seu sofrimento como prisioneiro de guerra se tornaram uma chave hermenêutica. Encontra-se em Moltmann um fazer teológico que brota da realidade, com ela encontra convergência, e para ela se dirige. “Para ele, somente quem já esteve face a face com a morte e teve de clamar a Deus sabe que não poderá fazer uma teologia reservada e individual” (KUZMA, 2013, p.28)<sup>2</sup>. Sua trajetória teológica é de caráter contextual e hermenêutico. Enraizada, a partir de sua própria experiência na história humana; ou seja, na práxis da vida. “Pode-se notar em sua forma de argumentar a escatologia um desejo profundo de compreender o Reino de Deus e sua consumação escatológica, mas não sem um olhar profundo e coerente da história”

---

<sup>2</sup> Cf. KUZMA, César. O teólogo Jürgen Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança. Acenos teo-biográficos. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil **Atualidade Teológica**, p.28. Ano XVII nº 43, janeiro a abril/2013.

(MARTINELLI e LIMA, 2017, p.42). No prefácio da obra Deus Crucificado, para publicação no Brasil, Levy da Costa Bastos<sup>3</sup> enfatiza esse caráter não convencional do nosso autor.

Quem se “aventurar” (aventura benfazeja, diga-se de passagem) a ler os textos de Moltmann não encontrará uma estrutura teológica convencional. Ele não é um teólogo sistemático como os outros. Seu “sistema” se construiu como uma metáfora da vida. Ele não escreveu dogmáticas com os *loci* tradicionais. Seu sistema foi sendo feito à medida em que a realidade (com todas as suas ambiguidades) foi estabelecendo questões. JÜRGEN MOLTMANN, na verdade, nunca pretendeu elaborar uma teologia no sentido clássico do termo. Antes com isso desejou sempre estar em constante diálogo com o seu tempo (*Zeitgeist*). (MOLTMANN, 2021, p.8).

O ambiente teológico em que se deu o desenvolvimento da Teologia da Esperança era marcado pela preocupação com a elaboração de uma teologia sistemática de fundamento bíblico. Moltmann estava atento às novas correntes filosóficas, teológicas e antropológicas que permeavam o pensamento teológico no pós-guerra. Controvérsias entre Von Rad e Bultmann, estão na base do contexto teológico da sistematização da Teologia da Esperança, como afirma Edgar Silva.<sup>4</sup>

A estruturação da «Teologia da Esperança» desenvolve-se de forma explícita e mais sistemática entre os anos de 1958 e 1964, quando se intensificou e aprofundou a reflexão entre os editores do periódico «Evangelische Theologie», através das controvérsias existentes entre a Teologia do Antigo Testamento, de Gerhard von Rad, e a Teologia do Novo Testamento, de Rudolf Bultmann, com o objetivo de chegar a uma teologia sistemática que fosse bíblicamente fundamentada. (SILVA, 2017, p.51).

Ao assumir o princípio esperança de Block, reinterpretando-o em chave escatológica como princípio hermenêutico da teologia, nosso autor desperta uma

---

<sup>3</sup> Levy da Costa Bastos é Doutor em Teologia pela PUC-Rio (2004), onde também recebeu o Título de Mestre (1997). É doutor em Literatura alemã pela UFF (2019). É bacharel em língua e literatura alemã pela UFF. Foi missionário na Igreja metodista da Alemanha, onde foi também professor-visitante no Reutlingen theologische Hochschule em 1993-1994. Atualmente é diretor do Seminário metodista César Da corso Filho no Rio de Janeiro, onde ensina Teologia sistemática e História da Igreja. Tem vários artigos e obras publicadas sobre a Teologia de Moltmann (alguns citados na referência bibliográfica desta pesquisa); assim como, tem participado em seminários e palestras no Brasil e em conferências internacionais.

<sup>4</sup> Edgar Freitas Gomes Silva, defendeu sua dissertação de Mestrado em Estudos da Religião - Especialização em Estudos de História do Cristianismo, pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, Faculdade de Teologia com o Tema: A responsabilidade da Esperança. A Teologia da Esperança e a trajetória ensaiada por Jürgen Moltmann.

ampla discussão em ambientes acadêmicos, movimentos sociais e diversas correntes teológicas. “O princípio teológico fundamental que orienta o pensamento de Moltmann, o qual se confronta de modo frutuoso com E. Bloch, é constituído pela primazia da Esperança, que delinea o horizonte global da fé cristã” (ANCONA, 2013, p. 214). A repercussão de sua obra, por outro lado, o conduziu a novas compreensões sobre a esperança cristã. Seu pensamento teológico se renovou e ampliou em novas perspectivas de leitura e aplicação na sociedade.

Em algumas vezes, durante os anos que se seguiram pós-obra, ele mudou de posturas em relação à esperança, fato que ocorreu pelo retorno que sua obra lhe trouxe quando entrou em contato com outros horizontes e com outras visões hodiernas da teologia. Por estas visões hodiernas da teologia entendemos os movimentos e correntes teológicas que o autor manteve diálogo ao longo de sua vida, conforme ele mesmo destaca várias vezes: a Teologia da Libertação, a Teologia Política, a Teologia Negra, a Teologia Feminista, etc. (KUZMA, 2009, p.447).

Moltmann reconhece o aprofundamento, mudanças de perspectivas de leituras e desenvolvimento de seu pensamento em diálogo com as diversas áreas da teologia e movimentos sociais. Identifica pelo menos duas razões básicas para a influência da Teologia da Esperança nas diversas correntes teológicas e na sociedade em geral, ao assumir a partir de sua teologia, o princípio ativo da esperança cristã. Esperança enquanto práxis transformadora.

Nesta influência da Teologia da Esperança em outras teologias, o autor diz que tal experiência retornou para ele de modo diferente, o que contribuiu para que tivesse uma abertura maior dentro do horizonte teológico. Em muitos lugares em que a Teologia da Esperança foi apresentada, sua esperança foi traduzida por ação, pelo fato de sua efetividade se confrontar com o contexto atual. Sobre o que fez surgir esta influência ele supõe duas hipóteses: primeiramente, a perspectiva coerente da libertação histórica e, depois, a redenção escatológica que dela provém. (KUZMA, 2009, p.451).

O aspecto dialogal do pensamento de Moltmann se expressa no caráter interconfessional, ecumênico e cultural de sua vida e obras. “Sempre estive envolvido no diálogo ecumênico entre católicos, cristãos ortodoxos, Judeus e marxistas [...]”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>Eugênio Pacelli Correia Aguiar, é religioso Jesuíta, graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco



(AGUIAR, 2019, p.43). E ainda, “O diálogo de Moltmann com a tradição teológica cristã é ecumênico na medida em que se vale tanto das fontes evangélicas quanto ortodoxas e ocidentais” (JOSIAS, 2004, p.17). A grande repercussão e o caráter dialógico da Teologia da Esperança, aproximou-o não apenas de pensadores e teólogos europeus, asiáticos e orientais, mas no chamado terceiro mundo, da Teologia Latino-Americana, compreendida como teologia da práxis. Considerando as características e perspectivas distintas, César Kuzma aponta, ao menos seis aproximações entre ambas as teologias<sup>6</sup>. Entre elas destacamos aquela que relaciona a partir do Cristo Ressuscitado-Crucificado, a esperança com a libertação.

Tanto para a TdE quanto para a TdL o Cristo ressuscitado é o Cristo crucificado, e vice-versa. Esse é um ponto básico para a fé cristã. A ressurreição não anula a cruz, mas a enche de conteúdo escatológico, dá-lhe sentido e garantia. Ao olharmos a ressurreição estamos diante do futuro prometido, que por graça de Deus nos é antecipado escatologicamente. Firma-se a nós em promessa, orienta-nos para a vida e para a certeza da salvação. (KUZMA, 2014, p.144).

A influência da Teologia da Esperança ultrapassa as fronteiras do pensamento teológico e alcança a Literatura - diálogo entre Teologia e literatura, em *Vidas Secas* de Graciliano por Joancio Fernando Bauwelz;<sup>7</sup> a Pedagogia; a Psicanálise, e outros campos do conhecimento humano a partir da interpretação da esperança escatológica desenvolvida por Moltmann. No âmbito da pedagogia, destacamos o artigo: *Educação e esperança na formação docente: diálogos entre a Pedagogia e a Teologia*<sup>8</sup>, de Alveri Ahlert, da Faculdade de Brasília, que cita Gustavo

---

(Unicap). Como resultado de sua dissertação na Unicap, publicou pela Ed. Paulinas em parceria com a Católica de Pernambuco, a obra “Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano – uma leitura de o Deus Crucificado de Jürgen Moltmann”. Na referida obra, o autor desenvolve os temas centrais da “*Teologia Crucis*” de Moltmann.

<sup>6</sup> Em sua obra “O futuro de Deus na missão da Esperança, uma aproximação escatológica, César Kuzma desenvolve seis aspectos que para ele mostram convergência entre a TdE e A TdL no contexto atual. A Esperança; da Esperança ao Deus da Esperança; do Deus da Esperança ao Deus libertador; no Cristo ressuscitado e Crucificado-esperança e libertação; Em cristo o caminho do Reino de Deus; e, na missão da esperança. Preferimos destacar como exemplificação do caráter dialogal da teologia da Esperança de Moltmann e sua repercussão, a “quarta aproximação” analisada por Kuzma.

<sup>7</sup> Na obra: *Pessoa, Lugar e Esperança: Teologia e literatura em Vidas Secas*, de Joancio Fernando Bauwelz, temos um diálogo entre Teologia e Literatura na obra de Graciliano Ramos. O autor dá ênfase no IV capítulo à Esperança Cristã no contexto do sofrimento das personagens, interpretando a Obra *Vidas Secas* como uma Teologia da Esperança. Uma releitura de Moltmann a partir de Graciliano Ramos na Obra *Vidas secas*. Editora Universitária da PUCRS. 2019.

<sup>8</sup> O artigo de Ahlert, publicado na revista da Faculdade de Brasília, versa sobre a interdisciplinaridade entre a pedagogia e a Teologia, partindo da relação entre a Pedagogia da Esperança de Paulo Freire e Teólogos Latino-americanos, destacando a importância da dimensão da esperança para a formação docente, na perspectiva de uma ressignificação de sentidos e transformação social. (Cf. AHLERT,

Gutiérrez em referência a Moltmann, ressaltando a importância da relação entre teólogos e pedagogos socialmente engajados na América Latina, para a interdisciplinaridade e transformação da realidade.

[...] Gutierrez saúda a obra do teólogo alemão Jürgen Moltmann, intitulada Teologia da Esperança, afirmando que a mesma “é, sem sombra de dúvida, das mais importantes da teologia contemporânea” (Gutierrez, 1983, p.183). A teologia da Esperança tornou-se instrumento importante para a teologia latinoamericana pensar seu papel libertador e seu engajamento revolucionário para a transformação das realidades de opressão e pobreza (AHLERT, 2011, p. 72)

Em artigo científico sobre formação docente numa perspectiva trilogica, o prof. Doutor Bruno Pontes da Costa<sup>9</sup> analisa a importância da esperança teológica e antropológica para a formação docente, relacionando a Teologia da Esperança de Moltmann e a Pedagogia da Esperança de Paulo Freire, numa perspectiva dialógica com a psicanálise. Segundo o autor: “Expondo a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann, e da Pedagogia da Esperança de Paulo Freire, como fonte de possibilidades na formação cidadã e crítica humana” (COSTA). A Esperança assim é contextualizada de forma dialógica, em tríplice relação entre Teologia, Pedagogia e Psicanálise.

Evidencia-se dessa forma, a relevância da Teologia da Esperança de Moltmann para o conhecimento humano em suas várias dimensões e para a sociedade, a partir de uma nova perspectiva da escatologia. “[...] pode-se dizer que com Pannenberg e Moltmann, ao menos para o âmbito protestante, estamos no cume de todo o processo de renovação da escatologia cristã que marca o século XX” (ANCONA, 2013, p.215). A aplicação do pensamento Teológico de Moltmann em situações concretas da existência humana nas múltiplas relações sociais demonstra a importância do sentido da esperança para a vida e a pertinência da Teologia da Esperança para a formação de um saber crítico e transformador da realidade.

---

p.61). É nesse contexto que o autor cita o chamado “pai da Teologia da Libertação”, Gustavo Gutiérrez, destacando a relevância da Teologia da Esperança de Moltmann para a sociedade em geral.

<sup>9</sup> Doutor e mestre em Ciências da Educação pela Absoulute Christian University (Orlando) e em Teologia pela FEST, Especialista em Ética, Subjetividade e Educação e Bacharel em Teologia pela Faculdades EST, Bacharel em Ciências Sociais pela University of Dublin (Califórnia), Licenciado em Pedagogia e Letras Clássica (Grego e Latim) pela UFPB, CSS em Segurança Pública e Privada (FIB)..

Os acenos teológicos e biográficos que brevemente apontamos, não são suficientes para alcançar a profundidade e grandeza não apenas de sua obra e pensamento, mas também a densidade de sua experiência existencial. No entanto, podemos perceber a conexão entre vida e obra; assim como as chaves hermenêuticas de seu pensamento teológico. Chaves que postulamos desenvolver em nossa pesquisa através de três eixos temáticos, anteriormente citados.

Para tanto, intencionamos abordar antes, no próximo capítulo, a relação existente entre três obras correlatas de nosso autor, a saber: Teologia da Esperança, Deus Crucificado e Ética da Esperança. Como Moltmann relaciona esperança cristã e sofrimento de Deus? Como entender a esperança cristã na dialética entre “crucificado-ressuscitado” e, “ressuscitado-crucificado”? Qual o lugar da Teologia da Esperança no conjunto de sua obra? Essas e outras questões, as desenvolveremos partindo do princípio esperança como chave hermenêutica de todo o seu pensamento.

## **CAPÍTULO II**

### **APRESENTAÇÃO DA “TEOLOGIA DA ESPERANÇA”**

#### **ESPERANÇA ESCATOLÓGICA: PRINCÍPIO HERMENÊUTICO DA TEOLOGIA DE JÜRGEN MOLTSMANN**

Após uma introdução, com o título “meditação sobre a esperança”, Moltmann desenvolve sua obra em cinco capítulos: Escatologia e Revelação; Promessa e História; Ressurreição e Futuro de Jesus Cristo; Escatologia e História; e, Comunidade do Êxodo.

Inspirado no “princípio esperança” de Ernst Bloch, Moltmann revisita a tradição teológica, em “diálogo” com filósofos e teólogos, tais como: Weiss, Schweitzer, Kant, Hegel, Heidegger, Hermann, Panneberg, Barth, Bultmann, Balthasar e outros, destacando a necessidade de uma reformulação conceitual para categorias como “História”, “Revelação”, “Tradição”, “Razão”, “Subjetividade”, na perspectiva da compreensão da própria Doutrina Cristã como Escatologia.

A Teologia da Esperança tem seu fundamento nos paradigmas da Promessa e da Morte e Ressurreição de Jesus. Nesse contexto, “A promessa e a esperança se tornam em Moltmann fatores definitivos não só de sua visão escatológica, mas de sua teologia como todo” (MARTINELLI e LIMA, 2017, p.44). Ambas perpassam, como veremos toda a obra. Esperança cristã, para nosso autor, é o princípio hermenêutico do Cristianismo.

## 2.1 Escatologia e Revelação – Um novo ponto de partida

No primeiro capítulo de sua obra, Moltmann analisa a relação entre Escatologia e Revelação, reinterpreta dessa forma, a doutrina cristã da esperança, no contexto de uma nova compreensão da História.

Partindo da redescoberta da dimensão escatológica da totalidade da mensagem cristã, nosso autor nos leva à compreensão da Revelação como promessa escatológica fundada no mistério da morte e Ressurreição de Cristo, apontando a Revelação não como algo que simplesmente explica a história, mas que interfere no processo histórico.

A revelação da realidade e natureza de Deus, portanto, depende inteiramente do real cumprimento da promessa, e vice-versa, o cumprimento da promessa tem o seu fundamento de realidade e possibilidade na fidelidade e no ser de Deus. Por conseguinte, a “promessa” não tem, em primeira linha, a função de iluminar a realidade existente no mundo ou no homem, de interpretá-la, de trazê-la à verdade e suscitar, pela compreensão racional, a aceitação do homem, mas, antes, em oposição à realidade presente, ela manifesta a sua própria tendência em direção ao futuro de Cristo, que se refere tanto ao mundo como ao homem. (MOLTMANN, 1971, p.90).

Segundo Moltmann a linguagem da escatologia não corresponde ao *logos* Grego, mas a promessa (MOLTMANN, 1971, p.32); ou seja, ao pensamento judaico-cristão. Moltmann recorre à *promessa* enquanto linguagem determinante para o “princípio esperança”, que por sua vez, é o fundamento da mensagem cristã. Caracterizando-se assim como “esperança escatológica”; em que a escatologia não é um apêndice da dogmática, mas identifica-se com o próprio cristianismo.

A linguagem da *promessa*, segundo Moltmann, é imprescindível para compreender a Revelação de Deus em sentido escatológico, superando o “formalismo teológico da teologia da revelação” em confronto permanente com a “teologia natural”, sobre a demonstrabilidade ou indemonstrabilidade de Deus; partindo da teologia

vetero-testamentária recente que associa “revelação de Deus” à “promessa de Deus” na fé do povo de Israel.

Foi a Teologia vétero-testamentária mais recente, que demonstrou que as palavras e expressões que falam do “revelar-se de Deus” no Antigo Testamento estão sempre ligadas a conceitos que falam da “promessa de Deus”. Deus se revela sob a forma de promessa e pela história da promessa [...] No estudo comparativo das religiões, ao se considerar a peculiaridade da fé Israelita, aparece hoje em dia mais e mais a grande diferença entre sua “religião da promessa” e as “religiões de epifania dos deuses reveladores no meio ambiente em que Israel vivia. (MOLTMANN, 1971, p.34).

Nesse sentido, destaca-se no pensamento do nosso autor, que a categoria “História” não é condicionada pelo tempo em si, mas pelo “futuro escatológico”, fundamentado na promessa, e na Morte e Ressurreição de Jesus. Esta última, como fonte que alimenta a esperança. A promessa, enquanto linguagem da escatologia, e “sentido da Revelação de Deus” (MOLTMANN, 1971, p.34), se manifesta na Ressurreição de Cristo e abre uma nova perspectiva histórica, que ultrapassa os limites da Igreja.

Se a “revelação” ligada às aparições pascais não se refere a um processo fechado em si mesmo ou à presença da eternidade, então deve ser entendida como uma revelação aberta, que aponta e leva para a frente. Esta abertura escatológica não é cumprida, vivida e terminada pela Igreja que lhe segue no tempo, nem pela sua história. Se a revelação do Ressuscitado está aberta em direção ao *seu próprio* futuro, esta abertura frente ao futuro supera toda a história subsequente da Igreja e simplesmente a ultrapassa. (MOLTMANN, 1971, p.93).

A relação estabelecida por Moltmann entre escatologia e revelação, no contexto de uma nova compreensão da história, resgata a promessa como linguagem capaz de superar o pensamento mecanicista ou fatalista, e dar legitimidade à esperança cristã, como princípio ativo que move o ser humano na perspectiva do futuro prometido por Deus, revelado na ressurreição de Cristo que abre um novo sentido para a história.

Mas, como compreender a promessa no sentido bíblico em relação a nova concepção da História?

## 2.2 Promessa e História – Uma nova chave hermenêutica?

Ao considerar a promessa como linguagem da escatologia, Moltmann, no segundo capítulo, postula uma nova concepção de história, a partir da experiência original do povo de Israel; e de sua relação diferente com o tempo. Dessa relação brota a “palavra da promessa”, enquanto revelação de Deus, que impulsiona sempre novas experiências, no horizonte da esperança escatológica.

A história, determinada e orientada pela promessa, não consiste no retorno das mesmas coisas, mas tem uma tendência bem definida para o cumprimento prometido, embora ainda ausente. Esta direção irreversível não é determinada por forças que cegamente impulsionam, ou por uma evolução com suas próprias leis, mas pela palavra que a proferiu e que mostra o livre poder e a fidelidade de Deus. (MOLTMANN, 1971, p.114).

A história de Israel é marcada por uma constante tensão entre promessa e cumprimento. Tensão esta que não é superada pelo simples desenrolar da história. Segundo Moltmann, “promessa e história são processos de reciprocidade, em que as tradições recebidas sobre as promessas contribuíam para a assimilação das novas experiências históricas” (MOLTMANN, 1971, p.124). Dessa forma, não se concebe uma compreensão fechada da história, mas aberta ao Deus da promessa. Nessa relação, a palavra influencia a história através de cada geração que se move pela esperança.

Entre promessa e cumprimento se estende o processo da influência da palavra na história, isto é, eventos em que a promessa é interpretada e atualizada, transmitida às gerações futuras, sendo cada nova geração encaminhada em direção ao futuro em esperança e obediência. (MOLTMANN, 1971, p.125).

A fé e a esperança do povo de Israel, fundadas na “palavra da promessa”, enquanto revelação de Deus na história, “[...] criam as experiências e levam o espírito humano a uma transcendência sempre renovada e sempre insatisfeita de si mesmo” (MOLTMANN, 1971, 136). A esperança que brota da promessa, gera insatisfação no ser humano que se depara com a contradição entre a promessa e a realidade histórica. Os acontecimentos históricos devem ser vistos como provisórios, e “[...] as

narrativas de fatos assim sentidos e transmitidos obrigam a cada geração a refletir sobre elas e interpretá-las” (MOLTMANN, 1971 p.119). Ademais, segundo Moltmann, os acontecimentos assumidos como “históricos” não são uma palavra definitiva, mas carregam em si algo que não está realizado e apontam para um futuro histórico aberto. Devem ser lidos e interpretados dentro do horizonte da esperança escatológica das promessas de Deus.

Mas, se os acontecimentos históricos não são definitivos e o futuro histórico está aberto, o que garante a realização da promessa. Até que ponto a esperança não é ilusória?

### 2.3 Um Retorno ao Centro – Ressurreição e futuro de Jesus Cristo

O evento pascal é descrito por Moltmann no terceiro capítulo como fonte primordial da esperança cristã. O Deus da promessa se revela no mistério de Cristo, e nos abre a um futuro escatológico. A problemática da revelação em referência à promessa, é retomada e reinterpretada, portanto, à Luz do Evangelho como anúncio do futuro que compromete o ser humano com a própria história. Ao futuro de Jesus Cristo, se associam, o futuro da justiça, da vida, do Reino de Deus e da Liberdade do Homem.

No Evangelho do evento de Cristo tornou-se presente o futuro das promessas a respeito de Cristo. O Evangelho anuncia a irrupção presente desse futuro e, vice-versa, o futuro é anunciado nas palavras do Evangelho. Por conseguinte, a pregação de Cristo está contida numa revelação que encerra a proximidade do Senhor que vem. Desta forma ela torna “histórica” a realidade do homem e o engaja dentro da história. (MOLTMANN, 1971, p. 157).

Mais uma vez, nessa abordagem, Moltmann distingue a revelação de Deus na tradição do povo Israelita das religiões epifânicas, para afirmar a correspondência do Deus revelado em Jesus, com o Deus do Êxodo e das promessas; “o Deus que tem o “Futuro como propriedade de ser”, o qual portanto, mesmo em suas qualidades, não pode ser identificado com a ideia grega de Deus, com a “eterna presença...” (MOLTMANN, 1971, p.160). O Deus que se revela no evento do Ressuscitado não

apresenta uma verdade universal, mas universaliza a mensagem da promessa ressignificando a história e a existência humana.

Segundo Moltmann, o que anteriormente foi escrito deve ser reinterpretado a partir do princípio da promessa; na perspectiva de um futuro escatológico. A relação entre promessa e Evangelho revela a orientação escatológica da esperança, no sentido daquilo que foi revelado em Cristo.

A interpretação e atualização do que foi escrito anteriormente deve, portanto, considerar aquilo que aí está prometido, a berto, não realizado, indicador do futuro. Pelo fato de o Evangelho se orientar para o futuro da esperança escatológica, ele tem como pressuposto aquilo que anteriormente foi revelado e escrito a respeito das promessas e juntamente com o futuro de Cristo torna presente também o futuro daquilo que foi antes prometido (Rm 1,2). O evangelho se refere a promessas passadas, mas ainda não cumpridas, e as incorpora a si. (MOLTMANN, 1971, p.174).

A orientação escatológica da esperança, anteriormente afirmada, somente é possível porque a história encontra na Ressurreição de Cristo o seu fundamento. A Ressurreição é o “acontecimento fundador de história, a partir do qual todos os outros acontecimentos da História são iluminados, questionados e modificados” (MOLTMANN, 1971, p.208). Dessa forma, a história se abre a um futuro escatológico na esperança.

Da recordação em esperança desse evento não são deduzidas leis universais para a História, mas a partir desse evento único e não repetido, afirma-se a esperança futura de toda a história universal. Desta forma, a Ressurreição de Cristo não se apresenta como uma analogia daquilo que sempre e em toda a parte é cognoscível, mas como analogia daquilo que deve sobrevir a tudo. (MOLTMANN, 1971, p.208).

Ao falar de futuro escatológico, Moltmann distingue a escatologia cristã, que nasce da experiência pascal, “da fé vetero-testamentária na promessa, bem como da escatologia profética e apocalíptica, pelo fato de que ela fala de Cristo e de seu futuro”. (MOLTMANN, 1971, p.223). A escatologia cristã, segundo nosso autor, é uma “cristologia em perspectiva escatológica [...] fala do futuro de Cristo, o qual ilumina o homem e o mundo. Mas, não fala da História Universal ou do tempo, como se estes iluminassem a Cristo, ou do homem cuja boa vontade iluminaria a Cristo” (MOLTMANN, 1971, p. 223. 225-226). Nessa perspectiva e contexto é que se pode



falar de “futuro da Justiça”, “futuro da Vida”, “futuro do Reino de Deus e da Liberdade do Homem”. Dessa forma, os acontecimentos históricos e a existência humana ganham novo significado.

Nesse sentido, o horizonte da esperança se amplia a partir da Ressurreição de Cristo que abre caminho para a humanização do ser humano e transformação da realidade. Segundo Moltmann:

Pelo conhecimento da Ressurreição do Crucificado, a contradição perene e universalmente perceptível de um mundo irredento, a sua tristeza e o seu sofrimento são assumidos dentro da certeza da esperança, e a certeza da esperança, por sua vez, se torna mundial e universal. (MOLTMANN, 1971, p. 228).

Na Ressurreição de Cristo se encontra o motivo da missão e da promessa; por sua vez, “o seu futuro [...] é iluminado previamente pela “promessa da Justiça de Deus, pela promessa da vida e da ressurreição dos mortos, e pela promessa do reino de Deus numa nova totalidade do ser” (MOLTMANN, 1971, p.236). No evento de Cristo morto e ressuscitado encontram-se a promessa e a esperança escatológica, que apontam para o futuro de Jesus Cristo e sua missão, enquanto “antecipação e manifestação do que está oculto na promessa”. Consequentemente, o futuro da Justiça, da vida, e do Reino e da Liberdade, prometidos por Deus n`Ele, estão relacionados com o evento Cristo, crucificado e ressuscitado.

A centralidade da ressurreição implica que relação entre escatologia e história?

#### 2.4 Escatologia e História – A crise do *logos*?

Após analisar a problemática dos processos de formação do conceito de História no decurso do tempo pelas ciências históricas, nosso autor aprofunda, no capítulo em apreço, a temática da esperança escatológica no âmbito da missão cristã, à luz da promessa, questionando a realidade presente em vista de uma práxis transformadora.

Segundo Moltmann, a consciência histórica dos tempos modernos é uma consciência de crise e toda a filosofia da história é no fundo uma filosofia da crise” (MOLTMANN,1971, p.269). As inúmeras e sucessivas crises provocaram um

recorrente interesse pela História e seu sentido. A Realidade crítica questiona o ser humano sobre seu futuro e impõe decisões em relação ao presente.

Qualquer crise traz à tona a interrogação sobre o futuro. Com efeito, na crise de tudo o que existe torna-se claro que o futuro não resultará sem mais do passado, que ele já não pode ser sua natural repetição ou continuação, mas nele se encontrará algo de novo. Com isto, se impõe uma decisão ao presente, a qual não conhece antecedente no passado e nem mesmo encontra antecedentes lá onde se originou. (MOLTMANN, 1971, p.273).

Diante disso, Moltmann afirma: “a crítica do presente não é mais feita em nome das origens e em nome da idade do ouro primordial, que deveria ser restabelecida, mas em nome de um futuro ainda não existente” (MOLTMANN, 1971, p.274). No entanto, o futuro escatológico que orienta a esperança é distinto do conceito de futuro que advém das experiências modernas, influenciado pela introdução do *logos* grego.

Por conseguinte, as transformações históricas não são o “mutável”, medido pelo padrão do permanente, mas aquilo que contém o possível, medido na promessa de Deus. “História” não é um caos, em que o observador deve introduzir a ordem divina e o *logos* eterno, mas, antes, a História é percebida pelas categorias do *novum* e do prometido que nela se busca. Em Lugar da contemplação e visão desapaixonadas, em lugar de uma visão geral da História, entra a expectativa apaixonada e a missão participante, que impele para a frente. (MOLTMANN, 1971, p.307).

A distinção primordial se dá pela introdução da categoria promessa em lugar do *logos* grego. Este não permite uma “missão participante” que se realiza numa práxis transformadora, no escopo do futuro escatológico da esperança. No contexto de uma “hermenêutica do Apostolado”, Moltmann afirma que: “somente pela missão e promessa, pelo comissionamento e pela visão de futuro, pela tarefa da esperança, o “sentido da História” é entendido de maneira histórica e impulsionadora de História” (MOLTMANN, 1971, p.337). O ser humano e a história se abrem em possibilidades que superam a realidade presente por meio da missão que é movida pela esperança a partir da promessa.

Com efeito, a esperança escatológica mostra o possível e mutável no mundo como algo sem sentido em si mesmo, e a missão prática executa aquilo que agora está em possibilidade. A teoria da práxis

transformadora do mundo e tendente para o futuro não procura ordens eternas da realidade existente do mundo, mas as possibilidades neste mundo que se orientam para o futuro prometido. (MOLTMANN, 1971, p.343).

Nesse processo de vivência de impulsionamento da história, a missão cristã se depara com a questão irrenunciável da transmissão da esperança escatológica diante da tradição. Segundo Moltmann, “Tradição é missão para o futuro, envio para o *novum* do futuro prometido” (MOLTMANN, 1971, p.359). A tradição não pode ser invocada como refúgio que desprende a missão cristã do horizonte escatológico da esperança. Compreendida como tradição da promessa que nasce do evento da Ressurreição do Crucificado. Do horizonte escatológico do ressuscitado, nascem novos horizontes para a história.

Mas, que implicações decorrem para a reinterpretação da vocação cristã no coração da sociedade?

## 2.5 Comunidade do Êxodo – A missão de uma esperança peregrina?

No último capítulo de sua obra, após uma abordagem sobre a religião na sociedade moderna, e os papéis que esta espera da religião, Moltmann analisa o horizonte da esperança cristã do Reino de Deus, assim como a vocação cristã na sociedade; enquanto comunidade do êxodo.

Na sociedade moderna, o culto do Absoluto que caracterizava etapas anteriores da história humana, é descentralizado. Gradativamente a experiência religiosa migrou do “*cultus publicus*” para o “*cultus privatus*”. Segundo Moltmann: “O culto do Absoluto não é mais necessário para a integração da sociedade moderna. O absoluto só se busca e se vive na subjetividade socialmente libertada” (MOLTMANN, 1971, p.371). Com a ascensão da religião como culto de uma nova subjetividade, o amor cristão se descaracteriza; e ao ser desnaturada se limita ao âmbito privado, perdendo seu alcance social.

O próximo a quem se deve dirigir o amor cristão é então encontrado, em cada ocasião, como o “outro”, no seu próprio eu que não é mais reconhecido, considerado e amado como pessoa jurídica em seu papel social. O próximo só aparece no encontro pessoal e não na sua realidade social. O que é direto e imediato é o outro, mas não o homem tal como aparece na ordem social e jurídica, nas questões de

desenvolvimento e de raça, nas suas vocações na sociedade, em seus papéis e em suas reivindicações. (MOLTMANN, 1971, p.377).

O culto da subjetividade moderna se associa ao culto da solidariedade a partir do conceito transcendental de comunidade, em que “as comunidades cristãs e círculos cristãos se podem tornar uma espécie de arcas de Noé para o homem socialmente alienado” (MOLTMANN, 1971, p.384). O culto da subjetividade em correspondência ao culto da solidariedade a partir desse sentido social de comunidade, podem ter um fim social, mas não se realizam como mecanismos de compensação, sem força transformadora.

Com efeito, a existência espontânea de tais comunidades livres é sumamente útil para a sociedade moderna, porque é capaz de opor compensação às forças de destruição, econômicas e técnicas, atuantes no recesso da alma humana. Entretanto, nada se modifica nas duras realidades da exteriorização do homem na sociedade. (MOLTMANN, 1971, p. 384).

Ao culto da subjetividade e da solidariedade corresponde o culto da instituição como função e expectativa da sociedade moderna em relação à religião. “As instituições que são as Igrejas aparecem então como sendo a derradeira garantia da segurança institucionalizada da vida, a partir da qual os homens se prometem segurança frente aos terrores finais da existência” (MOLTMANN, 1971, p.387). Dessa forma a religião se torna mais uma vez, mecanismo de alienação comprometendo a busca de sentido da existência pelo ser humano.

Diante desses pressupostos Moltmann se interroga sobre a “razão e o fim” do cristianismo. É nesse quadro de funções e expectativas da sociedade moderna em relação à religião que se impõe a problemática do horizonte escatológico da esperança do Reino de Deus.

Pelo fato de o Cristo ressuscitado chamar, enviar, justificar e santificar, ele reúne, chama e envia homens para o seu futuro escatológico com respeito ao mundo. O Senhor ressuscitado é sempre o Esperado pela Igreja, e esperado pela Igreja para o mundo todo e não para ela somente. Por isso o cristianismo não vive de si para si mesmo, mas do senhorio do Ressuscitado e para o senhorio daquele que venceu a morte e traz vida, justiça e o reino de Deus. (MOLTMANN, 1971, p. 390).

Nesse sentido, a existência do cristianismo depende da missão enquanto serviço no mundo; comunidade que segue a Cristo no serviço como “apostolado da esperança”. Por isso não existe para si, mas tudo o que significa e realiza diz respeito ao futuro prometido em favor do mundo. “A missão está a serviço do despertar de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo reino de Deus, o qual vem ao mundo para transformá-lo” (MOLTMANN, 1971, p.393). A salvação futura não é possível fora do horizonte escatológico da esperança que se realiza pela missão.

Quem realiza essa missão como serviço, no sentido de práxis transformadora do mundo no horizonte escatológico da esperança é uma comunidade do êxodo; comunidade que responde ao apelo do Deus da promessa. Comunidade do êxodo significa um povo sempre em marcha, que abre caminhos caminhando e descortinando sempre novas possibilidades criativas, pelo seguimento ao Evangelho. O horizonte da esperança move a missão cristã como vocação da Igreja no mundo enquanto comunidade do êxodo. Corresponde ao horizonte escatológico da esperança do Reino de Deus, de sua Justiça e de sua Paz. À guisa de mediação parcial.

O ser humano crente pode redescobrir sua vocação escatológica ao assumir a esperança como práxis transformadora na perspectiva da promessa do Reinado de Deus. Nesse sentido, assume um chamamento em vista do Reino que há de vir. Segundo Moltmann, “o chamamento é conforme o Novo Testamento algo de único, irrevogável e imutável e tem por escopo a esperança escatológica para qual Deus chama” (MOLTMANN, 1971, p.399). Há uma missão escatológica que deve ser assumida pelo cristianismo por meio do seguimento ao Evangelho que não permite acomodação ou indiferença a realidade presente.

Somente um Cristianismo que já não compreende a sua missão escatológica como missão para o futuro da terra e do homem, pode identificar o seu chamado com as situações criadas pelos papéis vocacionais que a sociedade lhe oferece, e a ele facilmente acomodar-se. Mas, quando o chamamento é visto no seu próprio horizonte de esperanças, a obediência à fé, o seguimento do Evangelho e o amor são necessariamente entendidos como “sequela criadora” e “amor Criador” (MOLTMANN, 1971, p.401).

O Cristianismo postulado por Moltmann é uma missão escatológica da comunidade do êxodo. Esta missão comunitária supõe a noção de esperança como realidade intrínseca a vocação de um povo peregrino, sempre em marcha. Povo

situado em um mundo inacabado e em permanente processo histórico. Ao mesmo tempo aberto e orientado pelo evento de Cristo, já presente, mas ainda não plenamente realizado.

### CAPÍTULO III

#### O HORIZONTE DA ESPERANÇA NO PENSAMENTO DE JÜRGEN MOLTMANN A TEOLOGIA DA ESPERANÇA E SUA RELAÇÃO COM O DEUS CRUCIFICADO E A ÉTICA DA ESPERANÇA

A Teologia da Esperança despertou uma ampla reflexão sobre a Ética do Reino de Deus diante de um mundo de crucificados que historicamente permanecem submetidos ao jugo de uma exploração política e econômica. A vida humana, ferida em sua dignidade pela negação da Justiça, da liberdade e da paz, encontra na esperança cristã, que nasce do mistério de morte e ressurreição de Jesus, o fundamento de uma ética transformadora da realidade. Contextualizando historicamente a esperança como princípio hermenêutico do cristianismo, Moltmann não apenas reinterpreta a escatologia, mas estabelece um estatuto contextual hermenêutico da própria Teologia.

Nesse sentido, podemos dizer que Moltmann entende a necessidade de pensar a teologia não como algo isolado, obra de teólogos e teólogas somente acadêmicos, sendo inútil tentar fazer uma teologia sem cheiro de gente. Aquilo que chama de “teologia do povo” ou “teologia da comunidade”, que se encontra mais próxima dos textos bíblicos e do movimento profético precisa também ser levada em conta. Em suas palavras: “As duas teologias, a acadêmica e a popular, devem relacionar-se uma com a outra, levar-se mutuamente em consideração e aprender uma da outra. Se a teologia acadêmica não for para o meio do povo, ela perde sua base” (VELIQ, 2019, p. 253)

A Ética da Esperança e o Deus Crucificado, publicados após a Teologia da Esperança por nosso autor, se situam no âmbito da esperança escatológica como *ethos* dos discípulos do Reino prometido. Um *ethos*, que não apenas desperta um êxodo na perspectiva do Reino prometido, mas o antecipa pelo comissionamento de uma missão histórica. Um *ethos* capaz de assumir as cruzes do momento presente em correspondência à solidariedade do Deus crucificado, porque iluminado pelo futuro

do Ressuscitado-Crucificado. “A esperança pode ajudar a absorver e sustentar as dores do cotidiano e ainda permitir à pessoa esperar pelo inesperado. A esperança é uma força que empurra para o movimento” (AHLERT, 2011, p.72-73). Há um futuro universal e radical de ressurreição e de vida que se desvela no evento de Cristo como ratificação da promessa. (Cf. GIBELLINI, 2012, p.287). O horizonte da esperança está em potência enraizada nas promessas. E em ato, no *ethos* dos discípulos do Reino de Justiça, de vida e de paz, quando em Jesus, abraçam o sofrimento humano.

Nesse sentido, percebemos que não podemos falar de Esperança Cristã em Moltmann, sem buscarmos a conexão e diálogo que nosso autor faz entre, pelo menos três de suas obras: Teologia da Esperança, o Deus Crucificado e a Ética da Esperança. A trilogia da esperança (Cf. GIBELLINI, 2012, p. 286), formada pela obra “a experiência esperança” (1974), “A Igreja na força do Espírito” (1975), juntamente com a “Teologia da esperança” (1964) e “O Deus Crucificado” (1972), nos abre ao horizonte da esperança desenvolvido por Moltmann na relação das duas últimas com a Ética da Esperança. É essa relação e convergência que postulamos analisar neste capítulo. Brevemente discorrer sobre as chaves comuns que explicitam seu pensamento. O lugar teológico da esperança cristã, a partir da Teologia da Esperança, no pensamento Moltmanniano; a relação dialética entre a esperança e a teologia *Crucis*; e, a esperança como *ethos* cristão na sociedade.

### 3.1 O Lugar Teológico da Esperança Cristã no Pensamento Moltmanniano – A orientação escatológica da mensagem cristã a partir da esperança.

A experiência do cativeiro na segunda guerra, ao despertar em Moltmann um novo significado para a esperança cristã, o conduziu a uma releitura do cristianismo em chave escatológica. O que antes era uma parte da doutrina Cristã, agora no pensamento moltmanniano envolve a totalidade do Cristianismo. Nosso autor resgata a centralidade da escatologia na Teologia e seu papel predominante para o pensamento contemporâneo. Ao reinterpretar o lugar da escatologia, nosso autor concebe uma identificação radical entre a esperança, escatologia e missão cristã.

É com J. Moltmann que a escatologia cristã alcançou seu mais amplo desenvolvimento no séc. XX, o que justifica sua apresentação. Seu pensamento pode ser considerado como escatologia messiânica, especialmente sua obra Teologia da esperança. Esta obra apresenta-

se como um projeto hermenêutico que afeta todo o pensamento cristão. “Poderia a escatologia cristã recuperar seu papel predominante no conjunto da teologia e seguiria sendo um teogumenon estéril se não lograsse extrair dela as consequências precisas para um pensar e um atuar novos no trato com as coisas e com a circunstância desse mundo. Enquanto a esperança não influi sobre o pensar e o agir do homem, transformando-os, permanece como invertida e sem eficácia”. Sob esta luz, a razão teológica se concebe como “*spes quarens intellectum*”, como esforço irreprimível para adequar o pensamento ao futuro prometido, como disponibilidade para as surpresas de Deus e para a originalidade do advir histórico (MORI, 2012, p. 17)

A questão da esperança cristã é desenvolvida por nosso autor, a partir de uma escatologia compreendida, não como um apêndice da Teologia, ou algo complementar ao cristianismo, mas como o princípio de todo o fazer teológico. É mensagem cristã em perspectiva escatológica. Moltmann descortina a esperança em sua obra, redimensionando a doutrina cristã e o Tratado de Escatologia; até então, limitado ao *De Novissimus*. Ao perguntar-se sobre o “logos” da Escatologia cristã, Moltmann conclui:

Na realidade, escatologia é idêntica a doutrina da esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera, como o ato de esperar, suscitado por esse objeto. O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só ao modo de apêndice; ele é perspectiva e tendência para frente, e por isso mesmo, renovação e transformação do presente. O escatológico não é algo que adere ao cristianismo, mas o meio em que se move fé cristã. (MOLTMANN, 1971, p.2).

A passagem do acento hermenêutico do “*éschata*”, que limitava a escatologia à reflexão das “realidades futuras”, para o “*éschaton*”, o “Último definitivo”, resultou numa reformulação epistemológica da Teologia. Não mais a “escatologia como fim, mas como princípio”, e meio pelo qual se “orientam a pregação e a mensagem cristã”. Da “periferia teórica” da dogmática cristã versada nos últimos capítulos, à princípio hermenêutico.

Por isso mesmo a Escatologia não pode ser simplesmente parte da doutrina cristã. Ao contrário, toda a pregação e mensagem cristã tem uma orientação escatológica, à qual é também essencial à existência cristã e à totalidade da Igreja. (MOLTMANN, 1971, p.2).

A orientação escatológica de toda a mensagem cristã impõe à Teologia a problemática do futuro. Como podemos falar de algo que não se pode conceber a



partir de uma experiência vivida? Segundo Moltmann a Escatologia cristã “fala de Jesus e de seu futuro”. Quando limitada às “realidades futuras”, sem relação direta com o Mistério de Cristo, a escatologia perdeu seu significado e implicação histórica. Nesse sentido o futuro se dissolve numa mera utopia, sem um real fundamento evangélico.

A escatologia cristã fala de Jesus e *seu* futuro. Conhece a realidade da Ressurreição de Jesus e anuncia o futuro do Ressuscitado. Por isto, para ela a fundamentação de todas as afirmações sobre o futuro na pessoa e na história de Jesus Cristo é a pedra de toque que distingue os espíritos escatológicos dos utópicos. (MOLTMANN, 1971, p.4)

A relação da esperança cristã com o futuro, estabelece desta forma um conflito entre a experiência e aquilo que deve “ser esperado”. Conflito esse, solucionado apenas a partir da compreensão do “Deus da Promessa”, que em Cristo Crucificado e Ressuscitado, revela-se como Deus da Esperança (Cf. Rm 15,13). Se Cristo é a nossa esperança (Cf. Col 1,27), o futuro é antecipado n`Ele.

Todos os títulos e predicados de Cristo não somente afirmam o que ele foi e é, mas implicam afirmações sobre aquilo que ele será e sobre o que dele se espera...Pelo fato de afirmarem o seu futuro como promessa para o mundo, eles orientam a fé que nele se tem, para a esperança de seu futuro ainda ausente. As afirmações sobre a esperança da promessa antecipam o futuro (MOLTMANN, 1971, p.4)

Com isso, podemos perceber que há uma reviravolta metodológica no revisionismo teológico de Moltmann, onde a Esperança não se apresenta, apenas tematizada, mas como princípio hermenêutico e fundamento da Doutrina Cristã.

### 3.2 A Esperança da Cruz – A relação dialógica entre Cruz e Ressurreição

Como podemos entender uma esperança que nasce dos escombros de uma guerra, pela experiência de dor, sofrimento e morte? É possível uma esperança fundamentada na Cruz do Ressuscitado? Segundo nosso autor, sim. Moltmann desenvolve uma cristologia em âmbito escatológico a partir do princípio esperança. Em sua cristologia, dialogam a esperança e a cruz. “Se em teologia da esperança eram desenvolvidas as linhas de uma cristologia escatológica, em o Deus Crucificado realiza-se a necessária integração com uma escatologia cristológica (GIBELLINI,

2012, p. 292). Em o Deus Crucificado, Moltmann estabelece a relação entre a Teologia da Esperança e a Teologia da Cruz. Nessa relação Moltmann sistematiza ao modo próprio, uma teologia cristã da Esperança.

Como pretendo expor, a teologia da cruz não é nada mais do que o outro lado da teologia cristã da esperança, se esta chega ao cerne na ressurreição do *Crucificado* de maneira diferente. Conforme está escrito lá, a própria “teologia da esperança” já havia sido idealizada como *eschatologia crucis*. Por isso não se pode aventar a possibilidade de um retrocesso neste livro. Uma vez que “a teologia da esperança”, começou com a *ressurreição* do crucificado, agora voltamos nossos olhos para a *cruz* do ressuscitado. naquele momento tratava-se da lembrança de Cristo na forma da *esperança* de seu futuro, agora se trata da esperança na forma da *lembrança* da sua morte. (MOLTMANN, 2020, p.21).

A teologia da cruz sistematizada por Moltmann foi inspirada na “*Theologia crucis*”<sup>1</sup> de Martin Lutero; apresentada inicialmente em forma de teses durante Capítulo Geral dos agostinianos alemães em Heidelberg, realizado em 26 de abril de 1518 (Cf, AGUIAR, 2019, p.47). A questão fundamental em nosso autor, não está nas controvérsias tradicionais de caráter doutrinal e dogmático, mas na “relevância da vida cristã” diante do sofrimento, num mundo em constantes transformações. (Cf. MOLTMANN, 2020, p.24). A solidariedade divina com o ser humano por meio da cruz, nos conduz a uma nova compreensão da esperança cristã. Essa nova compreensão exige por outro lado, uma renovação da teologia, da Igreja e da ação pastoral.

O êxodo de uma sociedade ofuscada que ignora a dor psicológica e social do sofrimento no mundo e põe de lado os que padecem para poder desenvolver-se sem perturbação, levou também a um êxodo de uma Igreja que não rompe decididamente com os mecanismos de defesa interiores e exteriores de seu ambiente social, mas que se alegra com a tolerância religiosa desta sociedade apática e que por amor a sua própria existência celebrou com ela uma paz corrompida, fazendo-se assim estéril. (MOLTMANN, 2020, p.25).

Nesse contexto social e realidade eclesial Moltmann percebe a necessidade de resgatar a centralidade e força do evento de Cristo a partir do mistério da Cruz; resignificando a esperança cristã. Aquele que ressuscitou e nos deu vida nova, é o mesmo que foi crucificado. Que relevância tem a cruz para a vida cristã e para a Igreja numa sociedade de crucificados? Nosso autor reconhece na piedade popular uma “mística da cruz”<sup>2</sup> assumida na vida prática, pelos pobres e abandonados (Cf.

MOLTMANN, 2020, p.69). No entanto, a identificação dos oprimidos de forma genérica como pura conformação com o sofrimento, em que o Crucificado é apenas um arquétipo da própria pobreza e humilhação, não conduz para além de uma *conformita crucis* (MOLTMANN, 2020, p.75). O sentido interior de uma “mística da cruz” fundamentada numa “paixão ativa” como solidariedade de Cristo, desperta não apenas identificação, mas um “discipulado da Cruz” em vista do Reino prometido e que deve ser vivido na esperança.

O discipulado acontece na própria responsabilidade do comissionamento de Cristo, hoje e ao tomar sobre si a própria cruz. Ser discípulo de Cristo significa fé, e fé realmente é uma união existencial entre teoria e prática tal como podemos reconhecer na vida apostólica, na vida dos mártires e, de certa forma, também na teologia mística da experiência interior. (MOLTMANN, 2020, p.87)

Ao colocar em relevo o mistério da cruz, Moltmann explicita a relação dialógica entre cruz e ressurreição; e suas implicações históricas para a Igreja e a vida cristã em geral. “Em Cristo, o Deus da esperança revelou-se o Deus crucificado para, com isso se identificar com todos os crucificados deste mundo” (AGUIAR, 2019, p.63). A esperança que brota do Ressuscitado tem no crucificado as raízes do futuro prometido. “Ora, se o Cristo crucificado tem um futuro em razão de sua Ressurreição, isto significa que todas as afirmações e juízos sobre ele necessariamente afirmam algo sobre o futuro que dele deve ser esperado (MOLTMANN, 1971, p.4). A esperança da Cruz está na promessa ratificada no Ressuscitado. Por sua vez, a promessa ratificada no Ressuscitado encontra suas raízes e princípio hermenêutico na Cruz. “A teologia do Deus crucificado tem o seu sentido de ser sob a luz do ressuscitado e, inversamente, o Ressuscitado encontra na cruz a Sua plena manifestação do amor de Deus, na doação da vida por todos” (CUNHA, 2017.p. 65). A esperança cristã apoia-se no único e mesmo mistério de Cristo, cruz e ressurreição, que numa relação dialética e de complementaridade apontam para o futuro prometido.

### 3.3 A Esperança do Reino – A Ética transformadora da Esperança Cristã

A esperança do Reino prometido no futuro do ressuscitado-crucificado se aprofunda na obra *Ética da Esperança*. Ao discipulado da cruz corresponde uma ética

do Reino que deve ser assumido na esperança da fé no Ressuscitado. Em meio às ameaças e crises do momento presente, o discípulo deve discernir entre utopismo e alarmismo. “Uma ética do temor vê as crises; uma Ética da Esperança identifica as oportunidades na crise. No excesso de esperança, a tentação é o utopismo; no medo, é o alarmismo” (MOLTMANN, 2012, p.17). Não é possível conceber a esperança cristã sem um *ethos* social cristão que corresponda a uma ética transformadora da realidade.

Quinze anos depois da escatologia, a ética fecha um ciclo, iniciado há 46 anos, com a obra Teologia da esperança. De certo modo, parece retomar temas anteriores à sua ênfase na teologia trinitária (MOLTMANN, 1980), na criação (MOLTMANN, 1985), na cristologia (1989) e na pneumatologia (1991). [...]. Isso acompanha a tendência do autor de não apresentar, seja qual for o assunto, uma teologia especulativa, mas aquela que leia a vida e a sirva. (RENDERS, 2012 p.158)

Seguindo essa perspectiva, Moltmann questiona o que ele chama de “escapismo religioso”, diante das estruturas de dominação social, política e econômica que violam a dignidade humana e degradam a criação. Escapismo compensado por práticas religiosas que encobrem psicologicamente a falta de comprometimento social. O individualismo religioso encobre e justifica males que alienam o ser humano e o faz buscar respostas na ilusão de práticas intimistas, em vista de uma salvação pessoal, descontextualizada da história da salvação e da redenção cósmica realizada no evento de Cristo.

Um *escapismo religioso* se revela particularmente na propagação atual redentora gnóstica. Quem se envolve com essa religiosidade, se julga em casa no além e na terra só como hóspede, por tanto o destino da vida na terra lhe interessa só de passagem. Sua alma chega ao céu, esse é o ponto principal, no corpo e na terra ele esteve apenas como hóspede. Por conseguinte, o destino desta hospedaria não lhe diz respeito. Práticas de indiferença religiosas são oferecidas sob muitos nomes de tom nobre. (MOLTMANN, 2012, p.69).

A ética do reino como ética transformadora se fundamenta na prática de Jesus e seus discípulos, como atestam os evangelhos. O próprio Jesus se compromete com um povo por ele considerado como rebanho sem pastor (Cf. Mt 9,36). Diante de um povo faminto responsabiliza seus seguidores, que inicialmente não intencionavam

envolver-se. “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Lc 9, 13). A esperança cristã corresponde à esperança do Evangelho de Cristo, anunciado e vivido por seus discípulos na missão, como vocação cristã na sociedade. A imagem desfigurada do mundo precisa ser transfigurada por meio da transformação histórica da existência humana, na perspectiva do Reino de Vida, Justiça e paz.

A esperança do Evangelho tem uma relação polêmica e libertadora não só para com as religiões e ideologias dos homens, mas sobretudo para com a vida real e prática dos homens e as circunstâncias em que se leva esta vida. É muito pouco dizer que o Reino de Deus só tem a se ocupar da pessoa, pois a Justiça e a paz do reino prometido são conceitos relativos e se referem também às relações dos homens entre si e para com o mundo; do contrário, a fé de uma personalidade associada é mera abstração. (MOLTMANN, 1971, p.395).

A promessa do Reino fundamenta a missão cristã no mundo. Missão que deve ser compartilhada por todos como engajamento social. Na eclesiologia de Moltmann, a Igreja é a comunidade do êxodo. Essa comunidade deve se realizar no mundo como povo messiânico. “O conceito de messiânico realiza uma mediação entre o escatológico e o histórico, entre o Reino de Deus e a história” (GIBELLINI, 2012, p. 297). O encontro entre ambas as realidades se dá por meio de um *ethos* compartilhado e vivido coletivamente e como comunidade de fé, que entende a esperança como ética transformadora.

Vemos, assim, que falar de esperança é falar da força positiva que nos faz caminhar rumo a um horizonte, onde apenas a alegria de estar caminhando já é, de certa forma, uma experiência transformadora. É uma força que transcende toda e qualquer experiência humana; é uma expectativa que aspira algo supremo, intocável, infinito. Porém, ao mesmo tempo em que se volta ao absoluto, ela se alimenta do cotidiano da história e interage em meio a ela, transforma-a. Quando a esperança é compreendida como virtude teológica, ela nunca será uma fuga da realidade, mas força de transformação da mesma. (KUZMA, 2014, p.57).

Se considerarmos que “*virtus*” corresponde à “força”, entendemos que a esperança cristã, assim como a fé, alcança a totalidade da vida de forma dinâmica e criativa; e sempre aberta para novos horizontes. “Se o futuro é o encontro da palavra da promessa com a realidade correspondente, isto será sempre, pois, o fator a converter a história em fascinante espaço de ação criativa humana” (BASTOS, 2009, p.257). A antecipação do futuro de Deus que vem e do fim da história estão

diretamente relacionadas com a participação da responsabilidade humana no mundo por meio do *ethos* da esperança, segundo o conceito bíblico.

O Etos da esperança é, nos sinóticos, a conversão na fé no Evangelho do Reino de Deus; em Paulo, o efeito da ressurreição do Cristo crucificado na justificação dos ímpios; em João, a vida eterna no amor. A conversão para o futuro, a ressurreição para a vida e a vida vivida no amor constituem o etos cristão da esperança. (MOLTMANN, 2012, p.74).

A realidade plural e diversificada da sociedade contemporânea, exige um discernimento mínimo sobre a atitude cristã e a mensagem da esperança que se anuncia pela participação pública e comprometimento social. A esperança que não apenas se anuncia, mas deve ser testemunhada pelo *ethos* do discipulado cristão, deve conceber a realidade de um mundo não cristão com quem deve dialogar. A universalidade da mensagem cristã amplia o alcance da promessa e diz respeito ao gênero humano em sua diversidade cultural. Vivemos num contexto complexo e ao mesmo tempo, com desafios humanos comuns. Desafios que afetam o sentido da vida, da existência humana como um todo.

Viver com esperança neste contexto é estar disposto a decidir e dar razões daquilo que crê, ao mesmo tempo, estar aberto para acolher o novo que chega até nós. É ter clareza de que o mundo de hoje se mostra bastante plural, o que vai fazer com que tenhamos a capacidade de se despir de preconceitos, mas que possamos também nos abrir para entender a realidade. Neste mundo plural, a desigualdade social, a violência, a miséria, a pobreza, a morte de inocentes, a injustiça ainda são marcas que devem ser superadas; e a esperança cristã e sua missão devem se fundar nisso. (KUZMA, 2014, p.70-71).

Essa abordagem de César Kuzma no contexto do “futuro de Deus na missão da esperança”, enfatiza o caráter aberto e dialogal da Teologia da esperança de Moltmann, e a relação desta com a Ética da Esperança. O que se “pretende antecipar” por meio de uma ética transformadora da realidade, diz respeito ao ser humano em sua existência concreta, na realidade pessoal e coletiva em que vive. A promessa é por natureza plural e universal. “A esperança cristã se baseia na ressurreição de Cristo e inaugura uma vida à luz do novo mundo de Deus. O etos cristão antecipa a vinda universal de Deus nas possibilidades da história (MOLTMANN, 2012, p.18). Assim como sua Teologia, a esperança em Moltmann é contextual, hermenêutica e ampla.

O percurso que fizemos nessa primeira parte, nos mostra a íntima relação entre a experiência do cativo e a Teologia desenvolvida por nosso autor. Podemos perceber a ampla conexão de seu pensamento, não apenas nas várias áreas do pensamento humano, mas com a diversidade de ambiências e movimentos sociais.

O caráter dialogal da Teologia de Moltmann mostra a amplitude e profundidade da esperança cristã, para além da própria Teologia e mundo acadêmico. Com essa primeira abordagem, a partir de sua vida, a Teologia da Esperança, relação entre suas obras e sua experiência existencial, diálogos com a sociedade contemporânea, entramos na dinâmica epistemológica de nosso autor. Dessa base desenvolvida nos últimos três capítulos, aprofundaremos a seguir, seu pensamento em três grandes eixos temáticos: Antropologia, Bíblia-Teologia, e Ética Cristã.

## **PARTE II**

### **RELEITURA DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA EM EIXOS TEMÁTICOS ANTROPOLOGIA MOLTMANNIANA, RAÍZES BÍBLICAS E ÉTICA CRISTÃ**

Para podermos compreender a Esperança Cristã em Moltmann, faz-se necessário investigar o ponto de partida antropológico que norteia sua obra; e por outro lado analisar as raízes bíblicas-teológicas presentes no núcleo de seu pensamento. Com isso, podemos explicitar as perspectivas históricas-transformadoras da esperança Cristã na sociedade contemporânea.

A releitura por Moltmann do princípio esperança do Filósofo existencialista e marxista Ernest Bloch, como instrumental teórico do seu pensamento teológico, levou nosso autor a fundamentar a esperança cristã no evento de Cristo. Esperança já enraizada na história, no contexto da promessa do Reino de Deus. A promessa futura do Reinado de Deus pode ter implicações no tempo presente, na medida em que seu fundamento está na morte e ressurreição de Cristo, fonte de Esperança. Isso significa que é capaz de mover a história e transformar a realidade. Segundo Moltmann, “a realidade do Ressuscitado, o testemunho dos cristãos e a esperança escatológica, estão ligadas entre si no querigma pascal” (MOLTMANN, 1971, p.190). A renovação do tempo presente não se dá pela utopia de um futuro sem Deus, mas pela esperança que tem sua fonte no futuro do Ressuscitado que passou pela Cruz.

Somente quando o “Deus da Ressurreição”, juntamente com a afirmação da Ressurreição de Jesus, é demonstrado como “Deus” a partir da “morte de Deus” presenciada na história, no mundo e na própria existência, somente neste caso a mensagem da Ressurreição, a fé e a esperança no Deus da promessa se torna algo de necessário, de novo e de real e objetivamente possível. (MOLTMANN, 1971, p.192).

A concepção antropológica de Moltmann, nos apresenta a compreensão de um ser humano interpelado pela realidade; desafiado por uma inquietação sobre o sentido da existência e de sua própria história, com capacidade de intervir no processo histórico. No entanto, ao mesmo tempo, capaz de abandonar a si mesmo, o tempo presente e seu futuro. O medo, a descrença, o desespero ou o niilismo, podem levá-lo a renunciar as perspectivas que Deus concede de encontrar-se consigo mesmo no encontro com o mistério divino, e n’Ele o sentido de sua vida. Assim como, a capacidade de ressignificação da história, alienando-o da realidade pela perda da esperança que o torna indiferente a si mesmo e à sociedade.

Deus elevou o homem e lhe concedeu perspectivas de liberdade e amplidão, mas o homem fica para trás e renuncia. Deus promete uma nova criação de todas as coisas em Justiça e paz, mas o homem faz e age como se tudo permanecesse no velho e antigo. Deus o faz digno de suas promessas, mas o homem não confia naquilo que lhe é proposto (MOLTMANN, 1971, p.10)

Do ponto de partida antropológico, que concebe o sujeito da esperança como destinatário da promessa, Moltmann nos conduz ao resgate das raízes veterotestamentárias da esperança. As raízes antigas preparam a novidade do Reino que se manifesta no Mistério de Cristo como fundamento por excelência da Esperança Cristã. Nosso autor desenvolve dessa forma uma Cristologia Escatológica. Neste sentido é que podemos conceber a esperança cristã como princípio ativo; Ou seja, como fermento na dinâmica da antecipação do Reino prometido. Analisando sua perspectiva histórico-transformadora, nos apropriamos da ética do Reino como *ethos* da esperança. Numa peregrinação contínua como povo de Deus, comunidade do êxodo.



## CAPÍTULO I

### PONTO DE PARTIDA ANTROPOLÓGICO DA ESPERANÇA O SUJEITO DA ESPERANÇA É O DESTINATÁRIO DA PROMESSA

O ponto de partida antropológico da teologia de Moltmann é o ser humano em sua condição degradante. O Deus da promessa se revela e manifesta sua vontade ao ser humano em condições históricas que contrariam a dignidade da vida, e por isso sua vontade salvífica. É a partir da promessa a um povo espoliado, mas capaz de intervir de forma ativa e transformadora em sua realidade, que Deus desperta a esperança como *virtus*, força que impele os ser humano a uma marcha pela mudança do tempo presente.

Deus se revela como Deus da promessa frente a carência do ser humano em sua realidade. Não se faz promessa para quem está saciado. Nem se pode buscar aquilo que já possui. A esperança nasce no coração inquieto do ser humano, que insatisfeito com sua realidade, confia na promessa de Deus, e se põe a caminho como povo, em vista da superação das contradições históricas e o alcance do Reino prometido.

#### 1.1 O Ser Humano – Ser inacabado e em contínuo processo histórico

Existe na Teologia de Moltmann uma antropologia subjacente a sua obra e que permeia seu pensamento. Para podermos compreender a mensagem da Esperança Cristã, avaliamos que se faz necessário identificar quem é o ser humano para o qual a promessa de Deus se dirige e sua importância para ele e para a realidade na qual está inserido.

Ao analisar a problemática dos processos de formação do conceito de História no decurso do tempo pelas ciências, Moltmann ressignifica o conceito, compreendendo a história em perspectiva escatológica. No horizonte da experiência da revelação do Deus da promessa, a existência humana encontra um novo significado quando concebe o ser humano, um ser capaz de esperança.

Se é a esperança que conserva a fé em vida, a sustenta e impele para frente; se é a esperança que introduz o crente na vida de amor, também deve ser a esperança que mobiliza e impulsiona o pensamento da fé, o conhecimento e a reflexão sobre o ser do homem, da história e da sociedade. O crente espera conhecer o que crer. Por isso todo o seu conhecimento, como conhecimento antecipatório, fragmentário, que preludia o futuro prometido, apoia-se na esperança. (MOLTMANN, 1971, p.23).

Nesse sentido, a história se abre em novas possibilidades pela ação do “sujeito da esperança”. A perspectiva do “*novum ultimum*” da esperança não nega a realidade do tempo presente, mas a assume, transformando-a, como afirma Moltmann: “O amor não tira ninguém da dor do tempo, antes toma sobre si a dor daquilo que é temporal (MOLTMANN, 1971, p.21). É na temporalidade do hoje que se dá a decisão pelo futuro.

Considerando que o ser humano é um ser inacabado, que “busca a si mesmo” e o sentido de sua existência, em contínuo processo histórico, aquele que crer torna-se não apenas sujeito histórico da esperança, mas antes, destinatário da promessa. Um ser não apenas de passado, mas que é capaz de interrogar-se sobre seu futuro e intervir de forma criativa na realidade do mundo. O futuro escatológico sinalizado na promessa dá mutabilidade à história.

Por isso, esperanças e antecipações do futuro não são luz que ilumina uma realidade já decrépita, mas percepções realistas do horizonte do real-possível, as quais põem tudo em movimento e o conservam em estado de mutabilidade. A esperança e o pensamento que a ela corresponde não podem, portanto, receber a pecha de utopia, pois, não se orientam, para aquilo que é “sem lugar”, mas para aquilo “que *ainda* não tem lugar” e que pode vir a tê-lo. (MOLTMANN, 1971, p.13).

Segundo Moltmann, “a vivência histórica própria do homem moderno se baseia na experiência de possibilidades totalmente novas, angustiantes e não mais assimiláveis com os meios costumeiros fornecidos pelas tradições”. (MOLTMANN, 1971, p. 269). Não mais o ser humano condicionado por tradições, mas fascinado pelo progresso. No entanto com possibilidades para o bem ou para o mal (idem. 269). Pois, na modernidade, a razão técnico-científica frustrou as expectativas criadas de um progresso sem limites; voltando-se contra o próprio ser humano, com o fracasso e esfacelamento de sistemas e ideologias salvadoras. A dinâmica do tempo presente é

marcada por uma tensão onde o ser humano se encontra no instante de sua decisão; condição intransferível de sua existência.

No instante do nosso presente há uma luta entre as forças que se impõem como já constituído e as forças voltadas para o futuro, no qual se projeta o que se espera, o que está por vir – o *ZuKunft*. Porvir este que desde já está presente como projeto. Desse modo, na dinâmica do tempo presente, concentram-se o *vigor do ter sido* (o passado) e o *que está por vir* (o futuro) e, na tensão dessas duas forças contrárias, formam-se o instante da decisão, mediante o qual o homem assume, ou recusa, o projeto existencial que o define como ser-no-mundo (ROCHA, 2010, p.124)<sup>10</sup>

O fascínio da modernidade repercutiu na sociedade pós-moderna, não obstante as conquistas e avanços, em múltiplas formas de negação dos ideais humanos, como a desilusão, o desespero e o niilismo. No entanto, o ser humano é capaz de si e de seu futuro. É um ser capaz de uma esperança que transforma seu modo de perceber a realidade e se relacionar com ela.

O ser humano em Moltmann, ser capaz de esperança histórica, não esgota seus ideais ou os limita aos sistemas ideológicos que envelhecem e precisam continuamente ser renovados. A promessa provoca o ser humano a crer e caminhar. A manter viva a esperança em marcha contínua.

Se diante dos olhos tivéssemos só o que enxergamos, satisfar-nos-íamos, por bem ou por mal, com as coisas presentes, tais como são. Mas, o fato de não nos satisfazermos, o fato de entre nós e as coisas da realidade não existir amigável harmonia é fruto de uma esperança inextinguível. Esta mantém o homem insatisfeito até o grande cumprimento de todas as promessas de Deus. (MOLTMANN, 1971, p. 9).

Essa esperança inextinguível provoca o ser humano a caminhar sempre e cada vez mais além, superando a realidade histórica e caducidade inevitável dos grandes sistemas, de forma criativa e inovadora, por meio da esperança na Palavra da Promessa. Há um futuro sempre aberto que deve ser desbravado continuamente. A promessa se dirige àqueles que são capazes de abraçar a esperança e superar a visão de impossibilidade de um futuro inesperado, totalmente novo. Movidos pela

---

<sup>10</sup> Zeferino Rocha analisa a “esperança na dinâmica da temporalidade humana” a partir da categoria alemã, *Gegenwart* de Heidegger, que modifica a maneira de conceber o tempo. Designando a presença renovada do passado no presente: “o *vigor de ter sido*, vale dizer, aquela força cujo vigor continua atuante ainda hoje, disso resultando um passado-presente” (Cf. ROCHA, p.123-124).

esperança, tornarem-se não uma ameaça, mas desbravadores de um “novo céu e de uma nova terra” (Cf. Is, 65,17; Ap,21). A promessa desperta a esperança no coração daqueles que vivem na “insegurança de não poderem ter um futuro”. Nessa perspectiva, nos diz Zefferino Rocha:

Os grandes sistemas unitários e totalitários esfacelaram-se. Não alimentamos mais utopias quanto ao futuro. Desde o momento em que o homem moderno, com o extraordinário poder da ciência e da técnica, tornou-se capaz de decidir o futuro da humanidade, este deixou de representar uma mensagem de esperança e se tornou uma ameaça de destruição e desespero. Disse Hannah Arendt que os nossos jovens vivem hoje na tremenda da insegurança de poderem não ter um futuro. (ROCHA, 2010, p.126)

O pecado do desespero nunca abandonou a história humana. O ser humano sempre se viu desafiado à perda de sentido da vida, de sonhos e ideais. No entanto, “nossa esperança não se baseia em raciocínios, previsões ou seguranças humanas; manifesta-se quando já não há esperança, onde não há mais nada que esperar, exatamente como aconteceu com Abraão” (FRANCISCO, 2018, p.65).<sup>11</sup> Abraão, “esperando contra toda esperança”, teve fé (Cf. Rm 4,21). Não uma fé solitária e orgulhosa; mas, fundada numa promessa. “Com efeito, estamos habituados a reconhecer em Abraão o nosso pai na fé; (hoje), o Apóstolo leva-nos a compreender que para nós Abraão é pai na *esperança*: não apenas *pai da fé*, mas *pai da esperança*” (FRANCISCO, 2018, p.64). O Deus que se revela a Abraão é o Deus da vida, que liberta do desespero e da morte. Essa referência se torna importante para a antropologia de base da obra de Moltmann, pois se refere ao “início da história da eleição”. Deus elegeu um povo, com características históricas próprias, numa realidade concreta.

A interpretação Cristã de Abraão deve pretender que o “início da história da eleição, com a promessa de Deus e a fé de Abraão, aponta para o essencialmente para o seu fim como seu cumprimento”. Daí resulta, por um lado, uma compreensão histórico-eletiva” do cumprimento no evento de Cristo, e por outro lado, uma compreensão essencial do sentido desta história, isto é, visível a partir do fim da história, que na verdade estava no fundo da história de Abraão. (MOLTMANN, 1971, p.169).

---

<sup>11</sup> Papa Francisco. A Esperança Cristã. Nessa obra publicada pela editora Paulus temos a compilação de catequeses do Papa Francisco sobre a esperança cristã (07 de dezembro de 2016 a 25 de outubro de 2017) desenvolvida em vários temas, tais como: Cristo Ressuscitado, nossa esperança; Emaús, o caminho da esperança; e, outros. (2018).

É da condição humana a necessidade da esperança para sua realização. A fé, que não sobrevive sem a esperança, pode lançar-se num *“taedium vitae”*. Realidade na qual a vida perde seu sabor e não há mais horizontes a serem percorridos ou não há mais possibilidade para um *“Novum”*, um futuro a ser almejado e buscado. Dessa forma o ser humano renuncia a si mesmo e a sua própria história.

Deus elevou o homem e lhe concedeu perspectivas de liberdade e amplidão, mas o homem fica para trás e renuncia. Deus promete uma nova criação de todas as coisas em justiça e paz, mas o homem faz e age como se tudo permanecesse no velho e antigo. Deus o faz digno de suas promessas, mas o homem não confia naquilo que lhe é proposto. Este é o pecado que mais ameaça profundamente o crente. Não o mal que ele faz, mas o bem que deixa de fazer; acusam-no não as más ações, mas as suas omissões (MOLTMANN, 1971, p.10).

Ao desespero, Moltmann associa a presunção, como apostasia da esperança, citando o tratado de Joseph Pieper (*“Ueber die hoffnung – 1949”*)<sup>12</sup>, para afirmar que ambas obstaculizam a índole peregrina da esperança. Enquanto o desespero se caracteriza pela renúncia à promessa; a segunda, se revela como realização arbitrária do que se pode esperar.

A presunção é uma antecipação inoportuna, arbitrária, do cumprimento daquilo que se espera de Deus: o desespero é a antecipação inoportuna, arbitrária do não-cumprimento do que se espera de Deus. Ambas, são formas de desesperança, tanto a antecipação do cumprimento como a renúncia à esperança, destroem o caráter de peregrina, de estar-a-caminho, da esperança (MOLTMANN, 1971, p.11).

Essa dualidade presente no ser humano não é esquecida por Moltmann em sua obra, quando aponta duas possibilidades básicas de reação e interação com a realidade. *“Não o mal que ele faz, mas o bem que deixa de fazer; acusam-no não as suas más ações, mas as suas omissões. Acusam-no de falta de esperança...”* (MOLTMANN, 1971, p.10). César Kuzma comenta a afirmação de Moltmann em relação a tentação do ser humano diante de certas realidades.

---

<sup>12</sup>Moltmann cita o tratado de Joseph Pieper (1949) refletindo na introdução, o pecado do desespero. *“Joseph Pieper [...] mostrou com rara felicidade como essa desesperança pode tomar duas formas: Presunção ou desespero. Ambas são formas de pecados contra a esperança”* (Cf. MOLTMANN, 1971, p.10-14).

É a dualidade presente no ser humano, já testemunhada por Paulo em sua missão e vivida também por Moltmann quando prisioneiro no campo de concentração. Diante de certas situações nos defrontamos com duas posições: avançar e romper em direção ao futuro ou parar e fixar a nossa vida no passado. A esperança cristã, que aqui ele nos apresenta, utiliza-se do passado, mas como recordação das promessas e como impulso a um futuro. (KUZMA, 2009, p. 457).<sup>13</sup>

A dualidade é superada quando em confronto com a realidade o ser humano experimenta a revelação de Deus na história por meio da Palavra da Promessa que gera a Esperança. O Deus da promessa desperta o vislumbre de novas realidades e descortina um horizonte de possibilidades.

O nosso Deus não é um Deus ausente, raptado por um céu remoto; ao contrário, é um Deus “apaixonado” pelo ser humano, tão ternamente amante, que chega a ser incapaz de se separar dele. Nós, humanos, somos peritos em romper vínculos e pontes. Ele, ao contrário, não! Se nosso coração arrefece, o seu permanece sempre incandescente. O nosso Deus acompanha-nos sempre, inclusive, se por desventura, nos esquecermos dele. (FRANCISCO, 2018, p.79).

O ser humano é por natureza ambíguo. Enquanto peregrina sente a inconsistência interior que o imobiliza e confunde diante dos desafios da peregrinação histórica. O medo e o desespero, assim como a indiferença podem dar lugar a uma ação transformadora capaz de mudar o curso da história. Deus “crer no ser humano”; crer que ele é capaz de superar a si mesmo. “Se o próprio Deus se torna ser humano e em Cristo manifesta a vida eterna entre as pessoas mortais nesta terra, então o gênero humano é querido por Deus e todo ser humano individual pode estar seguro de sua existência” (MOLTMANN, 2012, p.76). Aquele sujeito da esperança que é ao mesmo tempo em sua realidade destinatário da promessa, entra em confronto com o tempo presente. De desafiado passa a ser aquele que desafia o que o imobiliza e ameaça. Nele habita um *cor inquietum* que é fruto da insatisfação com as situações da vida. Assim afirma Moltmann:

---

<sup>13</sup> Cesar Kuzma cita a dualidade presente no ser humano, analisada por Moltmann, em seu artigo: A Esperança Cristã na “teologia da Esperança”: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: Sua história, seu caminho, sua esperança. Ao citar Paulo, se fundamenta na carta aos Romanos Cap. 7,19, para afirmar a liberdade humana dividida, testemunhada por Paulo e vivida por Moltmann quando no prisioneiro na segunda guerra. (Cf. KUZMA, 2009, p.456-457).

Quem espera em Cristo não pode mais contentar-se com a realidade, mas começa a sofrer por causa dela, a contradizê-la [...] Mas, o fato de não nos satisfazermos, o ato de entre nós e as coisas da realidade não existir amigável harmonia é fruto de uma esperança inextinguível. Esta mantém o homem insatisfeito até o grande cumprimento de todas as promessas de Deus [...] Esta esperança torna a Igreja cristã perpetuamente inquieta em meio às sociedades humanas, que se querem estabilizar como “cidade permanente” (MOLTMANN, 1971, p.9).

Há uma contradição entre o mundo e a promessa, entre a certeza e a confiança. A esperança, ao invés de acomodar o crente em si, se manifesta como coração inquieto, fortalecendo o *status viatoris* de um êxodo pascal; aberto para o mundo futuro.

Dessa forma o ser humano se põe a caminho, transpondo limites e superando as contradições da história. A chave para compreendermos a antropologia presente na obra de Moltmann, é o princípio da promessa, um tema-chave de sua Teologia, segundo Cesar Kuzma:

Moltmann compreendeu que Deus age na história e se revela nela por meio de promessas. Eis um tema-chave para a sua teologia. Essa revelação que ele nos mostra não é algo preso ao passado, mas algo que é presente ainda hoje na vida humana e em sua história. O Deus que se revelou no At e que trouxe uma novidade com Cristo no NT continua ainda hoje a se revelar e a se comunicar por promessas. Para Moltmann, promessa é história em andamento, que deixa as coisas para trás e irrompe rumo a coisas novas, em direção a horizontes ainda não vistos. (KUZMA, 2014, p.135).

Ao conceber Deus como aquele que age na história a partir do princípio da promessa, Moltmann expressa não apenas uma compreensão sobre Deus, mas uma concepção antropológica. Entende, como afirmamos anteriormente, o ser humano como sujeito da esperança e destinatário da promessa; e nesse sentido, justificado por Deus.

A definição mais concisa da existência humana é, portanto: O Ser humano é justificado por Deus. Daí resulta que a vida humana está fundada tanto em *afirmação* como em *reconhecimento*, pois, neste mundo, ela é rejeitada e impedida de diversas maneiras. Por outro lado, é condenada, pelos medos da culpa, à falta de sentido. (MOLTMANN, 2012, p.77).

A existência humana, continuamente ameaçada no decurso da história, encontra na esperança, sentido para um futuro que não se confunde com um sonho ilusório, ou uma utopia; mas está em íntima relação com o tempo presente. “O *ainda não* da esperança volta-se para o futuro, mas sem deixar de fincar suas raízes no presente, como *solo* revigorado do ter sido, tempo das nossas decisões e escolhas” (ROCHA, 2010, p.124-125). Em Moltmann, o Deus que se revela na história, manifesta essa *virtus* no ser humano capaz de decisões e escolhas no hoje das contradições históricas.

## 1.2 A identidade humana oculta na promessa

Se o sujeito da esperança é o ser humano inacabado, podemos afirmar com Moltmann: “Somente quando o mundo e os homens são vistos num estado inacabado de fragmentação e experimentação, as esperanças terrenas têm algum sentido” (MOLTMANN, 1971, p.13). O sentido da existência humana depende do sentido da esperança que impulsiona sua história. A antropologia de Moltmann não decorre, portanto, da mentalidade essencialista grega, mas do pensamento Judaico-Cristão, caracterizado pela relação histórica entre Deus e o ser humano.

O homem, alcançado pela revelação de Deus na promessa, é, ao mesmo tempo, identificado (como aquilo que ele é) e diferenciado (como aquilo que ele há de ser); ele “entra em si mesmo”, mas em esperança, pois ainda não foi tirado do meio da contradição e da morte. (MOLTMANN, 1971, p.95-96).

No entanto, segundo Moltmann, o futuro do ser humano depende do futuro do Ressuscitado. A vida humana está escondida em Cristo: “Ele possui a vida, mas escondida dentro do futuro de Cristo, prometido e ainda não manifestado. Desta forma o crente se torna basicamente um “esperante” (MOLTMANN, 1971, p.97). Enquanto destinatário da promessa, o ser humano é um mistério para si mesmo.

Aquele que se entrega à promessa, ele é um enigma para si mesmo e uma questão aberta; torna-se para si *homo absconditus*<sup>14</sup>. Segundo as

---

<sup>14</sup> Em Teologia do século XX, Gibellini trata dessa categoria teológica no âmbito da escatologia cristã na relação entre a Teologia da Esperança de Moltmann e a Filosofia da Esperança de Bloch. “Segundo a escatologia cristã, o *homo absconditus* será revelado por obra de *Deus absconditus*: a esperança



pegadas da promessa, ele está em busca de si mesmo e se torna uma questão aberta esperando obter a resposta do futuro de Deus. (MOLTMANN, 1971, p.97).

Podemos afirmar, nesse sentido em Moltmann, que há uma identidade prometida ao ser humano: “Em desarmonia consigo na realidade, mas enquanto escondido no futuro de Cristo, em harmonia consigo mesmo na esperança” (MOLTMANN, 1971, p.98). No entanto, em meio às tensões do tempo presente, porém, não encontrará a si mesmo na fuga de sua realidade. “O homem não se conquista no afastamento, na distinção, “do mundo”, mas na exteriorização para dentro deste mundo”. (MOLTMANN, 1971, p.98). Ou seja, a identidade prometida está condicionada ao futuro do Ressuscitado. Isso significa que há uma direção escatológica; mas sem escapar à experiência no campo aberto das possibilidades históricas. “Deste modo, observamos que somente a esperança cristã que se concentra na história é capaz de desvelar o *homo absconditus* e trazer à realidade aquilo que é” (KUZMA, 2007, p. 135). Sem negar a realidade, o ser humano se projeta ao futuro prometido, que diz respeito também a sua identidade. De fato, como diz o psicanalista Zeferino Rocha, em diálogo com a filosofia para tratar da esperança.

O nosso amanhã será do tamanho da nossa capacidade de sonhar, mas, se para sonhar o futuro abdicamos de viver pisando no chão do presente, podemos estar correndo o grande risco de transformar os nossos mais belos sonhos em tristes e decepcionantes miragens. (ROCHA, 2010, 125).

Ao sujeito da esperança, enquanto destinatário da promessa, corresponde o Reinado de Deus como objeto da promessa. Um Reino de Justiça e de vida que se refere ao futuro do Crucificado-Ressuscitado enquanto antecipação escatológica na história.

A não-redenção visível do mundo, experimentável nos sofrimentos, não é para a esperança cristã como para os judeus um argumento contra a fé na vinda, já verificada do Messias, mas antes uma interrogação angustiante nas suas orações sobre o futuro do Salvador já vindo. Não porque seja duvidoso se Jesus é o Cristo, mas porque, com ele, a redenção foi posta em andamento, e é por isso que eles gemem com toda a criação sob a não-redenção do mundo e querem

---

encontra assim, fundamento na promessa de Deus e no futuro de Cristo. No escatologismo ateu de Bloch, ao invés, o *homo absconditus* coincide com o *Deus absconditus* [...]. Mas, neste caso, o fundamento da esperança está na própria esperança. (Cf. GIBELLINI, 2012, p.290).

ver o cumprimento universal de sua atividade redentora e justificadora. (MOLTMANN, 1971, p.267).

A relação da esperança cristã com o futuro, estabelece dessa forma um conflito entre a experiência vivida e aquilo que deve “ser esperado”. Tensão essa, solucionada apenas a partir da compreensão do “Deus da Promessa”, que em Cristo Crucificado e Ressuscitado, revela-se como o Deus da Esperança (Cf. Rm 15,13). Se Cristo é a nossa esperança (Cf. Col 1,27), nosso futuro é antecipado n`Ele.

Todos os títulos e predicados de Cristo não somente afirmam o que ele foi e é, mas implicam afirmações sobre aquilo que ele será e sobre o que dele se espera...Pelo fato de afirmarem o seu futuro como promessa para o mundo, eles orientam a fé que nele se tem, para a esperança de seu futuro ainda ausente. As afirmações sobre a esperança da promessa antecipam o futuro. (MOLTMANN, 1971, p.4).

Essa abordagem se faz necessária nesse momento, no âmbito da concepção antropológica de Moltmann em sua obra, pelo fato de se relacionar diretamente com a condição humana em seu sofrimento, sua realidade degradada. Na cruz de seu Filho, Deus se identifica com o sofrimento humano e com ele se compadece. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida (Cf. Jo 15,13). A promessa que se universaliza, é antes comunicada aos crucificados da história; às vítimas das contradições históricas submersas numa realidade marcada pela negação da vida. “Na cruz se torna visível o abandono, por parte de Deus, de todas as coisas do mundo, e nela se pode perceber a real ausência do Reino de Deus, no qual todas as coisas chegarão à justiça, à vida e à paz” (MOLTMANN, 1971, p.260). São os submetidos ao reino da morte, os destinatários da promessa do Reino em Cristo. Com razão, podemos dizer com o grande conhecedor de Moltmann no Brasil:

Em toda a sua práxis de vida, Jesus possuiu um agir voltado para os que mais precisavam. Ao Fazer isso – principalmente nas parábolas e nas bem-aventuranças \_ atacou os opressores do Povo e incluiu aqueles que eram excluídos por eles. De maneira profética e libertadora mostrou a face de um Deus compadecido para com essas pessoas e que queria por amor resgatá-las das injustiças. As suas parábolas exigiam uma decisão. Sua pregação foi um evangelho, uma “Boa-Nova que trazia um novo olhar de Deus ao ser humano e um novo olhar do ser humano a Deus. (KUZMA, 2014, p.49).

A compaixão divina se radicaliza no evento da Cruz. Não se trata de um masoquismo “teo-antropológico”, mas o Senhorio de Deus mesmo na realidade humana. “A Ressurreição é antecipação do futuro de Deus. Mas, como é ressurreição do crucificado, essa antecipação torna-se antecipação do futuro de Deus para aqueles que vivem sem esperança e sem direito” (GIBELLINI, 2012, p.293). A história do abandono e entrega de Deus diz respeito ao abandono humano. Em sua obra Trindade e Reino de Deus, assim nos diz Moltmann:

Deus e o sofrimento se pertencem mutuamente, da mesma forma como, nesta vida, o grito por Deus e o sofrimento experimentado na dor se pertencem. A questão de Deus e a questão do sofrimento são uma só. A sua resposta, da mesma forma, é uma só; ou então nenhuma das duas respostas encontram resposta satisfatória. (MOLTMANN, 2011, p. 63).

Deus se esvazia no “vazio” da existência humana. Se abandona na realidade do ser humano abandonado e flagelado. Se faz crucificado com os crucificados para provocar-lhes um impulso novo. O encontro humano-divino na “*Kênosis*” de Deus, revela o rosto desfigurado do ser humano. Rosto que será transfigurado pela esperança na promessa.

### 1.3 Da apatia humana ao “*pathos*”<sup>15</sup> da Esperança

Da apatia do Deus grego, que influenciou por séculos a teologia Cristã, Moltmann parte para uma perspectiva nova da Cruz, onde nos mostra na face humana do Cristo flagelado e morto, não apenas a face de Deus, mas n`Ele a face humana; *Ecce homo*. Uma humanidade desfigurada a quem Deus promete, no seu Filho, uma transfiguração da realidade. Deus sofre, e não é apático porque a realidade humana é de sofrimento.

Finalmente, um Deus exclusivamente onipotente é um ser incompleto em si, pois ele não poderá experimentar a fragilidade e a impotência. Não há dúvida que a onipotência possa ser desejada e adorada pelos

---

<sup>15</sup> Usamos a terminologia grega (*πάθος*), no sentido clássico “Do ato ou efeito de espantar-se” (*Thaumázein*). Na concepção filosófica grega clássica, *Pathos* dá não apenas possibilidade, mas eficácia à possibilidade. Nisso, entendemos o *Pathos* da Esperança como possibilidade e eficácia à própria esperança. Nesse sentido, podemos conceber no pensamento moltmanniano, no contexto da citação, “um *Pathos* de uma esperança escatológica”. Possibilidades que se tornam eficazes pela Esperança Cristã.

homens impotentes, mas ela nunca é amada, apenas temida. Assim, que tipo de ser é um Deus exclusivamente onipotente? É um ser sem experiência, um ser sem destino e um ser que não é amado por ninguém [...] Tal Deus não é um ser necessário e supremo, mas altamente dispensável e supérfluo. (MOLTMANN, 2020, p.277).

Se na face do Crucificado está o homem desfigurado, em seu grito último na cruz está o clamor do povo padecente. Do homem e da mulher que geme em “dores de parto” e esperam o Reino que há de vir. Solidariedade divina que irrompe na história pela encarnação e se radicaliza na Cruz. É do ser humano, nessa realidade cruenta que identificamos a concepção antropológica que subjaz o pensamento de Moltmann. Realidade por ele mesmo experimentada e vivida, como citamos em sua breve biografia. Cesar Kuzma nos alerta para a perspectiva moltmanniana da Teologia da Cruz que nos ajuda a compreender a base antropológica do nosso autor.

É importante se ter claro uma coisa: a solidariedade não está com o sofrimento, e sim, com aqueles que sofrem. Há nisto uma enorme diferença. É um amor que não pode proibir a escravidão e nem a inimizade, mas que sofre a causa desta contradição, podendo carregar apenas a dor e o protesto contra o sofrimento, revelando-se nesta dor. É o que ocorre na cruz de Jesus e que Moltmann reflete teologicamente. (KUZMA, 2013, p.33).

Assim como o homem se torna para si *homo absconditus* (Cf. MOLTMANN, 1971, p.97), pois colocou seu “futuro no futuro de Cristo”, na cruz temos a decisão de Deus pelo compartilhamento divino do sofrimento humano. Não temos um Deus apático, mas, que pelo sofrimento integra a si a condição humana e a desperta. “Na esfera do Deus apático, o homem se realiza como *homo apatheticus*, ao passo que, na situação do *pathos* divino, o homem se torna *sympatheticus* na amizade com Deus, que encontra expressão na esperança e oração (GIBELLINI, 2012, p.295). Nessa reciprocidade divino-humana, o ser humano tem a possibilidade de sair da *apatheia* <sup>16</sup>para uma marcha continua em busca de seu novo futuro.

A decisão de Deus nos revela que o ser humano é capaz de decidir pelo seu futuro e sua história. O ser humano “capaz de Deus” é também o ser humano “capaz de si mesmo”. Nunca centrado em si mesmo, mas com respeito a si um ser excêntrico, adiantado na esperança da promessa (Cf. MOLTMANN, 1971, p.97). Não se contém

---

<sup>16</sup> **Apatheia** (em grego: ἀπάθεια, (a)- “ausência” e (pathos) – “sofrimento” ou “paixão”) é um estado de espírito alcançado quando uma pessoa está livre de perturbações emocionais. É um conceito estoico.

em si mesmo aquele que se torna sujeito da esperança, porque não deixa de buscar o objeto da promessa que é o Reino de Justiça e vida que brota da Cruz do Ressuscitado.

O ser humano em sua ambiguidade pode lançar-se no desespero ou niilismo. No entanto, como ser inacabado e em contínuo processo histórico, pode alcançar uma identidade oculta na promessa do Deus da esperança. A realidade ferida da existência humana, no encontro com a solidariedade divina na Cruz torna-se uma experiência de transfiguração na Ressurreição. Nessa relação, podemos afirmar que da apatia humana manifesta em seu rosto desfigurado, ao *pathos* da esperança, um novo significado se abre para a história e o sentido da vida, no encontro com o Deus da promessa.

## CAPÍTULO II

### AS RAÍZES BÍBLICO-TEOLÓGICAS DO ÊXODO AO CRISTO RESSUSCITADO-CRUCIFICADO

Após analisarmos o ponto de partida antropológico da Teologia da Esperança, consideramos importante perscrutar as raízes bíblico-teológicas que orientam o pensamento de nosso autor.

A Esperança Cristã em Moltmann tem suas raízes bíblicas no Êxodo do povo de Israel e no evento da Morte e Ressurreição de Jesus. Ambas as realidades são analisadas no contexto da Revelação do Deus da Promessa, que se insere na história de um povo que Ele escolheu para si: “Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Jr 30,21). E ainda, “porque eu sou o teu Deus e teu Senhor, que da terra do Egito te arranquei” (Sl 80/81). Aliança e Eleição estão na base da antiga fé de Israel, que será renovada na promessa futura e abrirá caminho para a constituição de uma esperança escatológica.

No Antigo testamento é que encontramos as bases para compreender a esperança cristã no Novo Testamento: “Vale apontarmos aqui que, segundo P. Hoffmann, as características da esperança cristã apresentadas no NT estão alicerçadas nas características da esperança do AT, *esperar*, *confiar* e *perseverar* (KUZMA, 2014, p.109). E ainda:

É uma esperança que interage no meio em que está; é dinâmica e ao mesmo tempo crítica da realidade. Por se fundamentar no Cristo ressuscitado como alicerce fundamental da fé, ela se projeta totalmente ao futuro, mas de maneira enraizada nas promessas do passado. (KUZMA, 2014, p.107).

Essas raízes se encontram nos acontecimentos e eventos que caracterizam a história de Israel. Na revelação de Deus ao povo da Antiga Aliança estão as sementes da esperança cristã. Desde a promessa aos Patriarcas, passando pelos fracassos e decepções com a monarquia – de onde brota uma esperança messiânica - até à tradição profética, temos um processo histórico de amadurecimento de uma esperança escatológica.

O Deus da Esperança é antes o Deus da promessa. Partindo desse princípio, temos como raiz bíblica primária o Êxodo, evento fundante do povo de Israel; e o fundamento por excelência a Cruz e a Ressurreição de Jesus. Moltmann analisa no II e IV capítulos de sua obra, as promessas de Deus ao povo de Israel como sinal e preparação da promessa fundamental – Reinado de Deus - que se manifesta no evento de Cristo.

Este é um momento em que se volta a discutir as promessas de Deus dentro de um horizonte judeu-cristão, no qual Moltmann se vê influenciado pela filosofia de Ernst Bloch com a obra *O Princípio Esperança* (Das Prinzip Hoffnung), de 1959. Perguntava-se, pois, de que modo a história representava um todo e de que maneira as promessas de Deus despertavam esperanças humanas? Com isso, a reflexão teológica se direciona para o sentido do êxodo de Israel e, também, a compreensão de Reino de Deus passa a ganhar um sentido de orientação para o futuro, totalmente escatológico. (KUZMA. 2009. p.448).

Para compreendermos de que “forma as promessas de Deus despertam esperanças humanas”, precisamos compreender quem é o Deus da promessa, na relação histórica com o seu povo. Essa relação se dá na realidade de sofrimento e escravidão. Com um povo humilhado e resignado em uma realidade obscura, sem perspectiva de futuro.

## 2.1 As raízes da promessa escatológica e sua universalização

No Evento do êxodo, Yahweh – O Deus libertador, se realiza como defensor. “Uma das características centrais, pelas quais Deus se deu a conhecer no decorrer da história, é a sua qualidade de *go’el*.<sup>17</sup> Deus é *go’el*, isto é, defensor dos que já não têm defensor” (BLANK, 2008. p.145). E ainda:

E como *go’el*, o agir deste Deus visa a todas as situações concretas, nas quais algum ser humano se encontre ameaçado pela morte: morte biológica, morte social, morte cultural ou qualquer outra morte que ameace a vida. Vale a pena lembrar a atuação de Jesus, para confirmar esse fato. (BLANK, 2008, p.145-146).

Nisso, vemos que não há indiferença ou omissão por parte de Deus diante do sofrimento do seu povo. Ele vê, ouve e toma decisão em favor daqueles que estão submetidos à escravidão. “Eu vi o sofrimento do meu povo; ouvi o clamor do meu povo, e desci para libertá-lo” (Ex 3,7). O Deus da Aliança estabelecida no Sinai é reinterpretado pelo nosso autor em perspectiva escatológica, a partir da categoria da promessa como fonte da esperança que move a marcha do povo de Deus em vista da libertação, como vemos no livro do êxodo: “Eu vos tomarei por meu povo, e Eu serei o vosso Deus. Então vós aprendereis que Eu Sou *Yahweh*, o vosso Deus, que vos faz sair de sob as cargas pesadas e injustas do Egito (Ex, 6,7). Na Aliança do Sinai se encontram as bases da esperança veterotestamentária, que se consolidará na tradição profética. Por isso o Deus Javé ao se revelar, não apenas “consola” seu povo, mas provoca o povo a enfrentar a sua realidade.

A revelação de Javé não tem por finalidade proteger e amparar o presente, ameaçado em sua eternidade, mas, ao contrário, faz com que os ouvintes da promessa não se preocupem em proteger a realidade que os cerca, antes se orientem em esperança e elã em direção ao novo futuro prometido. (MOLTMANN, 1971, p. 109).

---

<sup>17</sup> No sentido próprio significa a ação legal pela qual um responsável, parente ou substituto, recupera bens alienados, livra escravos ou cativos, vinga assassínios, recupera bens consagrados, casa-se com uma viúva sem filhos. A ação se fundamenta no sentido e exigência da solidariedade familiar; por ser um direito obrigação, pode incluir o aspecto de responsabilidade. Podendo ser traduzido, de acordo com o contexto por: resgatar, redimir, recuperar, recobrar, reclamar, responder em lugar de/por, reivindicar, vingar, vindicar. O segundo sentido está ligado ao culto e, nesses contextos, significa: profanação, contaminado, estar manchado, sujo (Cf. ALONSO SCHÖKEL, Luis M. **Dicionário Bíblico Hebraico Português**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 125).

O Deus *go'el*, ao mesmo tempo *yahweh*, é o Deus da promessa. E como tal, se revela também o Deus da esperança, no êxodo hebreu que se orienta em direção ao futuro prometido. “Sempre de novo aparece na história de Israel o fato de que as promessas, a que Israel deve sua existência, mostram serem um *continuum* a atravessar todas as peripécias históricas” (MOLTMANN, 1971, p.121). Dessa forma, os acontecimentos se tornam transitórios e relativos; ao mesmo tempo, sinalizadores de uma outra realidade, ainda desconhecida, mas almejada pela fé na fidelidade de Deus. Podemos perceber, que a promessa perpassa toda a história de Israel de tal forma, que a esperança sustenta a própria história do povo.

Deus defende e liberta por causa de uma promessa. Uma promessa futura que supera a expectativa do seu povo subjugado e sempre tentado ao conformismo ou desespero. Essa experiência do povo abre um horizonte escatológico no sentido de um futuro universal e radical. A promessa é para todos os povos. Isso se manifesta no senhorio de Javé apregoado na tradição profética que universaliza a promessa, envolvendo toda a realidade humana, e ultrapassando-a até os limites da existência.

Se a história veterotestamentária é marcada pela experiência da presença de Deus, pergunta-se: quando uma promessa se torna escatológica? Moltmann vê na mensagem dos profetas o ponto em que assume uma universalização em uma intensificação assim formuladas: “A universalização da promessa assume seu *éschaton* na promessa do senhorio de Javé sobre todos os povos. A intensificação da promessa encaminha-se para a realidade escatológica mediante a negação da morte”. Escatológico significa aqui um futuro universal e radical. (GIBELLINI, 2012. p.283).

A universalização da promessa em Israel passa não apenas pela tradição profética, mas pela constituição da monarquia. Que embora tenha fracassado, é a origem de uma esperança messiânica. Esperança de um Rei-Messias capaz de garantir a realização das promessas profetizadas. Diante da infidelidade tirânica de Reis exposta por profetas como Samuel, e a contradição das monarquias com as profecias, a promessa do Deus da Aliança se vê ameaçada.

Do fracasso da monarquia, segundo Moltmann, nasce uma esperança messiânica. “Portanto, encontramos discrepâncias já na história da origem da monarquia de Israel da qual surgiu a esperança de um rei-messias do agrado de Deus” (MOLTMANN, 2014, p.30). A esperança messiânica em Israel, se dá num contexto de fracasso humano-político das monarquias estabelecidas. Em sua obra “O Caminho de



Jesus Cristo”, nosso autor reconhece a dificuldade de realização da esperança subjugada à uma monarquia constituída em nome do Deus da promessa, em meio a intrigas políticas. No entanto, afirma citando Buber, que há uma esperança realista, que aponta não apenas para uma salvação de almas, mas tem um caráter histórico.

Regime monárquico em nome do Deus da Promessa e da comiseração dificilmente pode ser realizado na arena de lutas políticas pelo poder. Esta monarquia deve conduzir, já a partir de sua constituição, a uma esperança que vá além de toda realidade política experimentada e que não pode ser satisfeita com nenhuma delas. Não obstante, esta esperança continua realista, pois ela não espera um redentor religioso das almas, mas o “messias teopolítico” (Buber) do povo e da nação. (MOLTMANN, 2014, p.30-31)<sup>18</sup>

Frente ao fracasso da monarquia, origem da esperança messiânica, a esperança em Israel se reveste com seu conteúdo escatológico propriamente dito, na releitura profética das inúmeras derrotas e ameaças enfrentadas pelo povo. “Moltmann vê na mensagem dos profetas o ponto em que a promessa veterotestamentária assume a dimensão escatológica, na medida em que assume uma universalização e uma intensificação” (GIBELLINI, 2012, p.283). É o “Julgamento de Javé” sobre seu povo que desperta uma nova compreensão da história e da promessa de Deus. Promessa que é universalizada; ampliando-se assim, a salvação para além do povo de Israel.

Assim, surgem nos Profetas visões finais a respeito de uma nova salvação futura e nunca antes contemplada, sobre uma “nova aliança”, sobre o reino futuro de Javé no seu domínio sobre a terra; isto não só em favor de Israel, mas de todos os povos, que por assim dizer, participam do julgamento sobre Israel e estão envolvidos na história de Javé com Israel. É por esta universalização do julgamento que a salvação futura de Javé se torna escatológica em toda a sua amplitude e ilimitação (MOLTMANN, 1971, p.146-147).

Nesse sentido, a esperança escatológica se realiza na história de Israel como princípio histórico, tornando o êxodo um paradigma. Se, verbo é tudo aquilo que indica ação, os verbos ver, ouvir e descer não revelam apenas como Deus é, mas a partir

---

<sup>18</sup> Moltmann analisa a origem histórica da esperança messiânica em Israel no primeiro capítulo da obra o Caminho de Jesus Cristo, refletindo à partir da página 31, o Desenvolvimento da figura do Messias. Para nosso autor. A diferença entre passado e futuro é constitutiva para a esperança messiânica. Dessa diferença nasce a esperança escatológica. (Cf. MOLTMANN, 2014, p.30-34).

d`Ele, expressam a característica primordial de seu povo; não um povo passivo, mas peregrino, caminheiro.

## 2.2 A linguagem da Promessa e o evento do êxodo

O Deus de Israel utiliza pedagogicamente a linguagem da promessa para comunicar a salvação a todos os povos, a partir do êxodo do seu povo. O êxodo bíblico é uma parábola da trajetória humana. Deus se torna “nômade” com o povo migrante abrindo horizontes novos no curso da história. Ao revelar-se em suas obras, Deus revelava a relatividade do tempo presente.

O Deus “nômade” é o Deus da migração, fazendo a existência humana ser percebida como um processo histórico. Mesmo ao tornar-se sedentário o povo israelita continuou a crer na promessa, pois grande parte dela ainda estava por se cumprir. Isto se deu basicamente por causa daquilo que Moltmann denomina de “inesgotabilidade” do Deus da promessa. Na história do povo israelita a promessa desempenhou o papel de abrir o horizonte de sua história, isto é, determinar a ausência de limites fixos. De fato a Promessa visa sempre seu cumprimento. Somente onde Javé se revelava por meio de Sua obra é que Israel via a história. (BASTOS, 2009. p.255).

A diferença fundamental consiste não numa existência divina que é manifesta em Israel, mas no “modo de falar e nas diferentes representações” no “contexto em que se fala”, dessas manifestações, ou “revelação” (Cf. MOLTSMANN, 1971, p. 34-35). Segundo Moltmann, são distintas a “afirmação do eterno manifesto “no tempo e na história”, e o “futuro do que foi prometido”. Por isso, a Linguagem da *promessa* está na base da compreensão da Revelação de Deus, que supera também a tensão entre Doutrina de Deus e Antropologia.

Nesse sentido, os inúmeros acontecimentos da história do povo de Israel são assumidos como únicos e reinterpretados à luz do grande acontecimento do êxodo. É a inauguração de um novo tempo, vislumbre de um futuro. Ou seja, não está limitado ao passado, mas se projeta de forma luminosa sobre o futuro, despertando a realidade atual.

Isto é, depois dos *acontecimentos da promessa* para Abraão, Isaque e Jacó, o *acontecimento do êxodo*, no qual Deus se coloca e a partir

do qual Israel surge como o povo de Deus. O êxodo é entendido como um acontecimento único, que, como tal, jamais se repete. Simultaneamente, porém, ele também é entendido como um acontecimento de-uma-vez-por-todas (ein-für-alle-Mall), o qual determina cada subsequente geração de Israel de tal forma como determinou a própria geração do êxodo. O acontecimento do êxodo é, pois, um acontecimento do passado, mas não acontecimento passado. Como acontecimento do passado, ele determina os tempos que se sucedem. Ele é um acontecimento que inaugura a história. Ele afirma o tempo da aliança de Deus com Israel e abre, para Israel, o futuro de Deus. (MOLTMANN, 1993, p.181).

As narrativas presentes nas tradições do povo de Israel, segundo nosso autor, são experiências que não se limitam ao passado, mas influenciam o futuro. Ou seja, se dizem algo em relação ao futuro, dizem ao momento presente, que deve ser transformado, para que a promessa futura não seja uma utopia vaga e alienante que justifica a realidade. “Pois, a promessa de Deus mostra o enorme fosso entre nossa realidade circunstante e a oferta de Deus, movendo o fiel em direção ao futuro prometido” (LIBÂNIO e BINGEMER, 1985, p.67). Nessa tríade de relação é que se encontra a esperança escatológica.

As antigas tradições históricas transmitem experiências que Israel teve com o seu Deus e suas promessas. Ora, se essas promessas vão além do futuro que existe no presente, tais narrativas históricas não podem simplesmente ser narradas como experiências do passado. Antes, tudo que é narrado e transmitido de tal passado conduz a que o próprio presente seja transposto para um novo futuro, pois a realidade da história é narrada dentro do horizonte da ação histórica das promessas de Deus. (MOLTMANN, 1971, p.120).

Essa perspectiva bíblica desenvolvida por Moltmann nos mostra que o Deus bíblico se identifica com a promessa, e a esperança deve ser lida em perspectiva escatológica.

Para traçar os elementos de uma teologia da esperança cristã, Moltmann, parte do Antigo Testamento, percorrendo um caminho histórico que passa pela experiência veterotestamentária, que é experiência de promessa, de expectativas e esperanças e, com os profetas, de esperança escatológica. (GIBELLINI, 2012, p. 283).

A originalidade e a importância do pensamento de Moltmann não estão apenas em fundamentar a esperança cristã na morte e Ressurreição de Cristo, tendo

como base o êxodo no contexto central da promessa; mas na chave de leitura escatológica numa perspectiva de antecipação do Reinado de Deus.

### 2.3 Cristologia escatológica:<sup>19</sup> O Futuro do Reino de Deus

É no terceiro capítulo que nosso autor desenvolve o fundamento cristológico da Teologia da Esperança, “tematizando a ressurreição de Cristo e de todos nós”. Cesar Kuzma, identifica nesse capítulo o “segundo problema” abordado por Moltmann, no âmbito da escatologia. Problema esse, que se refere ao eixo central de nossa pesquisa, a esperança cristã.

Seu segundo problema parte do fundamento cristológico da escatologia cristã e é, sem dúvida, o ponto central da Teologia da Esperança, pois trata da ressurreição de Cristo e de todos nós, de maneira explícita no capítulo III. Aqui ele traz o Cristo ressuscitado como o crucificado e, para ele este é o tema central de toda a fé cristã. (KUZMA, 2009, p.459).

Vemos que Moltmann se refere ao evento de Cristo como antecipação do Reino. Ele aborda o Futuro de Deus na história numa dimensão cristológica, fundamentando a Teologia a partir do princípio esperança. “Há um fio condutor que perpassa todas as reflexões: a esperança no futuro, fundamentada na cruz e Ressurreição de Cristo. Esperança fundamentada na história e na experiência que responde às aspirações de todo o ser humano” (AGUIAR, 2018, p.23). Em Moltmann, a mensagem do Reino de Deus é lida a partir do ressuscitado-crucificado num horizonte escatológico, de tal modo que a antecipação de seu Reino nos compromete com a promessa por meio da esperança.

Em Jesus Cristo a promessa de Deus se torna explicitamente universal. Na encarnação do Cristo de Deus se dá então a virtualização da promessa, ela converte-se em evento concreto,

---

<sup>19</sup> Gibellini distingue nas obras de Moltmann: Teologia da Esperança e Deus Crucificado, perspectivas cristológicas distintas. “Se em Teologia da Esperança eram desenvolvidas as linhas de uma cristologia escatológica, em O Deus Crucificado realiza-se a necessária integração com uma escatologia cristológica”. Na primeira, a partir de Cristo se olha para frente na direção do *éschaton*. Na segunda, a partir do *éschaton* olhamos para o evento de Cristo, olhando para trás. Segundo o autor, são caminhos teóricos que devem ser percorridos. (Cf. GIBELLINI, 2012, p.292).

irreversivelmente imperecível para todos os seres humanos, para toda a criação. Em Cristo se superam todos os exclusivismos: o Deus de Abraão se torna de forma incondicional o Deus de todos os povos da terra. Todavia, esta promessa de alcance universal deve se tornar um evento efetivo na vida das pessoas. Para Jürgen Moltmann, o Evangelho da promessa de Cristo já está presente na história, mas somente como promessa, uma vez que N'Ele todas as promessas de Deus são confirmadas e virtualizadas, mas não cumpridas ainda. (BASTOS, 2009, p. 256).

Na Teologia da Esperança Moltmann desenvolve uma cristologia escatológica, refletindo o futuro do Reino de Deus a partir de Cristo, o *eschaton*. “Na cristologia escatológica, a partir de Cristo, se olha para frente, na direção do *eschaton*, e então o ponto privilegiado de observação é a ressurreição de Cristo, que torna possível vislumbrar o futuro prometido por Deus” (GIBELLINI, 2012, p.292). O Reino de Deus se amplia nessa perspectiva teológica, e dá sentido histórico à esperança cristã. A Ressurreição de Cristo como antecipação do futuro do Deus que vem e do fim da história tem uma estrutura proleptica. (GIBELLINI, 2012, p.293). É a Antecipação do Reinado de Deus na história pelo evento de Cristo. A promessa fundamental para o mundo é o próprio Cristo Ressuscitado e crucificado, manifestado na história.

Esse novo que esperamos com a ressurreição de Cristo torna-se, pois, já manifesto e, portanto, sensível na história por aquilo que Cristo já nos deixou e convidou a segui-lo, que é a proposta do Reino de Deus. Essa proposta justifica o caminho de Jesus até a cruz e antecipa-nos o nosso caminhar da cruz até a sua ressurreição. Por essa razão, afirmamos que o Cristo Ressuscitado e Crucificado é uma promessa para o mundo. (KUZMA, 2014, p.124).

Quando Moltmann se refere ao Reino de Deus, o faz inicialmente com base na fé judaica. “A fé no reino de Deus encontra a sua expressão na confissão de que Javé é rei (J z 8,22)” (Cf. MOLTSMANN, 1971, p.252). A fé judaica confessa o senhorio de Javé; na fidelidade d`Aquele que cumpre as suas promessas como Deus e Senhor. Essa profissão de fé não se confunde com a das religiões circunvizinhas, de caráter *epifânica*, nem com meras expectativas de uma realeza humana; mas, se sustenta na promessa. O Reino está oculto no futuro do Cristo Ressuscitado-Crucificado, e prefigurado nas esperanças proféticas do Antigo Testamento.

Se perguntarmos agora sobre o conteúdo de promessa e esperança no futuro do Cristo Ressuscitado, encontramos promessas cujo conteúdo já transparece nas esperanças proféticas do Antigo Testamento em alguns de seus traços, mas cuja forma é determinada pela pregação, sofrimento e morte de Cristo. O Futuro de Cristo a ser esperado só é exprimível por promessas, que antecipam e manifestam aquilo que está oculto e apenas iniciado como prelúdio e amostra prévia, nele e na sua história. (MOLTMANN, 1971, p.235)

Há uma identidade clara entre a promessa e o Reino de Deus. Em Moltmann, Reino de Deus significa originariamente reino em promessa, fidelidade e cumprimento (Cf, MOLTMANN, 1971, p. 252). A esperança de todo o povo está no domínio de Deus que deve garantir liberdade, justiça e paz.

Se recuamos até os tempos do nomadismo das tribos Israelitas, encontramos a ideia de que Javé é o guia que vai à frente de seu povo, que ele é senhor enquanto dirige como pastor, dá orientações e conselhos e aponta para o futuro por ele querido. Por conseguinte, o seu reino não significa, em primeira linha, uma realeza terrena sobre o ambiente natural do homem, mas o conduzir para as regiões da promessa, isto é, uma realeza histórica que se mostra em eventos únicos, irrepetíveis, repentinos, novos e orientados para um fim (MOLTMANN, 1971, p.252)

Como podemos perceber, se há uma identidade entre Promessa e Reino, há entre ambas e o evento de Cristo, por meio do qual irrompe o Reino prometido. Na concepção de Moltmann, como vimos, há uma “orientação para um fim”; mas o prometido e esperado tem caráter escatológico na ressurreição do crucificado. Segundo nosso autor, a ressurreição do crucificado permanece sempre como ponto decisivo para a compreensão da promessa do Reino. (Cf. KUZMA, 2014, p.125). O futuro esperado do Reino no tempo presente está aberto à promessa, pois dela provém. “O Reino é o cumprimento das antigas promessas do AT, que perpassou por toda a história de Israel e que em Jesus irrompe como um fim, porém um *fim-não-fim*, mas projetado ao futuro, um *fim-para*” (KUZMA, 2014, p.124). Há uma tensão dinâmica e dialética do Reino na história.

Aquilo que Deus propõe, quando fala de seu Reino, se revela através das ações concretas e experiências históricas. Estas ações são ações de Jesus, e no agir de Jesus encontramos o agir de Deus. Esta verdade fundamental foi expressa de maneira muito clara por Jon Sobrino: “Deus”, diz ele, “se dá a conhecer não diretamente em si mesmo, mas através de uma situação Deus se traduz por Deus *reina, age*. (BLANK, 2008, p.188).

No Novo Testamento, temos em Cristo uma reinterpretação das promessas e não apenas uma originalidade específica em relação ao Reino, mas na forma do cumprimento do Reinado de Deus. “(Jesus) declara que os primeiros destinatários deste Reino não são os seguidores da Lei e doutrinas, mas os pobres” (BLANK, 2008, p.187). Ele mesmo assume e supera as profecias antigas. “hoje se cumpriu as escrituras que acabastes de ouvir” (Lc 4, 21). As pregações de Jesus, que ensinava com autoridade, eram constrangedoras às autoridades políticas e religiosas (Cf. Mt 7,29). A releitura da Lei por ele interpretada, dava um significado que contrariava a leitura oficial e prática principalmente de autoridades religiosas.

Ao discursar por parábolas, Jesus trouxe para a sua definição de Reino de Deus situações emergenciais e, ao mesmo tempo, incômodas para alguns grupos locais. Ao contrário destes, Jesus privilegiou os pecadores, os pobres, as mulheres, as crianças, os doentes, as prostitutas, enfim, todos os excluídos como pertencentes e importantes no plano salvífico de Deus. Com isso, condenou as estruturas que se intitulavam como “povo santo”, “eleitos” e “escolhidos” por Deus. (KUZMA, 2014, p.49).

O Reino de Deus, designado no Novo Testamento com o termo grego *basiléia*, se confunde com o todo da vida e missão de Jesus. “A derradeira hora” que se instaura por meio de Cristo, transforma a tradição sobre o Reino de Deus (Cf. MOLTSMANN, 1971, p.254). É a hora da decisão daqueles que recebem sua mensagem. O “kairós escatológico” se dá no evento da morte e ressurreição.

Pela experiência da Cruz e Ressurreição de Jesus, o “reino de Deus” não só entendido cristologicamente, mas se torna escatológico de forma nova. As comunidades mais antigas, não viviam, em razão das experiências da cruz e da Páscoa, no “tempo cumprido”, mas na expectativa do futuro. (MOLTSMANN, 1971, p.259).

A centralidade do Reino na missão de Jesus, revela um aspecto antecipatório, como citamos anteriormente; no entanto, também de resistência. Não teria um caráter proléptico autêntico se não houvesse uma contradição entre a promessa escatológica e a realidade atual. Há um elemento de continuidade com a concepção judaica, no entanto, um outro de descontinuidade que não apenas supera algumas expectativas do povo, mas até mesmo frustra particularmente aquelas das autoridades políticas e

religiosas de seu tempo. A mediação messiânica realizada por Jesus tem duplo caráter: antecipação e resistência.

Tal mediação messiânica se exprime antes de tudo na figura messiânica da antecipação, que não é ainda plenitude, mas somente fragmento do todo que está por vir: disso se segue que ficam excluídos tanto o entusiasmo fanático como a resignação trágica. Além disso, ela encontra expressão na figura messiânica da resistência contra as forças do mal e da morte que ainda estão em ação num mundo que tende a fechar-se em si mesmo e sobre si mesmo. Antecipação e resistência estão vinculadas às figuras messiânicas da dedicação e da representação: as antecipações não representam a si mesmas, representam aquilo que deve vir e exigem empenho e dedicação do presente para que ele se abra para o futuro do Reino. (GIBELLINI, 2012, p.297)

A experiência das comunidades primitivas com as “cristofanias pascais”, foram testemunhadas e transmitidas inicialmente como releitura dos acontecimentos pré-pascais. “As aparições pascais são recebidas dentro de um horizonte de esperanças apocalípticas e como tais anunciadas: a Ressurreição como evento escatológico – Jesus o primogênito da Ressurreição” (MOLTMANN, 1971, p.254-255). A tensão histórica do “já e ainda-não”<sup>20</sup> teológicos, encontrará sua síntese dialética no *eschaton*; na vitória de Deus com seu Reino de Vida, Justiça e Paz.

Aquilo que aconteceu entre a Cruz e as aparições pascais é assim um evento escatológico que está orientado para a revelação futura e a consumação universal. Aponta para além de si mesmo, e também para além de Jesus, para a revelação vindoura da Glória de Deus. Sendo assim, Jesus nas aparições pascais, se identifica como aquele que vem e a sua identidade na Cruz e na Ressurreição aponta para a direção aos eventos vindouros e lhes prepara o caminho. (MOLTMANN, 1971, p.233).

A releitura de Moltmann das escrituras concebe a “bíblia como livro das promessas”. Desde o Antigo Testamento, até o evento de Cristo. O que se pode dizer da novidade do Evangelho, deve ser compreendido não como cumprimento das

---

<sup>20</sup> Essa concepção teológica é atribuída ao teólogo evangélico Oscar Cullmann. Gibellini exemplifica e contextualiza essa expressão, assumida posteriormente como terminologia teológica, numa controvérsia de Cullmann com Bultmann. Para Bultmann, o querigma neotestamentário anuncia o fim do velho *éon* e o advento de um “tempo novo” (*neue zeit*), do tempo escatológico, interpretado como o tempo da decisão: para Cullmann, O Novo testamento, indicando o evento de Cristo como evento central na linha do tempo, introduz uma “nova divisão do tempo” (*neue Zeitverteilung*), que deve ser interpretado de acordo com a dialética do “Já” e do “ainda não”. Para Cullmann, Cristo é o centro (*Mitte*) da história. Para Bultmann, Ele é o fim da história (*Ende*). (Cf. GIBELLINI, 2012, p.260-261).



promessas, mas Boa Nova, no sentido sacramental. A promessa veterotestamentária, como vimos, é ratificada na Nova Aliança em Cristo. Ou seja, manifesta-se o sinal fundamental do Reinado de Deus em Cristo, como salvação escatológica. A promessa veterotestamentária tem seu conteúdo definitivo desvelado na personalização do Reino em Cristo ressuscitado-crucificado. Na verdade, Ele é o fundamento da promessa. O Futuro escatológico não se confunde com um “futuro absoluto”, e sim um futuro histórico que alcança todos os povos e a vida em sua totalidade.

Esta leitura da Bíblia como livro das promessas de Deus leva a concluir que o Evangelho não cumpre as promessas, mas as ratifica, apontando para o futuro da salvação escatológica: “a novidade” do Evangelho não é, pois, totalmente nova. Também o Evangelho tem caráter promissório: ele não é cumprimento de promessas, e sim ratificação de promessas e ele mesmo promessa aberta acerca do futuro de Cristo [...] A Ressurreição de Cristo é ratificação (*bebáiosis*) das promessas precedentes, mas ela mesma é promessa universalizada e radicalizada em perspectiva escatológica: *promissio inquieta* que não encontra repouso a não ser na ressurreição dos mortos e na totalidade do novo ser. (GIBELLINI, 2012, p.283-284).

Como pudemos perceber, a esperança cristã tem seu fundamento no ressuscitado-crucificado de forma proléptica. O evento do êxodo é a base da esperança fundada no futuro de Cristo como esperança escatológica. O Deus da esperança é antes o Deus da promessa. A Esperança cristã, enraizada nas promessas do passado, encontra na cristologia escatológica de Moltmann, a orientação para o *eschaton*, o futuro do Reino de Vida, Justiça e Paz prometido por Deus.

### CAPÍTULO III

#### PERSPECTIVAS HISTÓRICOS-TRANSFORMADORAS DA ESPERANÇA CRISTÃ A ESPERANÇA E A ÉTICA DO REINO

Após analisarmos a antropologia que subjaz a Teologia da Esperança e suas raízes bíblicas-teológicas, compreendemos que a esperança cristã tem por natureza implicações históricas e uma índole social transformadora da realidade.

No quinto capítulo da obra em apreço, Moltmann analisa no contexto da modernidade, a missão da Igreja compreendida por ele como “Comunidade do êxodo” (Cf. MOLTSMANN, 1971, p.363). Nosso autor reflete a essência do Cristianismo, tematizando na perspectiva da esperança escatológica do Reino de Deus, a “vocação e missão dos cristãos na sociedade” (MOLTSMANN, 1971, p.395). Segundo Moltmann, a essência e o futuro do cristianismo dizem respeito ao futuro do Ressuscitado-crucificado; o fim para o qual caminha: o Reino de Vida, Justiça e Paz prometido por Deus.

O “Cristianismo” tem a sua essência e o seu fim não em si mesmo e na própria existência, mas vive de alguma coisa, e existe para alguma coisa, que alcança muito além dele. Se se quer compreender o mistério de sua existência e de suas formas de comportamento, necessário se faz interrogar sobre sua *missão*<sup>21</sup>. Se se quer descobrir sua essência, é preciso interrogar sobre seu futuro em que ele coloca suas esperanças e expectativas. E se o cristianismo se tornou inseguro e sem orientação em meio às novas relações sociais, é preciso perguntar, mais uma vez, sobre a razão por que existe e o fim para onde caminha. (MOLTSMANN, 1971. p. 389)

A Igreja enquanto comunidade do êxodo está orientada para o futuro escatológico de Cristo na esperança. E isso diz respeito a sua realidade como “comunidade-de-salvação escatológica” (MOLTSMANN, 1971, p.389). Salvação esta que não se confunde com uma corrida excêntrica e egocêntrica de libertação individual da alma. “Contra um “egoísmo de salvação” meramente individualista, devemos nos conscientizar de que a boa nova da salvação, proclamada por Jesus Cristo, não consiste numa mensagem sobre a salvação do próprio “eu”; muito embora tenha sido esta, a interpretação admitida durante séculos” (BLANK, 2000, p.297). A promessa de Salvação corresponde ao Reino de Deus, e está relacionada à esperança do Evangelho personalizado em Cristo, que instaura o tempo *kairológico*. (Cf. Lc, 4). Um ano da graça do Senhor, comunicado ao mundo a partir dos pobres e marginalizados. Na história de Salvação que podemos perscrutar nas escrituras

---

<sup>21</sup> O Concílio Vaticano II enfatizou a índole missionária da Igreja no Decreto Ad Gentes (AG n.2): “A Igreja peregrina é por natureza missionária. Nasce, segundo o desígnio divino, da própria missão do Filho e do Espírito Santo”.

sagradas, vemos a centralidade dos abandonados; os pobres entregues à própria vulnerabilidade. Essa mesma centralidade é manifestada na missão de Jesus através da proclamação do Reinado de Deus.

De fato, se tem algo que não se pode negar nem ofuscar na Sagrada Escritura é a centralidade dos pobres e marginalizados na história da salvação. Deus aparece (revelação) como Go'el que resgata seus parentes da escravidão, como Rei que faz justiça aos pobres e oprimidos, como Pastor que apascenta suas ovelhas e as protege dos lobos, como Pai que cuida de seus filhos e os socorre em suas necessidades. A relação com ele (fé) passa sempre pela observância e defesa do direito dos pobres e marginalizados, pela proximidade aos caídos à beira do caminho. Todas as imagens ou metáforas que a Escritura usa para falar da inter-ação entre Deus e seu povo (Go'el, Rei, Pastor, Pai, etc.) revelam a centralidade dos pobres e marginalizados, de modo que a salvação deles constitui o coração da história de Deus com seu povo. (AQUINO, 2020.p.800)

Podemos entender a relação entre, salvação, missão e esperança, em sentido escatológico, na medida em que assumimos o princípio ativo da esperança cristã como antecipação do Reino prometido. Ao contrário de uma concepção passiva e de “realização natural”, por evolução espontânea da transformação histórica.

Tanto a humanidade como o mundo são, nas palavras de Comblin, realidades escatológicas. Em ambos os casos, ainda não são aquilo que foram chamados para ser. E ainda não se revelou o que ambos devem ser, embora, se saiba o que eles serão (cf. 1Jo 3,2; Ap 21,1). Entretanto, ao compreender a missão como salvação, assume-se a compreensão de que o escatológico à frente não é alcançado por meio de um esperar passivo. Ou, como em alguns seguimentos cristãos, num desejo que as coisas se deteriorem mais rapidamente para que o fim seja abreviado. Diferente de tudo isso, a nova condição de liberdade e amor, a salvação, está baseada, diz Comblin, sobre uma esperança. A esperança na qual se baseia o amor renovado na alma renovada do ser humano é a “de poder modificar o homem individual e social, e a esperança se baseia numa fé: a fé no poder dado aos homens, no Espírito enviado para fazer surgir algo novo” (CUNHA, 2020. p. 531-532)

Veremos nessa segunda parte, como a inter-relação entre as categorias: salvação, missão e Igreja, são reinterpretadas por Moltmann em chave escatológica. E nisso, como a esperança escatológica pode e deve se realizar através da ética do discipulado; que por sua vez, corresponde à Ética do Reino prometido, a partir dos pobres e marginalizados que se reconhecem com comunidade do êxodo.

### 3.1 Povo de Deus – Comunidade do êxodo

A salvação, compreendida no âmbito da promessa que move a esperança cristã a partir da vocação e missão da Igreja, ao reino futuro do ressuscitado que passou pela cruz, envolve não apenas individualmente o cristão, aquele que crer, mas o compromete com a sociedade em que vive.

O Reino futuro do Cristo ressuscitado não só deve ser esperado e aguardado. Esta esperança e expectativa devem modelar igualmente a vida histórica da sociedade. Por isso, missão significa não somente propagação da fé e da esperança, mas também transformação histórica da vida. A vida corporal, e, portanto, também a vida social e pública, são exigidas como sacrifício na obediência diária (Rm 12, 1). Não se conformar com este mundo não só significa transformar-se em si mesmo, mas através da resistência e da atitude criadora transformar a imagem do mundo em meio ao qual se crê, se espera e se ama. (MOLTMANN, 1971, p.395).

Essa concepção de missão histórica, transformadora da realidade e comprometimento social é assumido no âmbito da Igreja no Concílio Vaticano II. Ao resgatar a imagem bíblica de “Povo de Deus” na constituição dogmática *Lumen Gentium*, o Concílio situa inicialmente a Igreja na compreensão originária do povo hebreu. No Antigo Testamento, as fontes são: a eleição divina (Dt 7,6ss; Is 48,12) e a aliança (Ex 24,1-11). A partir dessas duas realidades Israel se constitui como Povo de Deus (Dt 29,12; Jr 7,23). Esse povo é uma “assembleia convocada” por Deus, “Qahal”<sup>22</sup>. Nessa mesma perspectiva, o Concílio ressalta a índole messiânica do novo Israel” em Cristo, o “novo povo de Deus”. Dessa forma, o mistério da Igreja é interpretado no contexto da história da salvação, e não de forma isolada, como categoria em si mesma.

O resgate da imagem Povo de Deus mostra o verdadeiro sentido da Igreja, reescreve a autocompreensão da Igreja. O capítulo II da *Lumen Gentium* destaca a ideia de eleição, aliança e missão que caracterizam a continuidade histórica da ação salvífica de Deus do antigo povo ao novo povo constituído por Cristo. Não obstante, a categoria Povo de Deus como chave eclesiológica, abriu por assim dizer, perspectivas de inclusão para a realização da missão da Igreja com a participação de todo o Povo de Deus, também como exercício do sacerdócio comum ou universal dos fiéis (PAIVA, 2018, p. 61-62)

---

<sup>22</sup> **Qahal** (hebraico: קהל )

A antiga assembleia convocada, como sabemos, tem sua origem no evento do êxodo, *sitz im leben* da promessa fundante de Israel. E o novo Israel, “povo messiânico”, tem como condição *sine qua non* de sua existência, a esperança escatológica do Reino de Deus, que nasce do evento de Cristo enquanto promessa universal.

Mas, assim como Israel segundo a carne, que peregrinava no deserto, é já chamado Igreja de Deus (cfr. 2 Esdr. 13,1; Num. 20,4; Deut. 23,1 ss.), assim o novo Israel, que ainda caminha no tempo presente e se dirige para a futura e perene cidade (cfr. Hebr. 13-14), se chama também Igreja de Cristo (cfr. Mt. 16,18), pois que Ele a adquiriu com o Seu próprio sangue (cfr. Act. 20,28), encheu-a com o Seu espírito e dotou-a dos meios convenientes para a unidade visível e social. (LG 9).

A eclesiologia do Vaticano II<sup>23</sup>, ao retornar às fontes bíblicas realiza uma mudança de paradigma. A epistemologia teológica de base parte do princípio hermenêutico histórico-salvífico. Critério que nos ajuda a compreender a categoria promessa-esperança na teologia da esperança de Moltmann. Deus faz a promessa a um povo nos acontecimentos históricos de Israel e promete uma salvação que deve ser acolhida a partir do Ressuscitado-crucificado, na esperança escatológica do *eschaton*, o Reinado de Deus.

A coesão e continuidade organizada dos fiéis se pode melhor exprimir pela categoria Povo de Deus. Todo povo tem sua história e sua gesta, uma consciência de seus valores e idiosincrasias, um projeto histórico ao redor do qual todos se congregam em um poder de organização. A Igreja, como Povo de Deus, possui tudo isto, mas uma perspectiva religiosa, sobrenatural e transcendente. Todos pertencem ao povo, anteriormente a qualquer distinção interna; assim num primeiro momento, todos no Povo de Deus são iguais, cidadãos do Reino. A missão não é confiada a alguns, mas a todos; portadores do poder sagrado são inicialmente todos e só secundariamente os ministros sacros. Todos são enviados a anunciar a boa-nova. (BOFF, 1981, p.235)

---

<sup>23</sup> Na publicação: 50 anos do Concílio Vaticano II, da Federação Internacional das Universidades Católicas, “teólogos do mundo inteiro deliberam” afirmando a importância do Concílio e a urgência da atualização da Igreja à Luz dos sinais dos tempos e do Evangelho. “Cinquenta anos depois, o Vaticano II continua sendo uma referência profética cujo melhor uso permitiria à Igreja ser mais messiânica. A dignidade do ser humano, cuja relação salutar com Deus por Cristo e no Espírito está no centro da fé cristã. Lembra sempre de novo a urgência de estar à altura das intuições conciliares. (Cf. LAMBERIGTS, Mathijs. (Dir.). *et al.* **50 anos após o Concílio Vaticano II: Teólogos do mundo inteiro deliberam.** São Paulo: Paulinas, 2017, p. 51).

Se na *Lumen Gentium* a Igreja expressa a compreensão que tem de si, sua própria identidade, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* ela revela o que é chamada a ser na sociedade. A compreensão que tem de sua missão e relação com o mundo. Assim como, aquilo que é chamada a oferecer ao gênero humano em sua realidade concreta; ou seja, a sua existência histórica e condição social.

O Povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus. Porque a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas (GS n.11)

O Povo de Deus está inserido no mundo e a ele corresponde como sacramento do Reino. É Povo que abre caminhos na história, movido por uma esperança escatológica que desperta o ser humano para o futuro do Reino prometido. “A razão última dessa abertura e desse serviço da Igreja ao mundo tem a ver com sua missão de ser “sinal e instrumento de salvação ou do reinado de Deus no mundo” (AQUINO, 2020, p.797). E ainda, nesse contexto, “Ela não pode se pensar e se configurar independentemente do mundo nem muito menos em oposição a ele” (ibidem). Por isso a comunidade do êxodo, que se constitui como Igreja Povo de Deus, é comunidade peregrina da esperança. Os anseios mais profundos do coração humano não podem ser estranhos à Igreja. Esta deve assumir aquilo que lhe é próprio, impelida pelo mandato missionário que recebeu do próprio Cristo; como também, por força de sua realidade histórica e índole escatológica.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (GS n.1).

O Papa Bento XVI, na encíclica *Spe Salvi*, refere a esperança cristã ao futuro; considerado por ele como um elemento distintivo entre outros, característico do cristianismo. Essa distinção tem consequências sobre a vida e o tempo presente. O futuro repercute na realidade atual de tal forma, que a vida se renova. Isto somente é possível por causa da esperança.

Aparece aqui também como elemento distintivo dos cristãos o facto de estes terem um futuro: não é que conheçam em detalhe o que os espera, mas sabem em termos gerais que a sua vida não acaba no vazio. Somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o cristianismo não era apenas uma “boa nova”, ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem actual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só “informativa”, mas “performativa”. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova. (BENTO XVI, SS, n.20)

O carácter “performativo” da mensagem cristã, se reflete no interesse e participação do cristão na sociedade. Ou seja, nas suas relações a partir de situações concretas de sua existência na coletividade. Do Contrário a vida não se firma como tal, em meio às contradições da história. Há uma urgência existencial em que a “esperança não pode esperar”, porque “da promessa se origina o elemento da inquietude que não admite a reconciliação com um presente ainda incumprido” (MOLTMANN,1971, p.112). Segundo Moltmann, a morte real do ser humano está associada e decorre da perda de relações vitais.

A falta de participação leva à apatia e é um estado doentio. A completa falta de participação é vida não vivida, e é “vida morta”. A existência humana é ser social. Existir humanamente significa estar interessado: Enquanto estás interessado, estás vivo. A vida humana está viva ao existir nas relações. A perda das relações vitais leva à “morte social”, que geralmente é um estágio preliminar da morte real do ser humano inteiro. (MOLTMANN, 2012, p.81).

A presença participativa e interessada do cristão na sociedade não deve ser motivada pelas expectativas institucionais que surgem de papéis sociais fixados e podem se tornar um “novo cativo babilônico” (Cf. MOLTMANN,1971, p.388). Mas, pela fé no ressuscitado-crucificado como promessa para o mundo. Dessa realidade

nasce a vocação pública do cristianismo. A fonte primordial da ação da esperança no mundo, que se encontra no evento de Cristo, deve jorrar nas ações de esperança de seus discípulos e se atualizarem a cada tempo em meio à tensão escatológica. Não deve a ação cristã sucumbir à perpetuação de estruturas da realidade social que contradizem com a promessa do Reino; sob o risco da esperança escatológica perder sua índole histórica.

As primeiras comunidades cristãs caracterizavam-se pela atitude e pelo dinamismo da esperança, nascidos da fé, e provocavam o viver em diáspora, em tensão escatológica. Em contraposição, sempre que as comunidades cristãs perderam esse sentido da esperança absolutizaram o presente, sacralizaram o já instituído. Por falta de sentido dialético, por déficit de exercício profético, o Cristianismo, muitas vezes, ao longo dos tempos, não escapou à fatalidade da história de tantas religiões, a de serem ideologia justificadora da sociedade estabelecida. (SILVA, 2017, p.26)

Participação e interesse podem ser uma resposta como ato segundo ao chamamento de Deus, ato primeiro e fonte da esperança. Por meio da promessa Deus faz um chamamento que deve ser respondido na missão através da “sequela criadora” e de um “amor criador” (MOLTMANN, 1971, p.401). Dessa forma a Igreja se orienta para o Reino prometido.

Esse Reino acontece quando a Igreja, na esperança do seu futuro com Cristo, transmite concretamente na sociedade uma prática de Justiça, vida, humanidade e sociabilidade, e em suas decisões históricas evoca o futuro prometido. Ela não é em si mesma a salvação do mundo, mas está a serviço dessa salvação, pois indica ao mundo o seu futuro. Ela é sinal e sacramento, como bem apresentou o Concílio Vaticano II, na Constituição *Lumen Gentium*. (KUZMA, 2014, p.132)

Assim como a fé, a esperança não é algo abstrato que se perde nas ilusões de uma vida alienada da realidade. Ela tem implicações morais que incidem sobre a sociedade. A fé que se alarga pela esperança firmada nas promessas de Deus, provoca o pensamento humano e seu agir, na perspectiva de um futuro que se manifesta como novidade última, numa nova criação.

### 3.2 A missão da Esperança e a práxis cristã



A esperança cristã deve alimentar o curso da história, numa dinâmica transformadora do real na perspectiva desse “*novum ultimum*”, através de movimentos históricos que não se deixam alienar ou endurecer pelo “*status quo*”, que obstaculiza ações revolucionariamente criativas.

[...] os movimentos históricos de transformação histórica entram para o horizonte do *novum ultimum* da esperança. São assumidos pela esperança cristã e levados mais longe. Tornam-se movimentos prévios, e assim também provisórios. Suas metas perdem a sua rigidez utópica e se tornam metas provisórias, penúltimas e móveis...a esperança da fé se pode tornar uma “fonte inesgotável para a imaginação criadora e inventora do amor. (MOLTMANN, 1971, p.25).

Na recente encíclica *Fratelli Tutti*, que versa sobre a fraternidade e amizade social, o Papa Francisco nos fala sobre a caridade social e política, que supera a ilusão de sobrevivência e salvação individualista num mundo globalizado, e ao mesmo tempo fragmentado, como meio para uma real transformação da realidade.

Reconhecer todo o ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes, que assegurem a sua real possibilidade. Todo e qualquer esforço nesta linha torna-se um exercício alto da caridade. Com efeito, um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada, mas, quando se une a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no “campo da caridade mais ampla, a caridade política”. Trata-se de avançar para uma ordem social e política, cuja alma seja a caridade social. (FT 180).

Sabemos que a suprema virtude é a caridade; no entanto, também somos conscientes de que a autêntica caridade cristã, somente é possível por causa da esperança na promessa do Reino, que move aquele que crer. Em sua primeira carta, Pedro afirma às comunidades; “é preciso dar razões da nossa esperança”. (1Pd 3, 15). A esperança cristã testemunhada e vivida na caridade, é um sinal escatológico, antecipação do Reino prometido. Porque cremos, amamos na esperança; e ao mesmo tempo esperamos na caridade.

Visto que o Reino de Deus é o futuro de toda a história, ele transcende o futuro histórico e todas as antecipações na história. Justamente desse modo, porém, o reino se torna a força de esperança na história e a fonte dessas antecipações com as quais preparamos o caminho para a vinda de Deus. (MOLTMANN, 2012, p.53).

Os círculos viciosos, sejam eles pessoais ou institucionais distanciam o ser humano de seu comprometimento e frutuosa responsabilidade social. E na vida daquele que crer, esses círculos tornam a fé uma magia, a caridade, mero assistencialismo, e a esperança uma ilusão que aprisiona a vida. Nesse quadro de fuga intimista da realidade, a salvação e a redenção se tornam tematizações obsoletas e distantes da vida real. Por isso, dificultam o fomento de processos sociais e históricos criativos e revolucionários.

O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nem pode sequer preservá-los de tantos males, que se tornam cada vez mais globais. Mas o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz-nos crer que tudo se reduz a deixar à rédea solta as próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum. (FT 105)

Em referência à Conferência Missionária Mundial em Bangkok, realizada nos anos de 1972 e 1973, em que trabalhou no texto do relatório da seção II, com o tema: “Salvação e Justiça social”, e lema, “Salvação é esperança em ação”, Moltmann distingue quatro dimensões sociais da salvação, afirmando de forma explícita a função histórico-transformadora da esperança Cristã. A saber:

1) A salvação atua na luta pela justiça econômica contra a exploração do ser humano contra o ser humano; 2) A salvação atua na luta pela dignidade humana contra a opressão política pelos semelhantes; 3) a salvação atua na luta pela solidariedade contra a alienação do ser humano; e, 4) a salvação atua na luta pela esperança contra o desespero na vida do indivíduo (MOLTMANN, 2012, p.53)

Não podemos prescindir da esperança quando falamos de salvação e vice e versa. No entanto, a questão central está no conceito de salvação e esperança; assim como na compreensão que se tem da relação entre ambas. Moltmann assume o princípio ativo e histórico transformador da esperança no contexto da escatologia cristã, no sentido do advento do Reino, manifestado e conhecido por antecipação no evento de Cristo. O fundamento cristológico da esperança escatológica, não como realização da promessa, mas em sentido proleptico, enquanto refundação da

promessa do Reino, não descompromete a ação do ser humano como sujeito e agente de transformação social.

A Ressurreição do Cristo crucificado, como fundamento determinante da esperança cristã, produz uma teologia da História em que a positividade da negatividade é subsumida pela negatividade do negativo: a morte é tragada pela vida, o medo pela esperança, a inquietude pela paz, a guerra pelo amor e a angústia pela alegria. Mas a engenharia da esperança escatológica não prescinde da participação humana, antes a convida, em Moltmann, para uma cobeligerância da razão providente (Reino de Deus), unidos como co-construtores de uma nova história. (PIRES, 2007 p.93)

O engajamento não é apenas imprescindível para a mudança do tempo presente, mas se torna testemunho de uma esperança real. Esperança de realização da promessa do Reino que supera a apologia da fé ensimesmada e descomprometida com a história. A superação dos desafios se dá por um engajamento criativo que realiza a missão da esperança no hoje da realidade que se encontra em contradição com o futuro prometido.

Destarte, a vocação do cristianismo na sociedade não é mera propagação e apologia da fé, mas antes de tudo, transformação histórica da vida. Ao levantar a questão do sentido, a esperança cristã questiona a ausência de questões, a desesperança, o nada, a morte. Com isso, busca sempre superar “o atual e o presente pela orientação para o novo esperado e procura ocasiões para fazer corresponder sempre mais a realidade presente ao futuro prometido.” Impõe-se aos cristãos, portanto, um “seguimento criativo”, uma pastoral criativa, que rompa com as ordenações sociais e jurídicas e a sua manutenção. A vida só tem sentido quando engajada” (FERREIRA, 2019, p.137)

Frente a suspeita de Bloch e rejeição da esperança religiosa como supersticiosa, nosso autor objeta afirmando que a “certeza confiante” não é resignação, mas protesto contra a realidade. Não rejeita o princípio esperança de Bloch, mas o reinterpreta em chave hermenêutica escatológica.

Moltmann objeta que a esperança cristã evidentemente é uma certeza confiante (*Zuversicht*), mas não uma tranquila segurança (*Sicherheit*) e sim protesto contra a miséria, a injustiça, o pecado e a morte; decidida a assumir com coragem a “cruz da realidade” (é uma esperança que está junto à cruz de onde provém); sempre insatisfeita porque caminha na direção da promessa de Deus. Mas, para fazer isso, ela deve acolher as instâncias do princípio esperança, sem,

porém, vender-se a ele a qualquer preço, pois isto implicaria, em último caso, a rendição do messianismo ao marxismo. (GIBELLINI, 2012, p.291)

Em sua obra posterior, o Deus crucificado, nosso autor confirma e aprofunda sua concepção de esperança cristã relacionando ambas as obras: Teologia da Esperança e O Deus crucificado; afirmando a importância da esperança a partir de um projeto de “ações de esperança” da cristandade como responsabilidade com o futuro da humanidade (Idem, p.291). A teologia da cruz desenvolvida por Moltmann, ao relacionar cruz e promessa, expressa a dimensão escatológica da cruz, onde a esperança toma forma na memória do crucificado.

Uma vez que a teologia da esperança começou com a ressurreição do crucificado, agora, voltamos nossos olhos para a cruz do ressuscitado. Naquele momento tratava-se da lembrança de Cristo na forma da *esperança* de seu futuro. Agora se trata da esperança na forma da lembrança da sua morte. Lá estavam em primeiro plano as antecipações do futuro de deus em promessas e esperanças, e aqui se trata de compreender a encarnação daquele futuro por meio do sofrimento de Cristo e do mudo. Por isso, em acordo com a filosofia da esperança de Ernst Bloch, eu acolho as perguntas da “dialética negativa” e da teoria crítica de Th. W. Adorno e M. Horkheimer, assim como as experiências e juízos da antiga teologia dialética e da filosofia existencial. Sem perceber a dor do negativo, a esperança cristã não pode ser realista nem libertadora. (MOLTMANN, 2020, p.21)

O realismo como potência libertadora da esperança cristã postulado por Moltmann se refere à prática cristã como intervenção histórica. “O que ele quis fazer foi utilizar as bases filosóficas de Bloch pra produzir uma teologia que fosse orientada para o futuro, de maneira histórica, servindo-se da práxis”. (KUZMA, 2014, p.98). Essa releitura de nosso autor, comentada por Kuzma, explicita e contextualiza a esperança escatológica, distinguindo-a do reducionismo materialista por um lado; e por outro, do espiritualismo pietista desencarnado. “A esperança prontifica-se a carregar a cruz do presente. Ela pode suportar a morte e esperar pelo inesperado” (MOLTMANN, 1971, p.21). É uma esperança que não engana (Cf. Rm 5,5). A fidelidade comprovada gera a esperança que não se dilui em utopias de expectativas meramente humanas; mas, também não se fia na alienação da realidade.

Todos tomem a peito considerar e respeitar as relações sociais como um dos principais deveres do homem de hoje. Com efeito, quanto mais o mundo se unifica, tanto mais as obrigações dos homens

transcendem os grupos particulares e se estendem progressivamente a todo o mundo. O que só se poderá fazer se os indivíduos e grupos cultivarem em si mesmos e difundirem na sociedade as virtudes morais e sociais, de maneira a tornarem-se realmente, com o necessário auxílio da graça divina, homens novos e construtores duma humanidade nova (GS 30).

A esperança do reino se realiza por meio de uma ética transformadora como *modus operandi* do agir cristão no mundo. Não é um conceito, mas uma forma de vida. Encarnada e comprometida com o tempo presente; com a Vida em sua diversidade, complexidade e totalidade.

### 3.3 A Ética transformadora da Esperança Cristã

Em sua obra *Ética da Esperança*, Moltmann aponta caminhos para uma ética transformadora. [...] A ética cristã não é uma responsabilidade adaptada ao mundo nem fuga separatista do mundo, mas uma orientação para a transformação do mundo. (Cf. MOLTSMANN, 2012, p.57). Para aqueles que desejam mudar as relações com a realidade em que vivem, nosso autor propõe três passos: 1) se libertar de seu ambiente e rejeitar as imposições do seu meio; 2) Encontrar nova identidade e nova comunidade; e, 3) envolver-se com uma mudança alternativa das relações unindo o ethos da transformação ao *pathos* do novo tempo. (ibidem). Segundo Moltmann, a ética cristã corresponde à ética do discípulo que se realiza na *sequela christi*. No seguimento o discípulo se identifica com seu Mestre, e na esperança opera neste mundo na perspectiva do Reino que há de vir.

Os cristãos têm atrás de si a grande mudança de todas as coisas na ressurreição do Cristo crucificado e esperam, por conseguinte, a mudança escatológica do mundo. Eles trabalham numa reavaliação de todos os valores deste mundo para fazer jus ao mundo vindouro de Deus. Na ressurreição e exaltação de Cristo, Deus escolheu o Cristo pobre, humilhado, sofrido e abandonado, rejeitado pelos poderes morais e políticos deste mundo, identificando-se com ele e fazendo-o Senhor do novo mundo (MOLTSMANN, 2012, p.56).

O engajamento próprio do cristão na sociedade nasce da natureza da fé cristã que pela encarnação do verbo experimenta a radicalidade da presença de Deus na

história humana. No rebaixamento de seu Filho até a morte de cruz, Deus “viu, ouviu e desceu para libertar” (Cf. Ex. 3; Fl 2). Aquele que se diz autêntico cristão, deve sentir-se impelido a ser autêntico cidadão, radicalizando sua presença na comunidade humana como agente de transformação da realidade por meio da esperança cristã.

A experiência da salvação não alcança plenitude salvífica quando é vivida em atitude de individualismo e distanciamento do mundo. Os justificados de Deus não “conquistam-se” a si mesmos, enquanto pessoas de vocação transcendente, quando se afastam do mundo, mas sim na “exteriorização” para dentro do mundo e da história em que vivem. A autenticidade desta experiência de fé está diretamente relacionada com a capacidade destes de romperem com o narcísico círculo centrado sobre si mesmos e abrirem-se para o mundo, tornando-se instrumentos de Deus para a sua redenção. (BASTOS, 2009, p.253).

O verdadeiro discipulado implica, ao modo próprio da vida, numa participação particular na *kenosis* de Cristo. “O discipulado acontece na própria responsabilidade do comissionamento de Cristo, hoje e ao tomar sobre si a própria cruz (MOLTMANN, 2020, p.87). A esperança por sua própria constituição não deve ser apenas proclamada, mas testemunhada por meio de uma efetiva participação na vida comum.

Nestes momentos em que tudo parece diluir-se e perder consistência, faz-nos bem invocar a solidez que deriva do facto de nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na procura dum destino comum. A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, «em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo». Nesta tarefa, cada um é capaz “de pôr de lado as suas exigências, expectativas, desejos de onipotência, à vista concreta dos mais frágeis [...]. O serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até “padece” com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas” (FT 115).

Uma práxis histórica a partir de uma ética transformadora passa não apenas por uma mudança objetiva das estruturas, mas por uma mudança também subjetiva, pessoal. Segundo Moltmann, a práxis cristã deve assumir ambas as mudanças para não incorrer em formas de ilusão materialista ou idealista. Não devem ser tratadas como alternativas uma à outra, sob o risco de, por um lado, fecharmos os olhos para os males institucionalizados; e por outro, atribuímos a infelicidade pessoal apenas às circunstâncias estruturais da sociedade.

Logo, é preciso fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Transformação pessoal e interior sem mudança das circunstâncias e estruturas é uma ilusão idealista: como se o ser humano fosse somente uma alma sem corpo. Por outro lado, a transformação das circunstâncias exteriores sem uma renovação interior é uma ilusão materialista: como se o ser humano fosse um mero produto de suas circunstâncias sociais e nada mais. (MOLTMANN, 2021, p. 42).

São múltiplas as formas para ações de esperança. Assim como à fé, nada escapa ou dever escapar ao seu alcance, nenhuma realidade ou dimensão da existência foge ao alcance da esperança. Moltmann propõe uma ética da esperança em vista da antecipação do Reino prometido. Uma ética transformadora que influi sobre a vida como um todo. Para nosso autor, o princípio esperança de Bloch está na base da ética transformadora. (Cf. MOLTMANN, 2012, p.17). Nesse sentido a Ética do Reino se confunde com a ética da Esperança. A ética cristã se baseia na ressurreição de Cristo e inaugura uma vida à luz de Deus. O Etos cristão antecipa a vinda universal de Deus nas possibilidades da história (MOLTMANN, 2012, p.18). O “novo céu e a nova terra” profetizado por Isaías e proclamado por João no livro do Apocalipse não pode ser interpretado apenas como a “Jerusalém celeste” supra histórica; mas como superação do mistério da iniquidade. Da violência e de suas múltiplas formas de exploração.

Com todo ato dos justos preparamos o caminho para a “nova terra” e que irá “morar” a justiça. Se garantirmos algum direito àqueles que sofrem violência, o futuro de Deus resplandecerá em seu mundo. Se nos engajarmos a favor das “viúvas e dos órfãos”, uma porção de vida entrará em nosso mundo. A terra geme sob a fora iníqua com que exploramos suas riquezas e energias. “corremos” ao encontro do futuro do Senhor quando antecipamos aquela justiça da qual surgirá uma terra nova e permanente no dia do Senhor. (MOLTMANN, 2012, p.21).

A ética de Cristo, como sabemos, contrariava autoridades políticas e religiosas que se sentiam ameaçadas pela autoridade de seu ensinamento e reinterpretção da Lei judaica. A maneira como Cristo interpretava e aplicava a Lei mostrava sua compreensão sobre o código da Aliança. Revelava a preferência primordial da promessa de Deus pelo povo espoliado e escravizado. Os sectários

fariseus, não poucas vezes, movidos pelo puritanismo da época, tentaram ridicularizar e desautorizar Jesus diante do povo, acusando-o de ser contra a Lei de Moisés.

[...] para escândalo dos piedosos, ele se solidariza com todos os pobres, desgraçados e 'infelizes': com os hereges e cismáticos (samaritanos), com as pessoas sem moral (prostitutas e adúlteras), com os politicamente comprometidos (cobradores de impostos e os que colaboravam com o inimigo), com os banidos e desprezados da sociedade (leprosos, doentes, miseráveis), com os mais fracos (mulheres e crianças), sobretudo se solidariza com o povo simples (que não percebe muito bem a realidade. (KÜNG, 1976, p. 35).

A Doutrina Social da Igreja nos mostra que em Cristo a realidade ganha um novo significado. Ele é o fundamento da vida e da esperança de um mundo melhor. O Deus da aliança se realiza em Seu Filho; e n'Ele cumpre sua promessa. No *Ethos* de Cristo está o sinal escatológico aos discípulos que não devem assumir outra Ética, a não ser aquela do Reino n'Ele revelada. O *modus vivendi* de seus discípulos deve ser pautado no *ethos* da esperança escatológica do Reinado de Deus.

*O vértice insuperável da perspectiva indicada é a vida de Jesus de Nazaré, o Homem novo, solidário com a humanidade até à "morte de cruz" (Fil 2,8): n'Ele é sempre possível reconhecer o Sinal vivente daquele amor incomensurável e transcendente do Deus-conosco, que assume as enfermidades do seu povo, caminha com ele, salva-o e o constitui na unidade [423]. N'Ele a solidariedade alcança as dimensões do mesmo agir de Deus. N'Ele, e graças a Ele, também a vida social pode ser redescoberta, mesmo com todas as suas contradições e ambiguidade, como lugar de vida e de esperança, enquanto sinal de uma graça que de contínuo é a todos oferecida e que, enquanto dono, invita às formas mais altas e abrangentes de partilha. (DSI 196).*

Segundo Moltmann, é em Cristo que se realiza a Justiça de Deus como *justitia justificans*. Uma justiça criadora, redentora e restauradora. (Cf. MOLTSMANN, 2012, p.209). E nessa perspectiva, as vítimas da injustiça e da violência sofrem o peso de uma violência sistêmica que precisa ser combatida. Dizem respeito não apenas às relações entre os autores sociais individualmente, mas à realidade de uma sociedade organizada. A violência está estruturada nas relações sociais como um todo. Basicamente, nas relações econômicas e políticas. Nessas vítimas ecoa o clamor de Deus que em Seu Filho realiza sua compaixão.



Pela sua atitude, Jesus revelou às vítimas a compaixão de Deus: Deus está com elas assim também como o próprio Jesus. É evidente que ele considerou as pessoas mais insignificantes como importantes e as pessoas marginalizadas pela sociedade autojustificadora como chamados por Deus, co/mo ele diz nas bem-aventuranças do Sermão da Montanha. Os perdidos são seu primeiro amor. Àqueles que a sociedade dos ricos, saudáveis e justos não oferecia um futuro, à “*no-future-generation*” da época, para eles Jesus abriu o futuro do Reino de Deus, na terra. (MOLTMANN, 2012, p.2015).

Nisso se confirma a promessa profética de Jesus: os últimos serão os primeiros (Cf. Mt 20,16). A promessa é para todos, a partir dos últimos. Muitos são chamados, mas poucos serão “os escolhidos”. Por isso a ética cristã deve inserir-se na sociedade como um serviço de esperança nos diversos âmbitos da sociedade. Um serviço à pessoa humana, à cultura, à economia, à política. (Cf. DSI 551). Sem essa inserção a “*revolução de Deus*” não acontece. (Cf, MOLTMANN, 2012, p. 215). Porque sem a “revalorização dos valores”, e ações concretas de esperança não é possível uma renovação das estruturas sociais que contradizem, contrariam o Reino de Justiça, de Vida e de Paz.

*A esperança cristã imprime um grande impulso ao compromisso em campo social, infundindo confiança na possibilidade de construir um mundo melhor, na consciência de que não pode existir um “paraíso terrestre”. Os cristãos, especialmente os fiéis leigos, são exortados a comportar-se de modo que “façam brilhar a força do Evangelho na vida cotidiana, familiar e social. Eles apresentam-se como filhos da promessa, quando fortes na fé e na esperança, aproveitam o tempo presente (cf. Ef 5,16; Col 4,5) e com paciência esperam a glória futura (cf. Rm 8,25). Não escondam esta esperança no interior da alma, mas exprimam-na mesmo através das estruturas da vida social, por uma renovação contínua e pela luta “contra os dominadores deste mundo tenebroso e contra os espíritos do mal” (Ef 6,12). (DSI, 579).*

Além do aspecto antropológico e social e político, Moltmann nos oferece a partir da ética da esperança o alcance escatológico da esperança cristã em relação a toda à Obra da Criação. As preocupações com o meio ambiente, e as discussões ecológicas deixaram de ser emergentes e se tornaram urgentes. É a criação inteira que geme em dores de parto. (Rm 8,22). O clamor da criação num certo sentido oculta o gemido de Deus que é não é impassível e geme por conversão das criaturas humanas na relação entre si e com as demais na ordem da criação. As ações de esperança devem contemplar a criação como um todo. [...] “a salvação de Deus oferecida à humanidade pelo Cristo na agência do Espírito Santo, não diz respeito às

almas, mas a todas as coisas, à humanidade e à criação. Diz respeito à criação divina e às produções humanas” (CUNHA, 2020.p.538). Por sua morte e ressurreição, Cristo recapitulou todas as coisas. Como co-criadores com Deus, somos chamados a cooperar na plenificação de sua Obra. Somos todos, enquanto criaturas na ordem da criação; convocados e vocacionados a administrar os bens confia/dos por Deus, em vista do Reino que supera qualquer reducionismo antropológico e se amplia à dimensão cósmica da redenção.

Para Moltmann, a história do sofrimento da criação está inserida na história do sofrimento de Deus. Deus faz do clamor e gemido da criação o seu próprio clamor e gemido por conversão e libertação. Onde clama a criatura, clama também o Criador, que por meio de seu Espírito, não as abandona. O Deus com-passivo, que habita na sua criação, é a firme esperança desta mesma criação. A natureza não pode ser transformada numa parte do mundo humano, assim como o ser humano não precisa retornar à natureza para ser redimida. Ser humano e natureza são salvos na medida em que continuam sendo elas mesmas em sua essência. Somente uma reconciliação conjunta, de comunhão de sofrimento, entre o ser humano e as demais criaturas, é capaz de trazer redenção a esse mundo não redimido (LEITE, 2008, p.78)

Nosso autor afirma a importância da superação do antropocentrismo ocidental que modelou o comportamento humano. Não apenas nossas relações sociais, mas nossa relação também com a natureza. Nasce dessa forma a necessidade de assumirmos uma antropologia cósmica (Cf. MOLTSMANN, 2012, p.80). O Futuro prometido se refere não apenas ao *antropos*, mas também ao *cosmo*. É futuro do cosmo no qual todos estamos inseridos. Tal concepção coaduna com a mentalidade bíblica de vida abrangente.

Segundo a compreensão bíblica, a vida humana é vivenciada e vivida somente nas inter-relações com todo ser vivo, com animais e plantas. Porque os seres humanos são criaturas da terra. (Gn2). E, conforme a história do dilúvio, foram salvos junto com os animais. A aliança de Noé é uma aliança da vida com os seres humanos e todos “os seres vivos” (Gn 9,10-11). A palavra bíblica “carne” (“*kol*” *basar*) significa “todo ser vivo” e associa a vida humana com todo ser vivo na terra. A “encarnação da palavra” (Jo 1,14) e o derramamento do Espírito de Deus “sobre toda a carne” não são concebidos em termos antropocêntricos. (MOLTSMANN, 2012, p.80)

A mentalidade bíblica nos abre à dimensão cósmica de nossa existência e nos liberta do reducionismo antropocêntrico da criação. Como nada deve escapar à esperança, nada deve estar fora de uma ética transformadora. Nessa perspectiva é que podemos falar em Moltmann, de uma ética da vida. A vida desde os seus fundamentos, até a sua amplitude. Vida plena.

Depois de conhecermos a pessoa e as bases do pensamento de Moltmann, assim como as inúmeras conexões e diálogos de suas obras com a sociedade, percorremos a obra em apreço a partir de eixos temáticos. Pudemos perceber que a esperança nasce da promessa de Deus a um povo em uma realidade degradante. No eixo antropológico conhecemos o ser humano para o qual Deus se dirige e faz sua promessa. Conhecemos a causa e o motivo bíblico da esperança cristã no segundo eixo, a saber: o êxodo e o mistério pascal, respectivamente. Ao final, como uma consequência ou transbordamento da Teologia da Esperança, analisamos as implicações sociais e as perspectivas histórico-transformadoras da esperança cristã, vivida e realizada a partir do Ethos do discipulado do Reino de Vida, Justiça e Paz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar nossa pesquisa acadêmica sobre a Esperança Cristã na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann, é necessário afirmar primeiramente que não podemos encerrar a questão em apreço, no âmbito do seu pensamento. Como vimos, a epistemologia teológica do nosso autor e sua característica hermenêutica contextual não concebem a possibilidade de uma fazer teológico finalizado satisfatoriamente em seus postulados e delimitado metodologicamente, no sentido de conclusão crítica de um objeto do conhecimento teológico.

A característica dialógica de Moltmann e as múltiplas possibilidades de leituras e aplicação de suas ideias no campo acadêmico e vários setores da sociedade, ampliam o horizonte da esperança cristã, sistematizada na Teologia da Esperança. A perspectiva teológica do nosso autor e a própria natureza do objeto de estudo, não se permitem dogmatizar, minimizando a potência crítica e sempre

renovável do conhecimento humano e as perspectivas escondidas no horizonte da esperança.

Como um rio perene que percorre caminhos muitas vezes inesperados, assim podemos compreender a esperança escatológica que tem suas raízes no êxodo do povo de Israel e fonte primordial no evento de Cristo. É próprio da esperança desvelar o que está oculto, sem absorver ou reduzir a limitações conceituais a novidade perene das surpresas de Deus e possibilidades históricas. Assim como é próprio do ser humano, ainda que seja tentado ao niilismo ou desespero, inquietar-se com as realidades que o circundam e causam angústia ou desafiam o sentido da vida. Em todo coração inquieto com as contradições do momento presente, se encontra a esperança como força vital transformadora da realidade.

Vimos inicialmente na primeira abordagem de nossa pesquisa que a própria Teologia da Esperança é fruto de uma experiência existencial crítica, marcada pela dor, sofrimento e morte em condições de crime contra a humanidade, contra a dignidade da vida pessoal e coletiva. Nos escombros da segunda guerra, começa a gestação do “Teólogo da Esperança”, Jürgen Moltmann. Na inquietação das novas discussões filosóficas, reviravoltas antropológicas e teológicas, se delineavam os caminhos de uma renovação da Escatologia Cristã. E no contexto desta, a descoberta da esperança escatológica como princípio hermenêutico de toda a mensagem cristã. Por conseguinte, a escatologia, não deve ser o fim da Teologia, mas o seu princípio (Cf. MOLTSMANN, 1971, p.3). E nesse princípio a esperança na Palavra da Promessa, manifesta no futuro do Ressuscitado-Crucificado, onde se oculta o futuro da humanidade.

Do ponto de vista teórico, o grande desafio foi analisar inicialmente o ponto de partida antropológico da esperança, buscando as raízes bíblico-teológicas da esperança cristã, para explicitarmos finalmente sua importância para existência humana e sua história. Intencionamos perseguir esse caminho metodológico para evidenciar a contribuição da Teologia da Esperança de Moltmann para a redescoberta da esperança cristã, não apenas no que diz respeito à centralidade teológica, mas às suas perspectivas histórico-transformadoras. Diante do exposto, compreendemos também a relevância da Teologia da Esperança para o pensamento humano e cultura não apenas acadêmicas, mas sua importância para as diversas ambiências e setores da sociedade contemporânea.

A amplitude da obra pesquisada nos faz concluir, pelo caráter dialogal já mencionado sobre nosso autor, as várias interlocuções possíveis com uma sociedade em constante transformação. Permanentemente desafiada por crises de diversas ordens e historicamente aberta. A repercussão da redescoberta da esperança escatológica como princípio ativo de antecipação do Reino prometido, inspira não apenas acadêmicos, como também setores da sociedade e movimentos eclesiais que intensificam suas ações como práxis em todas as áreas da vida comum: eclesial, política, econômica, ecológica e cultural.

Desenvolvemos três grandes eixos temáticos com a finalidade não apenas de compreender o sentido da esperança cristã na teologia de nosso autor, mas sua relevância e implicações para a existência humana. Nesse sentido, não concluímos; compreendemos com nosso autor que a questão da Esperança Cristã, precisamente porque é fundamental para o ser humano e mais ainda para o momento presente, precisa ser revisitada, reinterpretada e atualizada segundo as exigências que se apresentam a cada momento da história. Sem prejuízo de seus fundamentos bíblico-teológicos e sua perspectiva histórico-transformadora.

A esperança seria letra morta se sua vitalidade histórica se dissipasse em utopias ou fechar-se em culto privado de uma fé intimista e voltada meramente para a salvação da alma na vida eterna. O “*já e o ainda não*” teológico não permite uma esperança desassociada da vida concreta. Percebemos que a redescoberta da Esperança Cristã como promessa histórico-salvífica, nos provoca uma busca da superação de uma indiferença ou medo frente aos desafios da realidade, e até mesmo da dúvida existencial em relação ao futuro da humanidade, ajudando-nos a renovar o sentido da própria história enquanto povo peregrino, numa marcha contínua rumo a novas realidades.

Em meio às prisões e cárceres históricos que a humanidade enfrentou em sua trajetória, há também sinais de experiências de libertação e transformação da realidade, realizadas nas pequenas ações de esperança que se movem pela força da grande Esperança Cristã. A experiência de libertação transforma a Promessa numa força que descortina novas possibilidades, abre novos horizontes e desperta a esperança como princípio da marcha do povo na história. Como afirma Zeferino Rocha: “e quando novos horizontes se descortinam há sempre lugar para a esperança, pois ela vive de horizontes” (ROCHA, 2010. p.126). E ainda: “ousaria dizer que é dessa ordem a natureza da esperança quando sustenta o nosso desejo de

caminhar (ROCHA, 2010. p. 119). É caminhando que a esperança mostra sua força histórica.

Perseguindo os passos teológicos da metodologia aplicada na Teologia da Esperança, e em diálogo com outras obras citadas, afirmamos a hipótese postulada, em perspectiva histórica aberta. A antecipação do Reino Prometido no futuro do Ressuscitado se dá pelo *ethos* da transformação da realidade, implícita na esperança cristã. A Teologia da Esperança nos conduz a uma redescoberta da mensagem cristã da esperança como princípio de transformação da realidade pelo *ethos* cristão, fundado no seguimento a Cristo. É na missão da esperança, assumida como vocação pública pela Igreja enquanto comunidade do êxodo que o “novo céu e a nova terra” se configuram em realidade histórica. Ao assumirmos o caráter performativo da esperança enquanto participação efetiva na realidade, realizamos a missão da esperança na perspectiva de antecipação do Reino Prometido.

Para podermos redescobrir a esperança cristã enquanto força dinâmica transformadora da história, e concluirmos as múltiplas formas de sua vivência na sociedade, buscamos o ponto de partida antropológico de nosso autor, considerando que Aquele que faz a promessa, a faz ao homem e a mulher em sua realidade decadente. Promessa implica em oferta diante da escassez daquilo que é prometido. Por isso confirmamos que o Deus da promessa é do Deus da Esperança. Ou seja, não um Deus impassível, mas que impele o ser humano à busca de sua identidade oculta na promessa. Identidade somente alcançada pela antecipação do Reino realizada na esperança por meio do Ethos do discipulado, como vocação cristã no mundo.

Nesse sentido, compreendemos que a promessa que impele a pessoa humana por meio da esperança, é universalizada e ofertada a um povo em uma realidade degradante de escravidão. A promessa semeia as raízes da esperança escatológica no êxodo do povo hebreu. Raízes que germinam no evento de Cristo, enquanto fundamento por excelência da esperança cristã. Considerando o ponto de partida antropológico e as raízes bíblico-teológicas analisadas na Teologia da Esperança, percebemos a força histórica transformadora da esperança cristã e as perspectivas que se abrem para a sociedade contemporânea em seus desafios.

Não é possível, à luz da Teologia da Esperança, uma compreensão desencarnada da esperança cristã sem reflexos e influência em todas as dimensões da existência humana: social, política, econômica e ecológica, entre outras. Nisto

percebemos que são múltiplas as formas para as ações da esperança. A Esperança Cristã enquanto princípio ativo do Reino prometido na práxis do discipulado, move as pequenas esperanças humanas e abre possibilidades históricas, transformando o momento presente. É a esperança que torna a vida um caminho a ser percorrido na fé pela caridade. Nisto percebemos o sentido vital da esperança para o ser humano e sua história. Tornar-se-ia inútil a vida sem a esperança enquanto “elemento constitutivo do ser humano”, como nos afirma Zefferino Rocha:

[...] a esperança é um *elemento constitutivo do existir humano no tempo*, pois é ela que sustenta a abertura para o futuro do *poder-ser* que nós somos, e é ela que nutre a nossa capacidade de sonhar e caminhar, sem o que viver seria uma “paixão inútil”. (ROCHA, 2010, p.125).

Redescobrir a esperança enquanto força vital histórico-transformadora que ressignifica a vida humana, supera o pessimismo e inoperância mórbida, é também uma missão, resposta religiosa e espiritual de todo cristão, além da tarefa de mostrar a sua relevância para todo o ser humano. Somos chamados a oferecer ao homem e mulher do nosso tempo a “esperança cristã”, que é por sua natureza encarnada na realidade humana. A mensagem cristã da esperança, desencarnada da história, torna a fé uma utopia vaga que aliena o ser humano. Assim afirma Moltmann:

Expor-se com toda a realidade existente às ondas galopantes da História só tem sentido com vistas a um mundo novo. Se esta visão aparece como ilusão, a perda é duplicada. E se não há perspectivas, a História se torna sem sentido. Uma vez desabrochada a experiência da realidade como História e uma vez a irrupção na História, não há retorno para a fé a-histórica no cosmos, no eterno-permanente e sempre-constante. A apreensão da História, de suas possibilidades para o bem e para o mal, de suas direções e de seu sentido, está no campo das esperanças e só aí pode ser percebida e compreendida. (MOLTMANN, 1971, p.311).

Neste sentido, compreendendo a importância da esperança para a existência humana em geral, percorremos os trilhos da Teologia da Esperança, na expectativa de resgatar as raízes da esperança cristã, analisando sua pertinência e implicações não apenas para o futuro da humanidade, mas para o tempo presente, enquanto mensagem que compromete aquele que crer, tornando-o agente transformador, cooperador pró-ativo e antecipador do Reino que há de vir. Na Esperança Cristã temos a custódia do dom da promessa, que diz respeito ao Reinado de Deus que se

manifesta no futuro do Ressuscitado-Crucificado e se antecipa pelo ethos do discipulado a Cristo

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eugênio. **Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano**. Uma Leitura de O Deus crucificado, de Jürgen Moltmann. São Paulo: Paulinas; Unicap, 2019.

AHLERT, Alvori. Educação e esperança na formação docente: diálogos entre a Pedagogia e a Teologia. Universidade de Brasília. Brasília. **Linhas Críticas**, Vol.17,nº 32, Jan-Abril, p. 61-76. 2011.

ANCONA, Giovanni. **Escatologia Cristã**. São Paulo. Loyola. 2013.

AQUINO, Francisco. Historicidade do Reinado de Deus. **Rev. Pistis Prax. Teol. Pastor**. Curitiba. v. 12, n. 3, p. 789-805, set./dez. 2020.

BASTOS, Levy da Costa. “O futuro na Promessa” Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 36, 249-257, jan./jun. 2009.

BENTO XVI, Papa. **Spe salvi**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

BLANK, Renold. **Escatologia da Pessoa. Vida, morte e ressurreição. Escatologia I**. ed. 2. São Paulo: Paulus, 2000.

BLANK, Renold. **Escatologia do mundo. O projeto Cósmico de Deus. Escatologia II**. São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* In: VATICANO II: **mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium es spes* In: VATICANO II: **mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Ad gentes (sobre a atividade missionária da Igreja) In: VATICANO II: **mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CUNHA, Rogério. **A Escatologia do Amor. A Esperança na compreensão Trinitária de Deus em Jürgen Moltmann**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Teologia). p. 105. 2017.



CUNHA, Gledson. Um movimento para dentro do mundo: pistas comblinianas para compreensão da missão cristã a partir da leitura de A Teologia da Missão. **Rev. Fronteiras**. Faculdade Católica de Pernambuco. Recife, v. 3, n. 2, p. 521-541, jul./dez., 2020.

FERREIRA, Tailer. **A Esperança transforma a história: por uma pastoral mais escatológica**. VII Colóquio de Teologia Pastoral. Caminhos da Pastoral hoje. Annales FAJE, Belo Horizonte - MG, v. 4, n. 2. 2019.

FRANCISCO, Papa. **A Esperança Cristã**. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Catequeses do Papa Francisco).

GEFFRÉ, Claude. A Teologia fundamental como hermenêutica. **Rev. Teologia e Ciências da Religião**. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, ano 8, nº 2, p.9-33. 2009.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. Tradução de João Paiva Netto. São Paulo: Vozes, 2012.

JÚNIOR, Josias. **Celebração da vida. Vitalidade e mística na pneumatologia trinitária em Jürgen Moltmann**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo. p.106. 2004.

KÜNG, Hans. **O que deve Permanecer na igreja?** Tradução de Orlando dos Reis. Vozes, 1976.

KUZMA, César. A esperança cristã na "Teologia da Esperança": 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. **Rev. Pistis Prax. Teol. Pastor**. Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009.

KUZMA, César. **Da esperança à teologia da esperança: uma reflexão sobre o caminhar da esperança cristã em Jürgen Moltmann**. São Bernardo do Campo: Caminhando, 2008.

KUZMA, César. **A esperança cristã. Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p.165. 2007

KUZMA, César. **O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica**. São Paulo: Paulinas, 2014.

LAMBERIGTS, Mathijs. (dir.). **et al. 50 anos após o Concílio Vaticano II: Teólogos do mundo inteiro deliberam**. São Paulo: Paulinas, 2017.

LEITE, Francisco. **Da apatia à compaixão: O sofrimento da Criação e o sofrimento de Deus em Cristo segundo Jürgen Moltmann**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Teologia. Porto Alegre. p. 96. 2008.

LIBÂNIO, J. B; BINGEMER, M.C. **A libertação na história. Escatologia Cristã**. Col. Teologia e Libertação. Série III. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARTINELLI, R.A.V; LIMA, A.S. As chaves hermenêuticas da Escatologia de Jürgen Moltmann. **Rev. Teologia e Espiritualidade**. Faculdade Cristã de Curitiba. Curitiba, Vol.4, nº 08, p. 39-51. Dez/2017

MOLTMANN, Jürgen. **A vinda de Deus: Escatologia cristã**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. **Ética da Esperança**. Petrópolis: Vozes.2012.

MOLTMANN, Jürgen. **O Caminho de Jesus Cristo**. São Paulo: Academia Cristã, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado**. Santo André: Academia Cristã, 2020.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e reino de Deus: Uma contribuição para a teologia**. Petrópolis: Vozes. 2011.

MORI, Geraldo. **Crise, metamorfoses e ressurgimento da escatologia nas sociedades modernas e supra-modernas**. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia - Escatologia Cristã – 2012/II.

PAIVA, José. **A “Revolução Copernicana” na Lumen Gentium: reviravolta eclesiológica do vaticano II**. Dissertação (Mestrado em Teologia). Universidade Católica de Pernambuco. p,167. 2018.

PIRES, Anderson. **A HERMENÊUTICA POLÍTICA DA ESPERANÇA DE JÜRGEN MOLTMANN EM DIÁLOGO COM A ESPIRITUALIDADE NEOPROTESTANTE BRASILEIRA: O BINÔMIO SAÚDE E DOENÇA COMO UM NOVO PARADIGMA HERMENÊUTICO DE TEOLOGICIDADE**. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia Instituto Ecumênico de Pós-graduação. São Leopoldo.p.292. 2007.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio de Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RENDERS, Helmut. **Ética da Esperança de Jürgen Moltmann**. **Rev. Caminhando**. Universidade Metodista de São Paulo. v. 17, n. 2, p. 157-162, jul./dez. 2012.

ROCHA, Zeferino. **Freud entre Apolo e Dionísio: Recortes Filosóficos, Ressonâncias Psicanalíticas**. São Paulo: Loyola; UNICAP, 2010.

SILVA, Edgar. **A responsabilidade da esperança. A Teologia da Esperança e a trajetória ensaiada por Jürgen Moltmann**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Religião). Faculdade de Teologia. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. p.112. 2017.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico Português**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

VELIQ, Fabrício. A Pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann. **Rev. Caminhos**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 245-258, jan./jun. 2019.